

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - MESTRADO

OS GAVIÕES DA FIEL E A ÁGUIA DO CAPITALISMO

OU O DUELO

BENEDITO TADEU CÉSAR - Junho de 1981

Orientador: Prof. Dr. Rubem César Fernandes

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

"Ser corintiano é o estágio seguinte a ser paulista. É uma resignação furiosa, nada tem a ver com futebol. Torcer pelo Corinthians é uma maneira de não desistir."

(Luis Fernando Veríssimo, citado por Ângeli - "Sai da Frente Fariseu" in Livrão Quadrinhos Versus, 1977)

Ao Pablo e ao Tiago,
meus filhos,
por existirem.

À Olga
pela convicção,
pela honestidade,
pela força
e pelo afeto.
Por ter sabido me fazer
voltar a acreditar.

AGRADECIMENTOS:

Devo agradecer aqui a todos aqueles que contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

Os débitos maiores ficam, sem dúvida, para com os colegas e professores do conjunto de Antropologia Social da UNICAMP, principalmente nas figuras dos Doutores Rubem César Fernandes, meu orientador, de Peter Fry, com quem muito discuti esta dissertação, e na de Carlos Rodrigues Brandão, grande incentivador do trabalho.

À Dora de Souza Thedrus, colega do mestrado, que nunca deixou de me enviar recortes e sugestões, meu agradecimento.

Ana Maria Doimo César, ex-companheira, colega de mestrado e professora no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), levantou, através dos arquivos da Folha de São Paulo 10 anos da história do futebol em São Paulo, no Brasil e, principalmente, a presença dos Gaviões da Fiel na imprensa durante o período compreendido entre 1968 a 1978; a ela sou grato.

Com Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira, também colega de mestrado e do curso de Comunicação na UFES, pude, muitas vezes, discutir a forma desta dissertação, o que muito contribuiu para sua apresentação atual. A ela também, por tudo, meu agradecimento.

José Luiz Nadai e Elvira Costa de Oliveira, também cientistas sociais, companheiros desde a graduação na F.F.C.L. de Rio Claro/S.P., acolheram-me em sua residência durante os períodos de pesquisa de campo. Noutras oportunidades, durante o mesmo trabalho, Geraldo Giovani, amigo e professor desde Rio Claro, atualmente na UNICAMP, e sua esposa Maria Lúcia Giovani, graduada também

em Ciências Sociais, foram meus anfitriões. Com eles todos pude, quando os fatos ainda estavam quentes, discutir e, sob suas observações críticas e isentas de quem está menos envolvido, refletir melhor sobre o que vivenciava, captava e sentia.

Por terem podido me suportar tenho uma dívida de gratidão sempre maior por meus pais e meus filhos. Os primeiros' porque, além de tudo, souberam sempre me respeitar, mesmo nos momentos críticos do trabalho e nas muitas crises de desânimo e incertezas, encontrando sempre um meio de inventivar-me. Os últi-mos, pelo fato mesmo e simples de existirem, foram sempre estímulo suficiente para a própria vida e o trabalho consequente.

Agradeço ainda à CAPES pelos dois períodos de Bolsa de Manutenção que me ofereceu em 1976 e no primeiro semestre' de 1980.

Por uma dívida de vida devo agradecer aos médicos e amigos Guilherme J.B. Póvoa e Laerte de Vitória/E.S., às equi-pes médicas de Endocrinologia do IEDE/R.J. e do Hospital Briga-deiro de São Paulo e ainda à equipe de neurocirurgia do Hospital das Clínicas da USP. Especialmente devo agradecer aos Dr. Bernar-do Liberman e Raul Marino, respectivamente chefes das equipes de Endocrinologia do Hospital Brigadeiro e da Neurocirurgia do H.C./USP. Doutor Liberman além de médico soube ser amigo, assim como Renisa, Sandra e Armando. Sem eles, a interrupção de dois anos a que esta dissertação foi submetida, com certeza, estender-se-ia' por todo o sempre.

Ângela Maria Batista, Antropóloga e nova companhei-ra, que muito auxiliou na revisão do texto final e que contribu-
iu muito com seu incentivo e entusiasmo, meu agradecimento.

À Fátima, que datilografou esta dissertação e en-carregou-se da obtenção das cópias xerox, sou também grato.

Por fim, mas não com importância menor, devo re

gistrar minha dívida e minha gratidão aos Gaviões da Fiel. Eles,
mais do que ninguém, são os donos deste trabalho.

Benedito Tadeu César

Brasília/Junho/1981.

INTRODUÇÃO

Realmente parecia estranho e eu via-me sempre alvo da incredulidade e da chacota dos colegas quando expunha ou simplesmente me referia ao meu tema de dissertação do mestrado. Mais admiração causou ainda quando me lancei a coleta empírica dos dados de campo. Sair de Vitória, há mais de mil quilômetros de São Paulo com o objetivo de acompanhar junto aos Gaviões da Fiel as três últimas partidas do campeonato paulista da divisão especial de futebol nos anos de 1977 em pleno período letivo parecia piada ou, quanto muito, desculpa para não trabalhar. Foi isso que muitos pensaram e continuaram a pensar nos dois outros períodos de campo. No entanto eu já estava acostumado e fui em frente. Aliás, desde o momento em que me decidi pelo tema tive que enfrentar a incompreensão e a desaprovação da grande maioria. Pesquisar o lúdico, o informal, o descompromissado, o lazer, parece que é sinônimo de irresponsabilidade e de superficialidade.

Em uma das aulas do programa de pós-graduação em Antropologia Social na Unicamp eu tive a ousadia de propor a atuação dos torcedores de futebol como tema de pesquisa. Foi um assombro. Recebi como resposta a afirmação de que nós, os antropólogos, tínhamos que compreender que não apenas o "exótico", o "esquisito" e o "pitoresco" eram temas de pesquisa da Antropologia das sociedades complexas.

Concordei. Como aliás concordo ainda hoje e cada vez mais. Chega de pesquisarmos a "fauna urbana", a "marginália", os "balangandans científicos", as "filigranas acadêmicas". Por isso, exatamente, é que me dedicaria ao futebol e à sua torcida. Exóticos, pitorescos e esquisitos nem sempre são os temas das pesquisas. É o tratamento metodológico e o enfoque teórico que os revestem de seriedade, profundidade e objetividade ou os

transformam nos tais balangandans e nas filigranas estêreis. Um discurso pomposo e rebuscado nem sempre confere a um tema relevante a honestidade e a seriedade indispensáveis a um trabalho científico.

Argumentei e, embora talvez sem convencer totalmente, consegui fazer, pelo menos, respeitarem meu ponto de vista, ainda que momentaneamente. Uma preocupação, no entanto, tem me perseguido: qual o motivo desta discriminação, deste desprestígio e deste descaso em relação ao futebol? Não é preciso muito conhecimento nem, ao menos, muita observação e, nem sequer qualquer comprovação estatística para verificarmos que o futebol e as atividades a ele relacionadas são das atividades que mais despertam e mais prendem a atenção dos brasileiros. Independentemente de faixa de idade, de status social, de faixa de renda, de ocupação, de classe social, todos comentam futebol. Todos sabem de algo que lhe diz respeito. Ele é tema de conversas, de discussões e de brigas. Tem espaço reservado em todos os jornais, rádios e canais de televisão. Poucos são os que não se simpatizam, ao menos, com um clube qualquer.

Hã, no entanto, na razão inversa e proporcional ao interesse popular, um descaso e um desprestígio muito grandes com relação ao tema por parte da comunidade científica nacional. A intelectualidade brasileira, de maneira geral, o despreza. Relega-o a plano inferior. Minimiza-o. Futebol é, e quase sempre foi, sinônimo de alienação, de descompromisso, de malandragem. Prática de negros e desocupados. De incultos. Da massa e, portanto, passível de manipulação e controle.

Esta tem sido a postura "crítica" que lhe tem sido reservado com grande frequência. Nos anos recentes, no entanto, outro posicionamento tem se firmado. Este, entretanto, embora

situe-se em extremo oposto, nem por isso é menos distorcido e mascarador de sua realidade. Têm-no, agora, muitos analistas não sistêmaticos (aliás como os primeiros) como fenômeno contestador e criador de consciência. Dã-se um salto, invertem-se os argumentos e, como num passe de mágica, o que era negro fica vermelho. De mistificação, controle, manipulação e alienação para aqueles o futebol transforma-se, para estes, em elemento de consciência, vontade e determinação. Sinal dos tempos; frutos da "abertura" e dos "ventos democráticos", talvez. Produto da descoberta do povo e da corrida ao popular que assola parte da intelectualidade dita de esquerda, o futebol, como parte dos milhões de outras manifestações populares, ganhou status de grandeza. Ora, já que a realidade não muda a ponto de nos contentar e de satisfazer nossos anseios de transformação, mudemos nossa interpretação desta mesma realidade. Os fatos ora, os fatos que se adaptam às nossas convicções e aspirações. Traveste-se, portanto, mais uma vez a realidade, transmutando-a naquilo que aspiramos. Dormimos, assim, todos, mais uma vez felizes - mesmo que a realidade, para o seu próprio desespero e descrédito, seja outra muito diferente de nossos sonhos e ilusões.

Em qualquer dos casos o que fica evidente é um total desconhecimento dessa mesma realidade que tanto afirmamos conhecer, entender e interpretar. Pouco se tem escrito ou refletido cientificamente sobre o futebol no Brasil. Ele ocupa as páginas dos jornais e das revistas, os horários das rádios e das televisões, os comentários e os momentos de lazer seja como prática, mas principalmente como assunto, como "atividade de torcida", como foco de interesse. Como tema de preocupação intelectual, entretanto, quase nada foi feito. Monteiro Lobato (1959) dedicou-lhe alguns artigos em jornais, Mário Filho (1947) e João Saldanha

(), ambos jornalistas, dedicaram-lhes livros, mas foi Anatol Rosenfeld, significativamente quando ainda recém-chegado ao Brasil, quem dedicou-se mais profundamente a uma reflexão sobre ele produzindo um artigo que, só recentemente foi traduzido e publicado no Brasil (1974). Há ainda três teses sobre o tema geral futebol: uma produzida no Museu Nacional sob o título "O Futebol Brasileiro - Instituição Zero" e de autoria de Simoni Lahud Guedes. É, no entanto, um trabalho restrito que se atém apenas no âmbito de sua prática e projeção nos limites dos operários da fábrica de tecidos Bangü sem extrair daí as implicações maiores, quer históricas quer sociais que ele por ventura venha a ter. A outra tese, trata o futebol como um fenômeno linguístico. A terceira das teses, também do Museu Nacional, é de Ricardo Benzaquim, "Os Gênios da Pelota" e dedica-se ao estudo do jogador profissional. Soares (1979) publicou um artigo traçando relações entre futebol e teatro.* Há, ainda, produzidos no Brasil, alguns estudos na área da psicologia que se dedicaram ao tema. E, Myra y Lopez e Athayde Ribeiro da Silva (1964) escreveram Futebol e Psicologia e mais recentemente Gaiarça (1979) publicou Futebol 2001. Sérgio Miceli da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo também se preocupou com o tema mas não divulgou nada além de suas comunicações em reuniões da SBPC.

Enquanto, no entanto, a intelectualidade retirava-se de campo, o povo o invadia e, por seu turno, a imprensa o explorava. À par disso, sem alarde, mas de maneira sistemática e segura, as forças políticas e os aparelhos de Estado foram se achegando e ocupando o espaço.

As análises ficaram, então, a cargo do senso-comum. Ele é farto em interpretações. Para ele o futebol é congressamento, é festa, é alegria. É lazer, é prazer, é meio de ascensão social, é expressão de sua vontade e de sua alegria e sobretudo, é

momento de igualdade e de igualização. No futebol, é expressão corrente, no momento do gol, da vitória e enquanto se torce, não existem diferenciações sociais, não existem conflitos, não existem problemas. Esta é, inclusive, a imagem projetada e reforçada por grande parte da imprensa. O Futebol é momento de comunhão, de identidade, de borramento e de aniquilamento de tensões e de conflitos.

Curiosamente não há discordância quanto a essas características do futebol. Todas as correntes interpretativas não sistemáticas do fenômeno lhe reconhece estas qualidades. Tanto aqueles que vêem aí os aspectos da alienação quanto as que lhe imputam um caráter renovador são concordes quanto a este aspecto. O Futebol promove alianças, cria identidade, pauta condutas. Cada uma das correntes, entretanto, as interpreta segundo suas convicções teóricas, sejam elas políticas ou ideológicas. Falta-lhes, no entanto, parece-me, um conhecimento sistemático da realidade empírica. Os dados são, assim, pelo senso-comum fantasiados de postura crítica, manipulados dependendo do modismo e das inclinações, conjunções e oportunidades do momento e, o que é pior, servindo às mais diversas posturas políticas nem sempre manifestas e/ou quase nunca firmadas na vivência interna do fenômeno, na análise objetiva e no conhecimento pleno da realidade.

Vai-se assim, de um extremo a outro. Num, coloca-se o futebol como alienante e reforçador das estruturas e do sistema, como instrumento de manipulação e de controle. Noutra, apresentam-no como expressão da cultura e da vontade populares. Da crítica negativista passa-se às loas e ao ôba-ôba; tudo o que era negativo transforma-se em positivo. A meio caminho ficam aqueles que, aparentemente, não emitem opinião crítica - postura esta muito bem assumida pela imprensa. Para estes o futebol vale apenas como fato, como fenômeno, como acontecimento. Vale, na verdade, como reforçador e como afirmação do status-quo.

Têm-se, no entanto, em qualquer das posturas, atitudes paternalistas. A primeira, assumida pelos intelectuais presumidamente de vanguarda revolucionária, minimiza os valores e as qualidades próprias do fenômeno, transformando-os em vulgaridades e infantilidades. Consideram-no como futilidade, como fenômeno não sério, como algo espúrio que tem como única serventia e utilidade a manutenção da dominação e da exploração política, ideológica e econômica das massas. Os populistas, por sua vez, assumindo ao menos ao nível manifesto uma postura não menos revolucionária, atribuem-lhe características inversas. É a vontade popular, seus valores, suas convicções, seu protesto e sua insatisfação que se expressam em cada grito de gol, em cada quebra-quebra, em cada caravana de torcedores. Os xingos aos juizes, as invasões de campo, as vaias ou os aplausos, tudo é manifestação da vontade popular. São as massas que começam a fazer ouvir o seu clamor, dizem. "É a prova de força do povo". Pouco lhes importa os usos, as conseqüências e a utilização que o sistema faz disto tudo. O que vêem é apenas a expressão do que chamam de uma nova cultura que se contrapõe à cultura dominante; estabelecem uma dicotomia rígida e não referente como se ambas estivessem em campos opostos e não comunicantes. Metem no balaio de gatos da cultura popular, simplificando-os e rotulando-os, assim como ao próprio conceito de cultura popular, as manifestações, as criações, os valores e as características assumidas e desabrochadas através do futebol. Para estes, hoje, tudo o que venha do povo é autêntico, é revolucionário e é sábio e, portanto, deve ser incentivado e reforçado. Basta ser popular para ser bom, para estar perto da verdade - quando não se constitui mesmo na verdade absoluta e simples. Não se dão, no entanto, ao mínimo e primário trabalho de conceituar o que seja popular e o que seja cultura popular. Cer-

tamente, embora o afirmem, não estão trabalhando com os mesmos conceitos de que Gramsci se utilizava. Têm, frequentemente, confundido popular com popularesco e, como sô a eles é dado conhecer e portanto eleger o que seja popular-autêntico-revolucionário, incorporam a carapaça dos sábios, reservando para si próprios a exclusividade na justeza e na certeza das escolhas. Assumem, então, mais uma vez, embora o negando, sua vocação paternalista. Vocação esta, aliás, que não é exclusividade da intelectualidade dita "de esquerda". Ela é disputada com ardor pela direita, que o faz, entretanto, com maior qualhardia, assumindo o fato. Para estes, o futebol, se não é alienação (conceito incômodo e provocador) é malandragem, perda de tempo, coisa de desocupados, de incultos. Ou seja, é, também para estes, coisa do povo e, estes, ao contrário dos anteriores que o idolatram, lhe têm nojo! Povo para eles têm que ser reeducado. Nada do que é seu tem valor ou pode ser aproveitado. Sô a educação resolve os problemas desse País, dizem - sô que é a educação deles, definida por eles e administradas por eles.

Há ainda os ufanistas, não menos paternalistas e mistificadores. Para estes o futebol define o caráter nacional. É a prova da "raça" e do valor do povo brasileiro. Prova disto são as conquistas internacionais - os três campeonatos mundiais e o estilo brasileiro de jogar, inconfundível e inderrotável, segundo eles.

Assim, de um extremo a outro, da prática cotidiana pouco se pode apreender do que seja realmente o futebol enquanto fenômeno de massa, enquanto fato que interfere na vida social brasileira. Muito do que se tem é mistificação e uma mistificação que advém do desconhecimento e da desatenção. Como quase nada do que se refere ao futebol enquanto fenômeno de

torcedores está sistematizado e analisado, os dados disponíveis (eles mesmos não sistemáticos) são utilizados segundo os interesses do momento e de quem os utiliza.

Tornam-se, então, simples os objetivos deste trabalho. Pretende-se apenas explicitar alguns aspectos do futebol enquanto fenômeno de manifestação coletiva, centrando sua análise nas características e peculiaridades de uma determinada torcida organizada: os Gaviões da Fiel. Através de um acompanhamento intensivo de seus integrantes e atividades procura-se traçar um perfil histórico desta torcida, localizando-a historicamente e socialmente, assim como aos seus membros. Procura-se entender sua dinâmica interna, suas relações com o exterior, suas condicionantes e suas ramificações. Sua interferência, sua influência e os condicionamentos pelos quais passa. Não se tem a pretensão ou a veleidade de esgotar o tema ou de abordá-lo em sua totalidade. Muito pelo contrário, restringe-se a análise a uma única torcida, procurando traçar sua identidade e situá-la no contexto mais geral do qual faz parte. Dessa forma, ao lado das informações e indagações estritamente ligadas ao futebol e às atividades das torcidas foi forçoso lançar-se mão de materiais referentes aos conceitos de modo de produção e formação sociais, bem como aos contextos sociais, econômicos, políticos e históricos da sociedade brasileira do momento analisado. Foi preciso ainda entender e explicitar, mesmo que superficialmente, as transformações e as características da industrialização e da urbanização brasileira e de São Paulo, para que se pudesse focalizar, numa ótica clara, o objeto do estudo.

O futebol, ou melhor, a manifestação da torcida de futebol, adquire, então, uma outra feição. Não é mais exótica ou pitoresca. Não é mais também popularesca, em nenhuma de suas

facetas analíticas. Conquista um universo e características próprias. É relevante aqui, destacar a constatação de que o futebol, ao contrário do carnaval, do samba, da umbanda, das festas, dos jogos e da religiosidade popular, nunca foi considerado ou tratado como folclore. Os folcloristas, que tanto se esforçaram em suas interpretações estáticas e ideológicas, em registrar e quiçá perpetuar as manifestações populares em suas formas tidas como autênticas e puras, nunca se aventuraram ao campo de futebol. Isto é, acredito, uma prova de que o futebol, enquanto fenômeno de torcida, é ele próprio um fenômeno peculiar e característico posto que dinâmico e não passível de enquadramento rígido. A medida que o social se transforma, as características e o comportamento das torcidas também se modificam não respeitando as formulações acadêmicas daquilo que é puro ou impuro, autêntico ou espúrio. É claro que ele sofre as pressões, as coações e as manipulações das forças que estão à sua volta. Há nele, entretanto, e como produto deste mesmo conflito com as forças externas, uma dinâmica própria que lhe confere, talvez mais do que nos fenômenos citados acima, a característica e a peculiaridade do popular enquanto fenômeno que congrega e abarca a multiplicidade das tensões reais do meio no qual se manifesta. É esta, portanto, a postura e a definição de popular utilizada aqui. É a expressão e a síntese dos conflitos. É neste sentido que a manifestação da torcida é entendida aqui como fenômeno popular. É popular aquilo que expressa a sua própria tensão na tensão da relação do conflito com o meio do qual faz parte. Ou, por outras palavras, o popular tem a característica de expressar as contradições que lhe são próprias na relação que estabelece com os elementos de seu próprio universo; seja esse universo o seu próprio âmbito interno, seja a rela

ção estabelecida com a realidade externa imediatamente referente ou não. Ou seja, o popular é entendido como uma entidade que expressa o conflito que se encontra estabelecido entre ele e o mundo exterior e é nessa relação entre interior e exterior que ele próprio se molda assumindo suas características. É sempre, pois, uma relação dinâmica e dialética.

Deve-se fazer ainda uma outra distinção quanto ao que se refere ao conceito de popular. Ele não deve ser entendido como a manifestação dos interesses ou dos objetivos de uma determinada classe social. Não nos referimos, quando utilizamos as expressões cultura popular ou manifestação popular, às práticas, interesses ou objetivos explícitos ou não, conscientes ou não, reconhecidos ou não de qualquer classe social nos termos definidos pela tradição marxista. Não estamos, em nenhum desses momentos, nos referindo a qualquer coisa de semelhante à consciência do proletariado. Quando nos referimos ao popular, como formulação genérica, temos em mente o que se tem convencionalmente chamado de camadas populares ou subalternas. Ou seja, todos aqueles que não participam da administração do poder dominante seja ele econômico, político ou ideológico. Não há assim, de forma genérica e globalizante, um interesse único e um objetivo unificante das diversas tendências e facções. A identidade e a identificação depende de alianças e unificações que correspondem aos objetivos do momento e às condições presentes às situações dadas. Haverá sempre que se pensar em manifestação popular ou em cultura popular, algo que una e unifique e cimente as relações e os interesses entre os diversos segmentos. A diversidade de propósitos e posturas, de comportamentos, de atos e interesses será sempre uma de suas marcas características. Ela não pode ser, portanto,

pura ou estável. Como já foi dito ela tem sempre que ser a própria manifestação do conflito; a expressão dos diversos interesses que se chocam e entram em tensão no seu interior e no exterior. Cultura popular e cultura dominante não são pois, entidades dicotomizadas e estáticas, cada qual com seu âmbito e universo de ação e de atuação. Pelo contrário, uma atua e interfere sobre a outra num modificar-se constante. Uma possui, incorpora, atrai e repele elementos da outra modificando-a e modificando-se, alterando-a e alterando-se.

É nesse sentido que entendo o popular no futebol. É nesse sentido que ele é uma manifestação da cultura popular. As relações das torcidas, seja em âmbito interno sejam em âmbito externo, são sempre relações de tensão e conflito. É assim que elas constroem sua identidade e sua história e é assim que elas conseguem seu espaço de atuação. É assim pois, que elas mantêm suas relações com o todo social: modificando-o e sendo modificadas, alterando-o e sendo alteradas, manipulando-o e sendo manipuladas por ele.

É aqui, então, que começamos a encontrar a chave para o problema do futebol. O porquê da desatenção para com ele. O porquê do descaso. Por que um distanciamento tão grande e profundo entre aquilo que é o tema mais geral do "papo" e a preocupação mais corriqueira do povo e seu quase desconhecimento por parte daqueles que, teoricamente, deveriam refletir sobre ele? Acaso não cabe ao intelectual refletir, depurar e dar forma crítica às preocupações e reflexões populares e do senso-comum? Refletindo como Gramsci, não nos parece ser outra a missão do intelectual senão a de dar forma crítica às expressões, preocupações e anseios populares.

Temos visto ao longo dos anos, e a história da pes

guisa social no Brasil é uma prova disto, um interesse crescente pelos temas populares. Entretanto, acompanhando o encaminhamento geral e tradicional, a intelectualidade brasileira continua quase que exclusivamente voltando sua atenção ao que poderíamos chamar do "mundo do trabalho"; às atividades tidas como sérias. O máximo que se faz, em termos da ampliação desse horizonte é estendê-lo até as práticas religiosas ou, quando muito, no limite extremo da heresia, do comportamento sexual. As práticas do mundo considerado "não sério", o lazer, a diversão, são desprezadas ou abordadas como curiosidade, como exotismo, como quebras e como fugas do cotidiano. Há uma dicotomia e uma dicotomização crescente entre o Mundo "sério", o mundo "real" e o mundo "não-sério" ou mundo "extra-cotidiano"; o mundo do trabalho e o mundo do lazer. O lúdico foi expulso da vida do homem. Classificam-se, então, os trabalhos entre os do mundo sério e os do mundo espúrio. E seus resultados, conseqüentemente, o produto desses trabalhos, porque já impulsionados de saída por esse caminho e por essa ótica, desaguam sempre nas mesmas duas fontes. São frutos, então, da mesma distorção, e refletem esta mesma distorção. Além disso, e em decorrência também desse mesmo fenômeno mas ligando-se ainda a aspectos mais específicos, temos, no caso do futebol, um outro da relevante. A resposta de por quê não se estuda futebol enquanto fenômeno de massa no Brasil e, portanto, dentro de uma visão política científica e abrangente, como fenômeno político, é simples e aterradora: não se estuda futebol exatamente porque ele é um fenômeno popular e de massa. Porque ele é um fenômeno político. Porque ele é um fenômeno político de massa. Por isso ele é espúrio. Por isso ele é um fenômeno menor e não sério.

Intelectuais que somos, saídos das camadas médias da população, temos medo e resistência a nos misturarmos com o

povo e suas aspirações mais simples e comezinhãs. Tudo aquilo que é manifestação legítima das massas se nos apresenta como algo a ser refutado, banido e até deturpado, conscientemente ou não. O lúdico, o não sério, é visto como atividade menor, como desvio, como alienação. É a visão totalitária incorporada pela intelectualidade que pode ser traduzida na expressão: "trabalhador tem é que trabalhar". Por trás disso está a ideologia dominante que impregna até a mais "engajada" posição de esquerda pequeno-burguesa. Quem é o trabalhador senão o povo? Ora, então ele, se quer romper com as amarras que o subjugam e exploram "tem mais é que trabalhar mesmo", só assim ele se libertará. Tudo o que fica, nesta visão caolha e vesga, fora dessa atividade e desse mundo, é desvio, é alienação. No entanto, alienação e desvio é não ver a dimensão política imanente às manifestações espontâneas do próprio povo. Nem tudo que é político tem que ser necessariamente revolucionário e rompedor das estruturas, por mais escorchantes e repressivas que elas sejam. O não fazer, a dolência, o descaso, o "malandrismo" são armas do fraco. Não são armas eficientes nem revolucionárias, mas são armas. Menores, sem dúvida neste caso, mas armas. É prova de miopia, senão de estrabismo, caolhismo ou vesguisse, não encher-gã-las. É assim também com o samba e o carnaval. Manifestações legítimas e inequívocas das potencialidades populares que, por muito tempo, foram alvo da violência policial, do Estado e da população privilegiada e, inclusive, da própria intelectualidade. Samba, durante muito tempo, foi "coisa de malandro", de "desempregado", e carnaval sempre foi "coisa de marginal". Há bem pouco tempo que esses preconceitos foram superados, inclusive pela intelectualidade.

Quanto ao carnaval e ao samba, a própria violência do Estado, expressa através de sua política e sua censura, são pro -

vas de sua dimensão e potencialidades políticas, assim como a incorporação por parte do sistema a que eles foram vítimas. Os estudos de Da Matta (1977) sobre o carnaval e de M.S. Goldswager sobre a Mangueira (1975) apesar de não particularmente interessados no tema deixam entrever e apontam sugestões para tais conclusões.

O futebol, no entanto, assim como a quase totalidade de outros fenômenos afetos à área do lazer e desenvolvidos pelas massas têm-se conservado, ainda, como temas de interesse menor, como distorções e desvios. As festas populares, as canções, os contos, os jogos têm sido vistos como folclore, mas no sentido mais popularesco e desprezível do termo. Como salienta Renato Ortiz (1979) temos ficado sempre entre dois extremos: ou a negação de seu valor enquanto fenômeno político-cultural significativo, ou no ôba-ôba inconsequente de um ufanismo populista. E é este, então, um novo problema. Trata-se, hoje, de valorizar a cultura popular, no sentido de respeitá-la e, respeitando-a, tornar possível o processo de seu entendimento e compreensão. Ela tem que ser revalorizada e esse processo de reconhecimento só é possível através de um mergulhar dentro dessa cultura. Entendendo, compreendendo, assumindo e respeitando seus valores. Assumindo-a. É, pois, um processo de assunção dessa cultura. Só com isso é possível realizar um salto valorativo e qualitativo. Ou seja, só assim, partindo de dentro e a partir de seus próprios valores, normas e estrutura é possível desencadear um processo de auto-superação - pela assunção e incorporação de outros valores e normas que não se choquem com sua própria estrutura interna. Não se trata, assim, de um mero movimento de aceitação e de super-valorização do popular, que é uma prática populista e demagógica com a qual passamos apenas a manipulá-lo segundo nossos in-

teresses dominantes. Quando se passa a valorizar o popular pelo simples fato de ser popular se está assumindo uma postura reacionária, por mais que se afirme o contrário. Nesta visão distorcida, quase mística, o que era antes inculto, desinformado, manipulado e conservador passa a ser revolucionário, progressista e sábio.

Tem-se que conhecer, entender, compreender e amar a cultura popular para que se possa superá-la. Esta é a missão do intelectual comprometido com a causa popular e revolucionária. Assim, da mesma forma como não se deve procurar transformá-la sem conhecê-la, posto que a adulteraríamos através de um processo autoritário e impositivo, da mesma maneira não podemos aceitá-la passivamente, reivindicando-a perfeita e acabada. O povo não sabe tudo, nem tem respostas e soluções (nem mesmo os meios, os caminhos e os instrumentos) para todos os problemas. Fosse assim a ciência não mais teria razão de existir e todas revoluções já teriam se realizado. É preciso, isso sim, que encontremos os caminhos para promovermos - junto com o povo - o seu auto-conhecimento. E, um processo de auto-conhecimento, de reconhecimento, implica, também, na delimitação das limitações, das falhas e dos limites. Implica na depuração, no aprofundamento, no aprendizado e no aperfeiçoamento. Implica até, muitas vezes, num reposicionamento, em redefinições, em mudanças de rumo ou seja, em transformações profundas - até mesmo estruturais. O que é necessário é estar dentro, conhecer e compreender de dentro, por dentro e a partir de dentro, para poder superar e transformar. Isso implica ainda, em detectar as limitações, as distorções e as manipulações.

Chega de ôba-ôba! O povo não sabe de si. Ele tem, isso sim, em sua própria cultura e em seu próprio seio os elementos e os instrumentos para o auto-conhecimento e para o fazer-se agente de sua própria história. É preciso, então, trabalhar nesse sen-

tido organizando, conscientizando, despertando para a auto-superação. Na sua própria cultura estão os indicativos desse conhecimento. É preciso, no entanto, despertá-los para que eles possam florescer e se auto-superar.

É, realmente, um processo de assunção, mas que se dá, no que se refere à cultura popular, nos dois sentidos: de auto-assunção e de assunção da cultura dita erudita ou das elites, aproveitando das duas o que lhe convém. Tem-se que reconhecer que a cultura popular, por ser subalterna, é mais facilmente manipulada segundo os interesses das elites o que, quase sempre, lhe confere um caráter e uma ação reacionária. Não reconhecer isso é assumir, mesmo que por ingenuidade e ignorância, o mesmo papel e a mesma postura das elites, condenando o povo e a sua cultura à mesma manipulação pretendida, assumida e exercida pelas tais elites.

Tem-se que reconhecer sempre que os processos culturais são sempre dinâmicos e dialéticos. Assim não se tem, num mesmo modo de produção e até numa mesma formação social, culturas estanques, distintas e isoladas. Assim é que a cultura popular e subalterna está, ela própria, mesmo em conflito com a cultura dominante (e por isso mesmo, em contato com essa mesma cultura, influenciando-a e sendo por ela influenciada. Mas, posto que é uma cultura subalterna e dominada, será muito mais por aquela influenciada e controlada do que a transformará e imporá a ela os rumos de sua transformação.

É dentro desta percepção que se desenvolve este trabalho. Ele está dividido em duas grandes partes teóricas. Numa, procura-se demonstrar como o torcedor, frente a estrutura global e mesmo ao nível interno das torcidas organizadas é manipulado e tem sua atuação e visão ^{de} do mundo controladas e determinadas pelos mecanismos e instrumentos dessa mesma estrutura global. E, por outro lado, na segunda grande parte, procura-se demonstrar também como

ocorre o inverso. Ou seja, como o torcedor consegue burlar essa dominação e esse controle, impondo sua própria visão e, na ação conjunta, constrói seu próprio universo de visão e de atuação.

Procura-se, assim, romper com as posturas que tendem a focar e a privilegiar sempre apenas um ou outro lado da questão. Acredito, dessa forma, que esta dissertação se coloca não como uma visão conciliadora mas, por certo, polêmica da questão e que envolve, inclusive, toda uma postura crítica face à realidade. Não basta, a meu ver, desvendar os mecanismos da dominação, da manipulação e do controle. Nem, por outro lado, podemos cair no ufanismo da exaltação pura e simples do popular e de suas formas instintivas e débeis de resistência sem reconhecer-lhes os erros e as limitações. Considerá-lo puro e inequívoco é retirar dele suas qualidades humanas; é menosprezá-lo e aviltá-lo. É evidente que temos que nos aproximar do povo e de suas coisas. Só assim recuperaremos estas "coisas" e, só assim este mesmo povo poderá se conhecer e se auto-reconhecer passando a construir ele próprio sua história. Isso, no entanto, só será possível se este mesmo povo for entendido em sua real significação, ponderando-se ambos os aspectos da questão e não apenas reforçando ou reivindicando, em nossas análises, os aspectos que nos agradam.

A ciência só tem sentido quando ela é renovadora e quando se propõe, através da transformação, a superar as visões falsas e distorcidas e, assim, contribuir para a construção de um mundo real mais justo e igualitário. Isso, no entanto, só é possível através de uma visão crítica desta mesma realidade e, isto, por sua vez, só se consegue através da ponderação e da análise de todos os aspectos desta mesma realidade.

O material etnográfico que se segue é riquíssimo. Muito se poderia retirar dele. Muito mais do que eu retirei. Há ali, campo farta para as interpretações simbólicas, de ritual e de iden

tidade. Preferi, no entanto, efetuar um corte interpretativo que privilegiasse a análise ligada ao campo da ideologia e da política. Tal postura, que foge um pouco ao posicionamento mais tradicional da Antropologia deve-se ao fato de, não menosprezando os demais aspectos, considerar, hoje, como uma primeira etapa mais relevante, mais urgente e mais próxima de minhas preocupações, uma investigação que se iniciasse por uma visão mais abrangente do fenômeno. Finda esta etapa, acredito serão mais fáceis, mais férteis e mais fecundas as demais pesquisas que, talvez até sobre o mesmo material levantado, procurem esmiuçar no seu âmago as relações próprias ao fenômeno em questão.

Por fim, e é bom que se esclareça desde já, ao encerrar-se esta dissertação, por certo restarão grandes dúvidas. A maior delas talvez se refira a questão das atividades das torcidas serem alienantes ou formadoras de consciência. Acredito que não caberá em parte alguma deste trabalho uma resposta conclusiva e final a este problema. Se couber, eu não a tenho. O que se procurou fazer aqui foi demonstrar os diversos usos a que são submetidas as torcidas organizadas e seus membros e, em contrapartida, os usos que essas próprias torcidas e seus membros fazem do futebol e de seus usos. Parece-me que esta é mais uma forma de se viver. Quem ganha, ao final e na verdade, eu não sei dizer. Ou, por outra, sugiro, embora sem grande convicção, na frase final deste trabalho.

RELATO

ERA BOM NÃO ARRISCAR

Eu nunca fui corintiano, nem grande torcedor de futebol, apesar de admirá-lo. Por que, então, me locomovia... mais de mil quilômetros, deixando afazeres, alunos e familiares a fim de passar cerca de dez dias acompanhando três partidas de um time que nem é o meu e arcando com uma despesa que pesaria em meu orçamento?

Por mais incrível que isso possa parecer, a explicação fica mesmo por conta de minha atividade profissional. Quer dizer, eu iria tirar dez dias de "férias", assistindo jogos, gritando, correndo, bebendo e conversando, sob a justificativa de que estava trabalhando. E de fato estava. Aqueles dez dias foram extenuantes.

Sai de Vitória, onde sou professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, com o objetivo de estabelecer um primeiro contato e acompanhar os torcedores do Sport Club Corinthians Paulista durante as partidas finais da Divisão Especial do Campeonato Paulista de Futebol de 1977. Faziam já 22 anos que aquele time não conquistava o campeonato e seus torcedores estavam impacientes. A imprensa previa acontecimentos e manifestações imprevisíveis caso o time vencesse. Era certo, segundo ela, que São Paulo pararia. A Secretaria de Segurança Pública elaborava esquemas especiais de policiamento e segurança para a população. Quem saberia de que os corinthianos seriam capazes? Era bom não arriscar.

Assim que cheguei a São Paulo, após uma noite indormida num ônibus mal cheiroso e apertado, comecei a procurar a sede do "Grêmio Gaviões da Fiel" - a que eu sabia ser a maior torcida

organizada não só do Corinthians, mas do Brasil. Minhas indicações, conseguidas em jornais velhos, era de que ela se localizava na Rua Santa Efigênia, bem no centro da cidade. Não era. Havia se mudado dali.

As bancas de revistas e jornais, os carros e as janelas das casas da sisuda São Paulo estavam ornamentadas de bandeiras. Nos jornais, ocupando grandes espaços nas primeiras páginas e nos cadernos, o assunto era um só. O motorista do táxi foi logo dando sua opinião. Nos bares faziam-se apostas. Tinha-se a impressão de que toda a cidade seria palco de uma grande comemoração nacional. A diferença era de que as bandeiras não eram de nação alguma e nem o assunto; as manchetes e as notícias referiam-se a qualquer tema considerado tradicionalmente de interesse nacional. Falava-se mesmo era de futebol e, principalmente, falava-se do Corinthians. As bandeiras, óbvio, eram também as do time. Do "timão", como ele é chamado.

Parei numa daquelas bancas procurando obter a informação de que necessitava:

- Você sabe para onde se mudou a sede dos "Gaviões"?

Enquanto fornecia o troco ao freguez que comprava um disco com o hino do "timão" o rapaz respondeu:

- Não, ô meu. Eles tão sempre por aqui. Agora, onde é a sede deles eu não sei não. Pergunta ali naquele bar que eu vejo eles sempre lá.

Antes de me retirar fiquei olhando os discos, as bandeiras, os chaveiros, os selos plásticos, as fitas para cabeça, as faixas de "campeão" e até um cinzeiro em forma de calhambeque tudo com o nome Corinthians impresso.

No bar obtive a informação e dirigi-me então para o bairro do Bom Retiro. Na Rua Carolina Tomás, 183, bem pertinho da Marginal do Rio Tietê, no mesmo bairro onde foi fundado o Corin -

thians, submersa sob uma imensa bandeira branca e preta, encontrei a sede do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida Unida. Num terreno alugado da EMURB (Empresa Municipal de Urbanização) ergue-se uma pequena construção de dois andares onde funciona a secretaria/tesouraria na parte térrea e, na superior, o quarto do zelador e o depósito de bandeiras. À esquerda de quem entra, numa construção comprida, ficam os vestiários, uma pequena sala para depósito e oficina de instrumentos da bateria, um galpão para festas e uma sala para jogos e reuniões. Bem à frente existe uma quadra de futebol de salão que é usada também para os ensaios do bloco de carnaval da própria torcida, as festas para arrecadar fundos ou comemorar vitórias ou mesmo para estacionamento dos carros dos associados em dias de jogo do timão.

Alguns rapazes conversavam em frente a porta da entrada. Dos carros e caminhões que passavam, vendo a bandeira, seus ocupantes invariavelmente gritavam alguma observação. A maioria era de incentivo, mas mesmo a essas as respostas dos garotos eram sempre agressivas:

- Ô puxa-saco. Deixa de frescura ô seu!...

Chegavam mesmo a ameaçar com pedras que, aparentemente, não tinham a intenção de utilizar.

Passei pelos rapazes que olharam interessados para minha enorme bolsa e meu gravador - com certeza julgando-me um repórter - e entrei. Na secretaria/tesouraria, entulhada por uma escrivaninha e correspondente, máquina de escrever e fichário, além de um arquivo e um armário de aço, cercados por paredes repletas de cartazes, fotos, distintivos, selos e faixas do Corinthians e dos próprios Gaviões, só havia um rapaz de cerca de 18 anos. Fábio, que cursava o Colegial. Havia, obviamente, "matado" a aula e estava dando seu trabalho voluntário na tarefa de vender ingressos pa

ra o jogo da noite, atender aos interessados em associar-se ao Grêmio, receber mensalidades e anotar os recados deixados para os diretores. Começamos a conversar. E a conversa foi o Corinthians, o jogo, o campeonato e os Gaviões. Sobre a mureta da janela havia um rádio de pilhas sintonizado na "Jovem Pan". O noticiário do dia era o jogo. Transmitiam-se entrevistas com jogadores, com o técnico, com populares e com dirigentes do clube. Equipes volantes estavam localizadas no centro da cidade, nos bairros, nas proximidades do estádio do Morumbi e até em Campinas, cidade do Ponte Preta, o time adversário. Dela também partiam transmissões com técnico, jogadores, dirigentes e populares. Até dos postos de policiamento rodoviário, com seu contingente aumentado, e da sala do secretário de Segurança Pública, partiam informes regulares. Na rodoviária e nos postos de abastecimento e restaurantes da via Anhanguera, que liga Campinas a São Paulo, também haviam repórteres e seguiam "flahs" jornalísticos. A cada nova notícia Fábio aumentava o volume do rádio e interrompia a conversa, que só era reiniciada após nova regulação no som. Então ele passava a emitir sua opinião e a argumentar sobre o que havíamos ouvido.

Como além dos Gaviões eu tinha muito interesse também na "Camisa 12" - que é a segunda maior torcida do Corinthians com cerca de 3 mil sócios e que mantém uma grande hostilidade com os Gaviões, passei a conduzir a conversa e a dirigi-la para as atividades daquela torcida. Fábio, incontinentemente, negou que houvesse qualquer rivalidade entre as diversas torcidas do mesmo time, mas não se conteve em fazer críticas à "Camisa";

- A gente gosta de todas. São todos corinthianos. Domingo passado até nós estivemos na Barra Funda ajudando na fundação de uma torcida de lá. O bom era que cada bairro tivesse sua torcida. O importante é incen

tivar o Corinthians. Agora, o pessoal da "Camisa" é que se acha o maior. Têm mania de grandeza. Nós temos uns '5 mil sócios, põ. Quer dizer, agora a gente já até perdeu a conta. Com o final do campeonato to do mundo quer ser Gavião. Toda hora chega gente prá se filiar. Como é que eles vem dizer que são os maiores? E aqui, ô, é tudo controlado, tá? Todo dinheiro que entra é anotado. Não tem confusão, não. O Cláudio chega aqui de tarde e confere tudo. Depois publica o balançete. Ninguém ganha nada. Agora, na "Camisa" eu não sei, né... O Presidente deles não trabalha, não faz nada... De onde ele vive? Tem cara que quer se promover através do Corinthians, então funda uma torcida e os bobocas sustentam ele. ' Aqui não. O Presidente da "Camisa" já foi Gavião. Hoje ele nem entra aqui. A gente não deixa. Quando é para resolver algum assunto com eles a gente resolve através da Associação (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo : ATOESP).

Como eu não sabia ainda quem era Fábio e qual seu cargo na torcida e como, por outro lado, ele também não soubesse quem eu era, nem o que pretendia, achei que antes de fazer novas perguntas e parecer um bisbilhoteiro, deveria esclarecer meus propósitos. Quando acabei de falar percebi que ele entendera muito pouco do que ouvira. Mesmo assim respondeu-me que achava que não haveria problemas, mas que eu deveria conversar com um diretor:

- O Cláudio hoje vem mais cedo. Todo dia ele chega aqui lá pelas 5 horas. Mas hoje ele vem às 2. Daí ' você conversa com ele e ele te dá uma resposta, ou então arruma pra você conversar com a diretoria. Aqui

tem muita coisa pra você estudar. Todo dia tem jornalista aqui.

Quando lhe perguntei sobre a constituição da torcida, Fábio foi categórico:

- Olha, aqui tem de tudo. Todo mundo é igual. Rico, pobre, estudante. Até o Presidente do Corinthians, o Matheus, é sócio. Mas aqui ele é um sócio como qualquer um: tem que respeitar a diretoria. Aqui tem gente de todos os bairros de São Paulo, do interior e até de outros Estados. E todo mundo é igual - ninguém manda mais nem tem frescura de ser melhor que os outros.

Nossa conversa foi interrompida diversas vezes por pessoas que chegavam. Alguns queriam ingressos, outros queriam "ficar sócio" e outros compravam selos plásticos ou cartazes iguais aos que cobriam as paredes - todos, selos e cartazes, sobre o Corinthians ou sobre os Gaviões. Alguns discos também foram vendidos. Principalmente o do hino do Corinthians - um compacto simples - e o elepê gravado pelos Gaviões com músicas de seu bloco de carnaval e, inevitavelmente, com o hino em ritmo de samba. Numa folha de papel almaço Fábio ia anotando o dinheiro que recebia. Quando alguém queria comprar a camisa do uniforme dos Gaviões ele explicava logo:

- Só ficando sócio. E só depois de assistir a reunião de sábado à tarde.

Se insistiam ele arrematava:

- Quem vende as camisas é o Cláudio. É só ele quem tem a chave do armário. Nem o presidente pode vender sem ordem dele. E ele só vende depois da reunião e só pra quem é sócio e assiste ela inteira. Se você quiser bonezinho, selo, disco ou cartaz eu posso vender, mas a camisa é só com o Cláudio e depois de ficar sócio e ter assistido a reunião.

Um dos pretendentes argumentou:

- Pô, eu sou do interior. Vim aqui só pra ficar sócio e pra assistir o jogo. Não vou ficar até sábado e queria ir no jogo de hoje com a camisa.

- É, mas não dá. É o Cláudio quem resolve. Vem aqui mais tarde, quando ele chegar.

- E depois de refletir um pouco:

- Deixa eu ver seu documento. Sendo do interior ele vende, mas só falando com ele.

Esse diálogo foi esclarecedor. Percebi imediatamente que era indispensável que eu me filiasse ao Grêmio. Só sendo um deles, vestindo-me como um deles, é que teria condição de ser visto como um igual e, assim, ter condições de penetrar e entender seus valores e representações.

Pedi uma ficha de inscrição e a preenchi. Quando cheguei no item "mensalidade" indaguei sobre a importância exigida e Fábio explicou-me:

- Olha, o mínimo é de 5 cruzeiros, mas cada um dá quanto quer. Põe 5 mesmo que é o que a maioria dá.

- Tem gente que dá mais?

- Tem. Tem nêgo que dá cinquenta, cem depende... Mas tem muitos também que nunca pagam ou que deixam atrasar e depois pagam tudo de uma vez. Se o cara fica um ano sem pagar a gente corta ele de sócio. Tem uns caras que ficam sócio, fazem a carteirinha, compram a camisa e depois não aparecem mais. Nem pra pegar a carteirinha. Daí a gente tira eles e não aceita mais. E se a gente consegue, ainda tira a camisa. Até a força, se a gente vê eles no estádio.

- E a minha camisa, quando é que eu posso comprar? Eu

queria ir no jogo hoje com ela.

- Ah, só falando com o Cláudio. Mas acho que ele não vai deixar.

- Mas por quê? Eu também não sou daqui. Moro em Vitória.

- É, mas você vai ficar até sábado, dia da reunião, não é? Então, depois da reunião você compra!

Era-me muito importante ser identificado o mais rapidamente possível como Gavião. Estar no meio deles vestido com roupas comuns criaria mais uma barreira entre eu e eles e isso dificultaria ainda mais meu trabalho. Insisti.

- Pô, mas eu queria ir hoje, já, com a camisa...

- Sei não... cê fala com o Cláudio. Explica prá ele. Olha, faz o seguinte: Deixa um documento seu com ele até o sábado depois da reunião. Quando ela acabar você pega ele de volta. Assim, quem sabe, ele vende a camisa ainda hoje.

Enquanto nós conversávamos eu fazia ginástica para ligar e desligar, aumentar e diminuir o volume do gravador que, por precaução, estava escondido na bolsa. Eu não sabia qual seria sua reação sabendo que suas palavras e informações estavam sendo gravadas e acreditava que isso poderia tolher sua naturalidade e espontaneidade. Com o passar do tempo e com a amizade que fui criando com os associados mais ativos pude, gradativamente, utilizar o gravador em certas ocasiões especiais - como entrevistas formais ou na "reunião dos sócios novos" ou seja, a reunião do sábado à tarde. Na grande maioria dos casos e situações, no entanto, preferi abandoná-lo já que isso identificava muito o meu trabalho com o dos repórteres que constantemente os entrevistavam. Entusiasmados com a oportunidade de serem notícia, todos sempre queriam conceder entrevistas à imprensa. Isso, no entanto, longe de facilitar

minha pesquisa, apenas atrapalhava, já que, ao nível da imprensa, quase sempre as respostas vinham prontas e as explicações uniformizadas - talvez pela grande experiência no trato com jornalistas e na pequena variedade de pontos questionados. Dessa forma meu gravador era muito mais utilizado pelos próprios Gaviões do que por mim. Muitas vezes, para alegria de alguns associados, eu o guardei na secretaria/tesouraria. Isso possibilitava que eles gravassem suas próprias conversas - o que às vezes foi-me muito útil e, principalmente, ouvissem músicas nos cassetes que eles próprios traziam de casa já com essa intenção.

Já sócio dos Gaviões, resolvi almoçar e visitar os amigos que me hospedariam durante minha estada em São Paulo. Eram pouco mais de 2 horas da tarde quando retornei à sede dos Gaviões. Cláudio, que era o tesoureiro, já havia chegado. É um rapaz gordo que usava barba e cabelos longos. Tinha 23 anos e era noivo. Hoje já casou. Sua esposa é uma "gaviã" e auxilia também na administração da torcida.

Fábio apresentou-me a ele e foi logo dizendo o que eu queria. Sua reação foi de desagrado.

- Pô, mais um sociólogo? Sociologia virou moda agora, né? Cê também vai querer explicar porque a gente gosta de futebol e depois concluir que futebol é alienante? A gente torce por um time porque gosta. Porque desde criança gostava. Os pais e os amigos da gente levam a gente a torcer por um time. Não tem nada prá explicar. Com esse negócio de fazer tesezinha vocês querem fazer a gente engulir de tudo. Vêm aqui, passam um dia com a gente, vão numa excursão e depois acham que já conhecem tudo e que podem explicar tudo.

Vendo que podia terminar ali minhas possibilidades de pesquisa e trabalho com os Gaviões, resolvi apelar. Segurei-me na-

quilo que, no momento, pareceu-me o melhor caminho para defender meu trabalho num nível que Cláudio pudesse entender e não aprofundar o questionamento. Eu queria me abster de qualquer argumentação que pudesse provocar discussão. Deixei, então, de lado todas as críticas que trago comigo sobre a arbitrariedade da divisão acadêmica das ciências e, ainda por cima, passei a defender a Antropologia. Apelei e apelei feio:

- Olha, cê tem razão. Mas eu sou antropólogo, não sociólogo. Eu pretendo conviver com vocês durante algum tempo. Conhecer todo o pessoal...

Acontece que Cláudio não se deixava convencer tão facilmente:

- Eu faço economia na PUC. Já estudei sociologia e antropologia. Conheço esse negócio.

Não sei até que ponto Cláudio conhece mesmo e onde iríamos por ali. Minha sorte foi que Fábio tomou minha defesa e de maneira atropelada foi logo dizendo:

- Olha, Cláudio, ele até já ficou sócio. Ele quer também ver os arquivos e os livros de atas. Será que dá pra arrumar uma camisa pra ele? Ele vem na reunião de sábado mas já quer usar ela hoje.

Ante a recusa de Cláudio eu apressei-me a oferecer minha carteira de identidade como garantia de que participaria da "reunião dos sócios novos". Diante disso, depois de uma certa indecisão, ele concordou. Deu-me a camisa mas recusou-se a receber os cinquenta cruzeiros em seu pagamento:

- Quando você pegar o documento, depois da reunião, você paga.

Com o passar do tempo e com minha assiduidade de frequência na sede e nas atividades, sua desconfiança diminuiu sensivelmente, mas foi-me sempre difícil conseguir dele próprio

informações ou depoimentos pessoais. Sempre que eu o procurava para obter esclarecimentos, ele me indicava outro diretor ou, então, afirmava que todas as informações de que eu necessitava e que ria saber estavam publicadas, ou em vias de serem, pelo jornal dos Gaviões. Fossem informações financeiras, fossem à respeito da história do Grêmio. De fato, "O Gavião", um jornal editado por eles próprios, com uma tiragem de 100 mil exemplares e de distribuição gratuita em bares, bancas e entre amigos e associados, publica mensalmente o balancete da diretoria, um resumo da história daquela torcida organizada, além de cartas, crônicas, fatos da história do Corinthians, reportagens e comentários, e também, com bastante frequência, críticas, principalmente à diretoria do Corinthians. Outro assunto frequente são entrevistas com associados e jogadores, onde se procura dar uma visão não só de sua atividade profissional mas também de sua vida pessoal. A pesquisa neste jornal foi-me muito útil, porque deu-me a dimensão e a possibilidade de compreendê-los através de seu próprio discurso e atividades e de sua racionalização sobre os fatos. No entanto, os dados fornecidos pelo jornal nem sempre são objetivos e, portanto, quase sempre foram insuficientes para uma compreensão mais abrangente dos Gaviões. Tive necessidade, sempre, de contrapô-los à minha própria observação e reconstrução histórica dos fatos.

O rádio de pilha continuava ligado e, agora, transmitia do Parque São Jorge, estádio do Corinthians..Lá estava sendo realizada uma sessão de Umbanda, na capela do santo que empresta o nome ao estádio, patrocinada por uma fábrica de velas com a intenção declarada de propiciar a vitória do Corinthians naquela noite. Cláudio indignou-se:

- Essa diretoria do Corinthians é uma porra mesmo .
Onde já se viu essa palhaçada? Não tem nada a ver...
o que esses caras querem é se promover às custas do

Corinthians. Todo mundo quer fazer nome em cima do Corinthians. E a diretoria deixa. Essa fábrica de velas tá é querendo vender seu produto. O Corinthians é a melhor marca que existe e vende qualquer coisa. Tá vendo essa vela aí - e apontou para uma enorme vela, dessas de "sete dias", em preto e branco e com o distintivo do Corinthians ao redor. É isso que eles querem vender. Já estiveram aqui. Querem nos dar trezentas velas para que a gente saia em procissão com elas, no sábado à noite. Vão levar a televisão, os jornais, as rádios. Uma palhaçada. E se o Corinthians dá um azar e perde? Quem é que aguenta a gozação depois?

- Ô Cláudio, perguntei, e a camisa dos Gaviões? Não tem nenhuma firma querendo comercializá-la?

- Tinha. Mas nós não deixamos. Ela é fabricada exclusivamente para nós. Temos o registro da marca e do símbolo. Ninguém pode usar o nome "Gaviões da Fiel" e nem nosso símbolo. Teve umas malharias aqui do Bom Retiro que se atreveram a fabricá-la comercialmente. Nós abrimos processo e elas pararam de fabricar. Nosso objetivo não é ganhar dinheiro em cima do Corinthians. Nosso objetivo é promovê-lo. Deixá-lo ainda maior do que ele é. Por isso, quando tem que fazer crítica, a gente faz. Quando a diretoria faz essas palhaçadas a gente tem que ser contra. O que estraga o Corinthians é sempre sua diretoria. Por isso ele não foi campeão até hoje. Vinte e dois anos... o Corinthians vinha sendo roubado e mal administrado. Agora, com o

Matheus, as coisas estão melhores. Ele pôs ordem na quilo. E tã aí. Vamos ser campeões.

Cláudio estava nervoso. Inflamado. Misturando raiva, desprezo e alegria. Nem se dava conta de que estava sendo contraditório. Ao mesmo tempo em que criticava a diretoria, segundos depois a elogiava.

Eu ainda não havia comprado ingresso para o jogo da noite, nem sabia como me locomover até o estádio do Morumbi onde ele se realizaria. Fábio informou-me que sairiam 3 ônibus dali da sede e que eu, como Gavião, podia ir num deles:

- Sai um às 6 (dezoito horas), outro às 6 e meia e outro às 7.

- Mas o jogo não é às 9 (vinte e uma) horas?

- É, mas se não chegar cedo não pega lugar. Aquilo vai estar cheio!

CÊ PENSA QUE CORINTHIANO É BOBO?

Após pagar meu ingresso saí para conhecer melhor a sede e conversar com as pessoas que iam chegando. Era uma multidão que queria "ficar sócio", comprar ingressos ou começava a se preparar para o jogo picando papéis, arrumando instrumentos da bateria, verificando as bandeiras e os bambús que lhes servem de cabo. Lá fora os garotos ainda continuavam a conversar e a mexer com os ocupantes dos carros. Comentavam entre si a respeito do puxa-saquismo dos que passavam:

- É, agora, todo mundo é Corinthiano. Quando o Corinthians tã numa boa, todo mundo torce pra ele. Ser Corinthiano na vitória é fácil. O duro é aguentar o tranco e incentivar quando o time tã numa pior.

Outro argumentou:

- Cêis sabem que tem um vereador que tá propondo na Câmara que o prefeito decrete feriado se o Corinthians ficar campeão? O filho da puta tá querendo se reeleger em cima da gente. Aposto que nem é Corinthiano...

Lã dentro, no pátio, enquanto picava o papel que se ria jogado quando o Corinthians entrasse em campo, um garoto de quatorze anos explicava:

- Pô, eu tô que num me aguento. Se o Corinthians ficar campeão eu nem sei o que faço. Eu nunca vi o Corinthians campeão. Pra mim são quatorze anos de sofrimento... Em setenta e quatro, quando da final com o Palmeiras, eu fiquei doido. Quando o jogo acabou eu entrei no meio da torcida deles. Tava com a bandeira do Corinthians e tava chorando. E eles na maior alegria. Pulando, cantando e eu chorando. Eu tava sozinho, porque tinha fugido do meu pai, e ninguém tocou em mim. Eles respeitaram a minha tristeza.

Começaram, então, a recordar a partida final do campeonato de 74 e todos foram unânimes em atribuir à Rivelino a responsabilidade pela derrota. Até aquela data Rivelino era o maior ídolo corinthiano. Chamavam-no de "O Garoto do Parque", numa alusão ao Parque São Jorge, estádio e clube corinthiano, onde Rivelino começara sua vida profissional. Os torcedores em 1974 acreditavam que ele poderia conduzir o time à vitória. Como isso não aconteceu, acusaram-no de ter se acovardado e temido a violência do adversário. Ficou tão desprestigiado frente à torcida que pouco depois teve seu passe vendido para o Fluminense do

Rio de Janeiro, onde também foi ídolo da torcida. Não obstante isso, mais o fato dele ter integrado as Seleções Brasileiras de Futebol de 1970, 1974 e 1978 e hoje ter se transferido para um time do Oriente Médio, numa das mais vultuosas transações do futebol brasileiro, Rivelino ainda é visto pelos corinthianos como um "covarde".

Durante a tarde toda muitos repórteres dos jornais locais estiveram entrevistando os gaviões. Todos queriam falar e tinham prognósticos para o jogo. Eram unânimes em afirmar que o Corinthians ganharia, e fácil. Mesmo diante da argumentação dos repórteres de que a Ponte Preta tinha realizado uma "campanha muito melhor do que o Corinthians durante o campeonato" - em número de vitórias e "regularidade de atuação" de seus jogadores, eles não se assustavam.

- O Corinthians vai lá e ganha. O Brandão (o técnico) conseguiu unir o time. Deu espírito de luta a eles. Agora eles não tremem mais numa decisão. Não é igual a 74 não.

Saí à rua. Ali, ao lado de seu táxi, Nivaldo dava uma entrevista ao Jornal da Tarde:

- Não, hoje eu não trabalhei. Nem amanhã, se o Corinthians ganhar. Hoje é só Corinthians. Olha só a caranga; tá toda enfeitada; olha que beleza - e mostrava seu carro com uma enorme bandeira estendida e amarrada sobre o capô. Enquanto isso o fotógrafo do jornal batia chapas. Ele fazia pose junto ao carro e insistia em saber:

- Vai sair mesmo amanhã? É no Jornal da Tarde, né? Eu estava cansado. Eram muitas informações para um só dia de "campo". E a noite ainda teria o jogo e as comemorações.

rações em caso de vitória. Por maior que fosse a animação geral eu não conseguia superar o meu cansaço. Precisava dormir. Já não aguentava mais ficar ali. Fui a um bar próximo comer algo e ouvir outras conversas. Foi inútil. Comida havia, mas a conversa era a mesma. Uma dezena de Gaviões comentava a futura "vitória inevitável". Conformei-me. Quando voltei já eram cerca de cinco horas da tarde. Nivaldo, mais uma acompanhante, também gaviã, preparavam-se para sair. Estavam já a caminho do Morumbi. Animei-me com a idéia. Afinal, pelo menos o ambiente seria outro e eu teria oportunidade de acompanhar a chegada dos Gaviões ao estádio. Nivaldo convidou várias pessoas para ir com ele, mas ninguém aceitou. Esperei ser convidado, mas não fui. Talvez o fato de não ser seu conhecido inibisse. Quando ele já estava entrando no carro aproximei-me e daí fiquei sabendo o motivo da recusa de muitos:

- Posso ir com vocês?

Ele ficou um pouco atrapalhado:

- É que eu vou passar pelo Anagabaú e pegar mais gente lá. Uns dois ou três cara.

Estranhei. Afinal ele estivera até aquele momento oferecendo condução para o estádio. No entanto resolvi não insistir:

- Tá legal. Se você vai pegar mais gente e vai ficar apertado, não tem problema. Eu espero o ônibus e vou com o pessoal.

- Não, é que os caras me dão umas vinte pratas e ajudam na gasolina...

- Por isso não. Eu te dou as vinte e vamos juntos.

- Sobe aí.

O trajeto até o centro e daí até o estádio foi uma loucura. No toca-tape do carro Nivaldo colocava, num volume ensurdecedor, a gravação do jogo Corinthians x Guarani - também da cidade

de de Campinas, como a Ponte Preta e quando o "timão" quase foi desclassificado do campeonato. Junto com isso, apenas abaixando o volume, ele ligava o rádio para ouvir as transmissões da Jovem Pan e da Globo-Nacional. Quando passavam outros carros com bandeiras do Corinthians ele fazia a buzina soar e se solidarizava com seus ocupantes. Àqueles que demonstravam um ar de reprovação ele logo gritava:

- Campineiro... Bicha campineiro... campeineiro!

Transformava, dessa forma, a cidadania do time adversário em desonra. E, pelo tom da acusação, da mais grave que podia existir naquele momento. É claro que a grande maioria dos acusados, se não a totalidade - não era proveniente de Campinas. Eram paulistanos mesmo. Nivaldo aliava à "ofensa" de "campineiro" à de "bicha" que se liga, também, à Campinas no consenso popular. Assim ele aliava duas ofensas ao mesmo adversário, além de aproveitar uma das acusações mais usadas em futebol que são as relacionadas à sexualidade.

Em alguns momentos ele diminuía o volume do rádio e do tape, ou então mudava o lado da fita. Nesses momentos ele aproveitava para falar da torcida contrária:

- Tão falando aí no rádio que vem 100 ônibus de Campinas. Que a "Macaca" (apelido da Ponte Preta) vai trazer uma torcida muito grande. Frescura. A gente sai com eles no braço. Quero ver campineiro fresco se metera no estádio. A gente quebra eles.

Quando chegamos ao Anhangabaú, de onde saíam ônibus especiais para o estádio, ele parou ao lado do carro de reportagens da Globo-Nacional. Dois rapazes estavam acabando de serem entrevistados. Ele os chamou:

- Vamos pro Morumbi? Dá dez pratas para cada um e

a gente toca pra lã. É muito melhor do que pegar ônibus e sai quase o mesmo preço.

Depois de rápida conversa entre eles, os rapazes aceitaram o convite. Até o estádio pouco se falou, já que o rádio e o tape não davam oportunidade. Os rapazes apenas comentavam comigo que, "esse cara é doido" e riam.

Quando paramos num sinal de trânsito e veio um garoto nos vender uma bandeira, Nivaldo foi logo dizendo:

- Ô meu, cê num tá vendo a minha bandeira aí na frente? Essa é muito melhor do que a sua. Já levei ela em muito jogo e já briguei por ela. Essa sua é fajuta. Bandeirinha de fresco. Quanto é que custa essa aí? Duzentos e cinquenta paus? Mas era cinquenta outro dia mesmo... Como é que subiu assim?

- Bom, agora é final de campeonato, né... é Corinthians, né...

- Ah, e porque é Corinthians cê acha que a gente é bobo, é?!

Quando chegamos ao bairro do Morumbi, Nivaldo modificou os insultos que lançava. Os moradores que saíam de suas casas ou que apareciam nas janelas eram invariavelmente, xingados de "Bambi". Quando eu lhe perguntei por que ele explicou:

- Olha, aqui só dá são paulino e são paulino é tudo fresco, viado. Então a gente chama eles de bambi. Agora, palmeirense é Porco. Quem inventa esses apelidos é o Cláudio. A gente começa a xingar eles de um nome e depois todo mundo no estádio tá chamando eles desse nome.

Noutra ocasião perguntei ao Cláudio a razão dos apelidos. Ele, como sempre, disse que não tinha motivo nenhum. Eram apenas xingamentos.

Quando estávamos à cerca de 500 metros do estádio Nivaldo começou a procurar um local para estacionar o carro:

- Vou deixar aqui em cima porque lá os caras vão querer cobrar pra gente poder parar.

Encontrou uma vaga num terreno baldio e manobrou. Quando estávamos saindo do carro chegou um sujeito e falou:

- Ô amizade, é trinta cruzeiros pra deixar o carro aqui.

- Como trinta? É sempre dez e lá em baixo ainda!

- É, mas hoje é dia de Corinthians...

- E eu com isso? Vão deixar aqui e não vou pagar nada, tá legal? E se você frescar muito eu ainda chamo o guarda e te entrego. Trinta pratas uma ôva.

- Ô amizade, eu sou trabalhador... tô querendo levantar o meu...

- E eu não sou trabalhador? Dô um duro danado e vou deixar trinta pratas só pra parar aqui? Cê pensa que corinthiano é bobo?...

Como a moça que o acompanhava insistisse para que ele tirasse o carro dali, ele cedeu. Fomos procurar vaga noutro lugar. Os rapazes resolveram ir a pé. Quando já estávamos a uns duzentos metros do estádio Nivaldo encontrou outra vaga. Parou o carro e ficou observando quando o guardador se afastava. Vendo que não estávamos sendo observados ele manobrou e saímos rápido do carro, sem pagar nada. Nivaldo foi logo dizendo:

- Com o dinheiro que eu ia pagar esses caras eu tomo um mêsinho...

Como eu não entendesse ele explicou:

- Cachaça, pô. Vamos tomar uma?

Tomamos várias e cada um pagou sua conta.

Ô, Ô, Ô, GAVIÃO CHEGÔ!

As ruas ao redor do estádio, apesar do bairro residencial da classe alta paulista, pareciam um mercado, tantas eram as barracas de venda de "mê", cachorro quente, cerveja, sanduiches, batidas, faixas e fitas de "campeão", além de camisas, bonés, chapéus, bandeiras e um sem número de artigos, todos com cores branca e preta e o nome Corinthians.

Ficamos no portão de nº 9 de acesso às arquibancadas até que os ônibus dos Gaviões começassem a chegar. O primeiro trouxe, além dos torcedores, cerca de trinta bandeiras. Enquanto alguns as arrumavam, colocando-as em seus mastros de bambús, outros já as desfraldavam e, agitando-as, anunciavam a chegada dos Gaviões. Alguns torcedores não filiados aos Gaviões, curiosos, se achegavam a nós. Ficavam fora da roda mas bem próximos. Outros olhavam de longe, mas quase todos nos notavam. Alguns Gaviões, levando bandeiras, principalmente as que ainda estavam enroladas, entraram no estádio a fim de assegurar e demarcar o espaço tradicionalmente ocupado pelos Gaviões. Cada torcida tem, através de acordos estabelecidos durante as reuniões da ATOESP, sua área própria ou seu "espaço" dentro dos estádios. Uma outra torcida organizada do Corinthians - que inclusive se auto-atribuiu a característica de ser a "única torcida organizada desorganizada do Corinthians" - tem o seu nome tirado do local onde sempre se reúne no campo: numa das curvas da arquibancada. Seu nome "Torcida da Curvinha".

Chegaram os outros ônibus. Neles vieram a bateria e seus componentes, além dos demais Gaviões. Estes são os que se reúnem na sede e de lá vão para o estádio. Muitos, no entanto, vão direto ao estádio, só se juntando aos demais momentos antes do jogo. A Bateria uniu-se às bandeiras e os Gaviões deram seu grito de guerra: "Ôôô Gavião chegô!. Ôôô Gavião chegô! Corinthia! Corinthia!" e embalaram uma batucada violenta enquanto agitavam bandeiras e os populares se achegavam. Muitos dos torcedores autônomos, ou seja, aqueles que não pertencem a nenhuma torcida organizada, não se continham e procuravam, por qualquer motivo e desculpa, "puxar assunto":

- Pô... bonita essa camisa, hejm? Como é que a gente faz pra conseguir uma?

- Eu posso ficar sócio?

Depois, com a bateria embalada e as bandeiras ao vento, subimos lentamente a rampa que dá acesso às arquibancadas. Só parou a batucada durante os rápidos momentos em que os guardas verificavam os instrumentos à procura de rojões escondidos. Já dentro do estádio, quando chegávamos às arquibancadas, novamente o grito de guerra: "Ô,ô,ô Gavião chegô! Ô,ô,ô Gavião chegô! Corinthia! Corinthia! ".

Já era noite. Quando chegamos ao local dos Gaviões, muitos já se encontravam ali. Eram os que tinham chegado nos primeiros ônibus e já tinham entrado e os que tinham ido diretamente de suas casas ou trabalho para o estádio sem passar pela sede e, portanto, sem se utilizar dos ônibus fretados. Essa é uma prática comum. Muitos Gaviões só se unem à torcida organizada durante os jogos, nos estádios, indo raramente à sede. Entre as garotas este é um procedimento bastante comum. Sua presença na sede,

ou na quadra, como muitos a chamam, numa denominação que a aproxima da dada às sedes das Escolas de Samba, restringe-se às rodas de samba e aos ensaios do Bloco Gaviões da Fiel, tricampeão do carnaval paulistano.

Além do jogo, duas coisas me impressionaram bastante durante aquela noite no estádio: o número de brigas entre os próprios corinthianos antes do jogo e que se intensificava à medida que se aproximava o início da partida mas que cessou durante e após o jogo e o comportamento das garotas gaviãs.

Começemos com as brigas. Elas irrompiam do nada e acabavam também no nada. É evidente que minha análise é parcial e restrita. Afinal ela só abrange a área ao alcance da minha visão dentro do estádio. Mas, pelo que pude ver e anotar, dentro do perímetro que pude observar, surgia uma briga a cada quinze minutos, no início. Depois elas foram surgindo a cada vez em intervalos menores, até que a cada cinco minutos surgia uma briga nas imediações. Eram apenas uns poucos tapas, xingamentos e ponta-pés que nem sempre acertavam os envolvidos. Os que estavam próximos logo se encarregavam de acalmar os exaltados e tudo se resolvia. No máximo chegavam a afastar os brigentos alguns metros, separando-os entre os torcedores. Essas brigas, a julgar pelo alvoroço, as aglomerações e correrias que se percebia em toda a torcida, surgiam no estádio todo. De repente percebia-se uma agitação, um corre-corre, um vazio entre a massa humana que se tornava menos compacta por instantes. Raramente algo de mais grave acontecia.

Essas brigas, na grande totalidade, envolveram sempre corinthianos que se desentendiam entre si. Quase sempre por uma discordância quanto a qualidade de um jogador, um comentário sobre um jogo passado, uma atitude do técnico, ou, por outro lado, um gracejo dirigido por um desconhecido à namorada ou "paquera".

Das 65.806* pessoas presentes no estádio naquela noite, somente uma parcela irrisória era constituída de torcedores da Ponte Preta. Os corinthianos se encarregavam, além disso, de impedir que eles tivessem acesso às arquibancadas, confinando-os às gerais e, mesmo assim, apenas à área atrás de um dos gols. O policiamento não foi suficiente para garantir aos pontepretanos o direito de atingirem outros locais no estádio. Dessa forma, devido a desproporção entre as torcidas e ao confinamento de uma delas, as agressões entre ambas não chegaram a envolver indivíduos. Limitaram-se aos xingamentos mútuos que uma torcida, em câoro, dirigia à outra e aos rojões que, indistintamente, uma atirava na outra. A polícia, no entanto, conseguiu impedir que elas se confrontassem diretamente. Assim, as brigas pessoais e corporais limitaram-se, em sua maioria, aos próprios corinthianos entre si. Não notei, no entanto, nenhuma briga entre torcidas organizadas. Ocorreram, isso sim, brigas entre elementos de uma mesma torcida, assim como entre muitos torcedores autônomos entre si ou entre estes e indivíduos de torcidas organizadas. Nestas o autônomo sempre leva desvantagem, já que basta um indivíduo de uma torcida organizada se envolver numa briga para, imediatamente, muitos outros colocarem-se ao seu lado, mesmo sem saber o motivo ou até sem conhecê-lo. Basta a identificação através do uniforme para que muitos estejam dispostos a apoiá-lo.

NÃO CONTA NADA, SENÃO VAI SER MUITO RUIM PRÁ NIM LÁ

Quanto às garotas e ao seu comportamento, confesso que, em plena São Paulo, esperava outra situação. Como se verá no relato a moral sexual gayiã é bastante rígida e machista. No está

* Some-se a este número, mais 2.773 menores que não pagaram ingresso.

dio, no entanto, há uma certa liberalidade que beira o grotesco.

Uma garota gaviã, morena, vestida com a camisa do Grêmio, com cerca de 18 anos e que acompanhava a bateria tocando pandeiro vinha um pouco afastada dos demais. De repente ela começou a bater com o pandeiro num rapaz. E batia e xingava. Imediatamente muitos Gaviões, principalmente os da bateria e que são os mais fortes e "brigadores" dentre os Gaviões, foram ao seu socorro. Quem estava perto apanhou. O rapaz e todos os que estavam por ali, mesmo os que procuravam separar a briga foram expulsos das imediações. Enquanto a garota passava por mim um Gavião ao meu lado perguntou-lhe:

- O que aconteceu?

Ela imediatamente, sem qualquer inibição, respondeu em altos brados:

- Aquele fresco passou a mão na minha bunda. Tá pensando que eu sou biscate?

Pois é, "passou a mão na bunda" e apanhou. Ela, por sua vez, aproveitou a oportunidade, ao ser questionada e informou a todos o ocorrido. A partir daí até o início do jogo e ainda durante o intervalo, muitos a procuraram para maiores esclarecimentos. Depois de informados, eles próprios, carinhosamente, também acariciavam sua bunda e não apanhavam, nem provocavam brigas ou reação de desagrado. Isso era feito à vista de todos mas as carícias eram discretas e mal disfarçadas em leves tapinhas.

Outra Gaviã, também uniformizada, loira, do comércio, com cerca de 20 anos e muito irrequieta, que conversava com todos e nunca parava no lugar, num dado momento, já durante o jogo, estava sentada dois degraus à minha frente. Os rapazes dos degraus acima começaram a jogar bolinhas de papel amassado sobre ela. Levantando-se furiosa ela falou aos berros:

- Ô filho da puta!... por que não vai tacar papelzinho na buceta de sua mãe? aquela rombada...

Imediatamente todos começaram a rir e ela também. Quando ela tornou a se sentar, os papéis recomeçaram ainda com maior intensidade.

Tanto essas duas garotas quanto outras menos espalhafatosas têm os seus "paqueras de estádio". Eles encontram-se no estádio, assistem ao jogo juntos, beijam-se, abraçam-se, o rapaz compra amendoins e refrigerantes e finda a partida despedem-se, indo cada um com sua "turma" para casa ou para outras atividades, no comportamento típico dos garotos da década de sessenta e de suas namoradas das sessões de cinema de domingo à tarde. Com a única diferença de que aqueles garotos e garotas nunca tinham mais de quatorze/dezesseis anos.

Mulher tem que ser virgem. Esta é a concepção gaviã. Seja na visão dos homens seja na das mulheres. "Mulher que não é virgem não casa", disse-me uma delas - funcionária da caixa de um supermercado de bairro -, confessando que levava muitas cantadas e que, "já que todos acham que eu "dou", inclusive porque sou Gaviã, qualquer hora eu "dou" mesmo".

- Eu não "saio" com ninguém. É claro que eu tenho vontade. Qualquer hora eu começo a dar e pronto. Mas e depois?... e se eu não caso?...

Um dia eu a levei para casa, após um dos jogos. No portão, sem me convidar para entrar, ela teve a precaução de me prevenir de que eu não deveria contar nada "para os outros" Gaviões.

- Aquele pessoal é muito falador. Se eles souberem que você me trouxe para casa, ainda mais sabendo que você é casado, eu vou ficar falada lá. Não conta nada, senão vai ser muito ruim pra mim lá. Pra você não. Não tem problema, mas pra mim tem.

ABRACEI E BEIJEI TAMBÉM

Quando o Corinthians entrou em campo foi um delírio. Rojões, papel picado, serpentinas, agitar de bandeiras - tantas que levantando-se os olhos não se via o céu. As baterias tocavam freneticamente e o grito da massa era um só, numa só voz:

- Corinthia! Corinthia! Corinthia! É Campeão! É Campeão! É Campeão!

Foram tantos os rojões que o ruído se estendeu por cerca de 4 minutos e uma densa nuvem de fumaça, qual uma neblina, espalhou-se pelo estádio todo. Olhando-se para todas as partes do estádio não se via o público, mas apenas bandeiras num movimento constante. Tinha-se a impressão de que cada torcedor tinha uma e a usava. Eram de todos os tamanhos, formatos e tecidos mas em todas estavam presentes as cores preto e branco além de trazerem pregado o distintivo do Corinthians ou alguma referência a ele.

Com a entrada da Ponte Preta, o comportamento foi também ruidoso. Só que agora de desaprovação. Os pontepretanos, em minoria, receberam seu time com rojões, bandeiras, gritos e batucadas, mas foram abafados pelos gritos e batucadas dos corinthianos.

Os juizes, ao contrário do que acontece normalmente, foram recebidos com aplausos. Era um dia de festa e não valia a pena se indispor com os árbitros logo de saída. Era preciso cativá-los para que não prejudicassem o time, diziam.

O jogo transcorreu normalmente. Como qualquer jogo decisivo foi nervoso, com a torcida incentivando seus jogadores. A Ponte Preta, apesar de ser um time considerado pequeno frente ao Corinthians, não se intimidou e mostrou bom futebol. Quando Paolino marcou o gol, o estádio explodiu em comemorações. A cufo -

ria foi tanta que poucos notaram que aquele foi um gol incomum. Foi marcado com o rosto e não com a cabeça, como muitos pensavam. Palhinha chutou e Carlos, o goleiro da Ponte, rebateu. A bola bateu no rosto de Palhinha e entrou. Só pela televisão em casa, pelos jornais ou ouvindo os comentários das rádios é que se ficou sabendo do detalhe do "gol de cara". Ali, no momento do gol, não se viu nada além da bola, da rede e da festa.

Quando dei por mim estava sendo abraçado e beijado por todos os que estavam ao meu redor. Um sujeito muito forte que estava ao meu lado levantou-me nos ares. Abracei e beijei também. Nova nuvem de fumaça, fruto dos milhares de rojões queimados, cobriu o estádio. Com loucura, as bandeiras eram agitadas. As baterias endoidesseram e não pararam mais. Todos gritavam:

- É Campeão! É Campeão!

Depois do gol o Corinthians procurou manter o resultado, prendendo a bola e atraindo o adversário para o seu próprio campo para daí partir em contra-ataques. A torcida, que normalmente reclama desse tipo de jogo, estava satisfeita:

- O Brandão sabe o que faz. Esse jogo é nosso.

O estádio todo, ou quase todo, gritava:

- Corinthia! Corinthia! Corinthia!

E batiam os pés na arquibancada, num movimento ritmado que dava a impressão de um desmoronamento.

Um mulato muito feio aproximou-se andando devagar e falando baixinho:

- Sou campeão... Sou campeão - e as lágrimas rolavam em sua face. Ele estava feliz, por isso chorava. Abraçava a todos e beijava as mulheres.

O Corinthians ganhou. O estádio começou a se esva-

siar. Apenas os Gaviões ficavam. Esperamos que quase todos saíssem. Só quando o estádio já estava semi-deserto, quando nossas bandeiras e instrumentos já estavam bem acondicionados é que saímos. Este é um hábito Gavião: chegar entre os primeiros e sair entre os últimos. "Assim evita confusão e brigas", disse-me um diretor.

Os Gaviões, junto com os demais torcedores, foram comemorar a vitória. Dirigiram-se ao centro da cidade, nas avenidas São João e Paulista, principalmente. Alguns foram também para a sede e começaram a comemoração por lá. Só pararam pela madrugada. Rolou muita cachaça, muito samba e muita animação. A festa tomou conta da cidade. Corinthianos e não corinthianos comemoravam a vitória do "Timão". Eram 22 anos de espera, de sofrimentos, como todos afirmavam. Todos tinham um motivo para "ser corinthiano" naquele momento.

Ô PAI, PEGA UMA PRA MIM, PEGA...

Quando saímos do estádio, dei um jeito de não acompanhar os Gaviões. Meu cansaço era enorme. Já era cerca de meia noite e eu precisava dormir. Meu corpo doía e minha irritação era muito grande. O peso da bolsa e do gravador, carregados à tira-colo desde as 8 horas da manhã, já era insuportável. Decidi-me por não acompanhá-los nas comemorações. Haveria mais um ou dois jogos ainda. Não faltaria a oportunidade. Procurando um pouco mais de sossego, tomei o primeiro ônibus dos muitos que foram colocados especialmente para transportar os torcedores voluntários ao Anhangabaú. De lá sairiam os outros que os levariam aos bairros e suas casas. Lutei por uma vaga e a consegui. Arrumei até um lugar para me sentar no ônibus lotado. Tão lotado que as pessoas mal podiam se mexer lá dentro. Só não consegui sossego que era o que mais me faltava naquele momento. O comportamento dos torcedores voluntários, como pude comprovar ao acompanhar alguns outros jogos, é muito mais violento e liber

to que o dos torcedores componentes das torcidas organizadas.

O ônibus não havia ainda saído do congestionamento à volta do estádio. Eu ainda não havia me dado conta da importância da situação em que me encontrava e, por isso, procurava dormir. Era impossível. A alegria da vitória entre eles era enorme. Gritavam a todo instante os nomes dos jogadores do Corinthians, o do técnico e do próprio time. Quando passamos por alguns ônibus estacionados e que eles julgaram ser dos torcedores pontepretanos, começaram a gritar insultos e a chamá-los de "campi-neiros". Mas o que se gritava era mais o nome do time:

- Coriintiaaaa! Coriintiaaaa!

Um senhor, acompanhado de dois filhos com cerca de oito e dez anos, procurava, com os braços para fora da janela do ônibus, tomar as bandeiras dos torcedores que passavam agitando-as do lado de fora. Eram bandeiras do Corinthians evidentemente. Como ele, muitos outros aproveitavam do congestionamento e da lotação excessiva do ônibus - o que lhes dava a segurança de que a porta trazeira não seria aberta e que ninguém se atreveria a molestá-los - e, qual numa pescaria de parque de diversões, procuravam "pescar prendas". O garoto maior pedia insistentemente:

- Pai, pega uma bandeira pra mim. O pai, pega...

Quando ele conseguiu apanhar algo, foi uma fita de cabeça, com os dizeres: "Corinthians-Campeão 77". O garoto ficou eufórico e disse ao menor:

- Olha o que o pai pegou pra mim, olha. Pede uma pra você.

Era um comportamento tido como normal e em momento algum alguém se manifestou contrário a ele dentro do ônibus. Não era roubo. Pelo menos ninguém sequer insinuou tal hipótese.

A prática era a seguinte: Atraía-se a "vítima" com

comentários sobre o jogo e com vivas ao time. Quando ele chegava bem perto, ao alcance da mão, com sua bandeira ou faixa, num movimento rápido o objeto lhe era arrancado e a janela fechada. O ônibus andava e tudo ficava por isso mesmo.

Iam no ônibus duas mulheres com cerca de trinta anos. Uma perto da roleta, outra mais à frente. Ninguém lhes dava atenção. Era como se só houvessem homens ali dentro. Não se as perturbava mas também não se deixava de bulir com as que estavam fora. E bulia-se com extrema violência e mau gosto:

- Ô corinthiana gostosa... você não quer dormir comigo?

Houvesse ou não reação por parte da garota e de seus acompanhantes, os gracejos continuavam enquanto ela estivesse nas proximidades e iam aumentando de intensidade até cair na apelação mais violenta:

- Ô corinthiana rombada... vem chupar o meu caralho, vem, gostosa...

Eles mexiam com todos. Fossem torcedores que voltavam do estádio, fossem, agora, as pessoas que se encontravam nas ruas já bem distantes do estádio e que nem sequer tinham ido ao jogo. Em pleno túnel da avenida 9 de julho, eu já não aguentava mais. Estava cochilando no acento do ônibus. É claro que estava notando a importância daqueles fatos mas pouco podia fazer para me controlar. De repente ocorreu uma violenta explosão. Acordei assustado em meio aos gritos e às pessoas que tentavam levantar-se do chão. Durante alguns segundos ninguém disse nada. Apenas o silêncio. Depois a indignação e os palavrões. Lentamente fui percebendo o que ocorrera: alguém havia mexido com os ocupantes de um corcel que conduzia outros torcedores corinthianos que voltavam do estádio. No entanto, ao contrário do que ocorrera até ali, os ocupantes do carro foram mais rápidos do que o agressor. Des

sa forma conseguiram acender um rojão e fazê-lo explodir dentro do ônibus, antes que as janelas fossem fechadas. O ruído foi ensurdecedor, principalmente porque nos pegou dentro de um túnel' e o pânico que se estabeleceu produziu algo parecido com as conseqüências de uma bomba de efeito moral. Assim que saímos do túnel o motorista parou o veículo a fim de se refazer do susto. Junto com ele todos se recuperaram e, pouco depois, as brincadeiras recomeçaram.

Nas proximidades do centro já podíamos notar os 'efeitos do jogo sobre a população da cidade. Em muitos prédios' podíamos ver as bandeiras do Corinthians, pedaços de serpentina e fitas de papel higiênico estavam enroscadas nos fios e pelas' janelas dos edifícios. As pessoas comemoravam nas ruas. E, por onde passávamos, víamos os restos da festa que começara no momento do gol. As ruas todas estavam cobertas por uma camada de papel picado que fora lançada dos apartamentos e dos carros.

Quando chegamos ao Anhangabaú o motorista do ônibus, talvez por descuido, talvez por hábito, abriu também a porta trazeira do veículo, quando paramos. Aproveitando-se disso, alguns indivíduos tentaram sair sem pagar. A polícia, que se encontrava nas imediações, interveio prontamente para reprimi-los. Ato contínuo, muitos dos ocupantes do ônibus partiram em sua defesa, mesmo sem conhecê-los:

- Ô seu guarda, deixa o rapaz, não leva ele preso' não. Ele é gente boa, trabalhador.

Isso tudo dito em tom de brincadeira e de, até mesmo, provocação aos policiais. Um deles respondeu:

- Pode ser gente boa, trabalhador, mas tem que pagar o ônibus. Entra aí de volta e pague, senão eu te levo pro distrito..

Subi a avenida São João, tomei novo ônibus e fui dormir. Deixaria as comemorações para o sábado.

Na manhã seguinte li nos jornais que a partir do momento do gol a cidade se transformou. Antes foi o silêncio, as ruas desertas, a apreensão e o nervosismo da espera que contagiara a todos. Depois a explosão de alegria. As comemorações que se estenderam até a manhã de sexta-feira, principalmente na Avenida Paulista, local preferido das comemorações dos corinthianos. Lã os bares, como medida de precaução, são fechados por seus proprietários e a rua interrompida ao tráfego de veículos. O policiamento se concentra. A batucada, o samba e a cachaça correm soltos.

É TUDO CORINTHIANO MAS GAVIÃO TEM QUE TER PREFERÊNCIA.

Só retornei à sede dos Gaviões no sábado à tarde. Aproveitei o dia de sexta-feira para fazer minhas anotações e ler todos os jornais do dia. O assunto era o jogo. Os jogadores e o técnico do Corinthians eram tratados como heróis. Muita gente havia saído às ruas naquela noite, corinthianos ou não, para comemorar a vitória.

Tomei um táxi para chegar até o Grêmio. No caminho procurei saber a opinião do motorista:

- Olha, eu sou palmeirense e você sabe que palmeirense não gosta do Corinthians. Mas eu tou torcendo por ele. Sabe, eu sou do Norte, mas é aqui que eu moro e ganho o sustento da minha família; então eu prefiro que o título fique aqui mesmo na cidade. São Paulo agora é a minha cidade. Por que eu vou torcer prum time de Campinas?

Quando entrei na sede ela estava repleta. Na sala da

secretaria/tesouraria não cabia mais ninguém. Fábio se esforçava por manter a ordem e vender os ingressos do jogo de domingo. No pátio também havia muita gente. Na sua maioria jovens de dezoito, vinte a vinte e cinco anos. Quase todos homens. Entrei na secretaria a procura de ingressos:

- Fábio, me vende dois ingressos pra domingo?

- Por que dois?

- Um é pra mim, outro prum amigo que também vem de Vitória pra assistir o jogo.

- Ele não é Gavião é?

- Não, não é. Mas que tem isso? No outro jogo você vendeu pra todo mundo...

- É, mas agora é diferente. Tem pouco ingresso. A diretoria do Corinthians não forneceu o que a gente pediu. Disseram que tinham que vender lá no Parque São Jorge. Frescura. Tou vendendo só pra sócio e só pros que tão com a mensalidade em dia. Ainda tem muita gente que vai querer ingresso. Hoje e amanhã ainda vai chegar muita gente aqui. É tudo corinthiano mas Gavião tem que ter preferência. A gente vende os ingressos sem ganhar nada de lucro; então tem que vender só pra Gavião.

- Pô, mas o rapaz vem de Vitória aqui pra assistir ao jogo. Quando ele chegar não vai ter mais ingresso nem no Morumbi. Quebra o meu galho...

A muito custo Fábio concordou.

Saí do pátio e procurei conversar com os rapazes. Na quadra de futebol de salão estavam disputando uma partida. Alguns grupos picavam papéis, outros arrumavam os instrumentos da bateria e outros ainda arrumavam as bandeiras. Mais além fazia-se sam

ba e conversava-se em pequenas rodas. Procurei entrar em algumas delas e participar das atividades e das conversas. Foi difícil. Praticamente ninguém me conhecia. Eu parecia e me sentia um intruso. Eu havia procurado me informar a respeito do Corinthians, de sua história e participação em campeonatos para que pudesse conversar com eles. Sabia que sem partilhar dessa memória comum seria muito difícil a aproximação com os torcedores. No entanto, no caso dos integrantes da torcida organizada, no caso dos Gaviões da Fiel, outro dado, muito mais importante e significativo, havia me escapado e não havia como sanar essa deficiência num espaço de tempo muito curto. Ocorre que além da história do clube, de sua campanha nos torneios, das atividades dos jogadores, técnicos e diretores, outros elementos juntam-se para compor essa memória comum. Os Gaviões têm sua própria história, que se cruza em muitos momentos com a das atividades do Corinthians e que se faz mesmo através dela, mas que tem uma autonomia e uma existência próprias. Ao lado das recordações dos gols, dos lances de perigo, das jogadas bonitas, das mudanças de técnicos, etc. há a história das brigas, das prisões, das viagens, etc. que constituem a especificidade dos Gaviões e que eu, obviamente, não partilhava. Dessa forma não podia participar das conversas já que não me incluía na memória Gavião. Eu era literalmente um estranho em qualquer grupo onde procurava me incluir. E continuava estranho mesmo quando me apresentava como Gavião. Eu não tinha histórias para contar, nem eles podiam se lembrar de mim e de meu envolvimento em qualquer fato passado. Não me adiantava nada também, apresentar-me como pesquisador. O que eu pretendia era captar a vivência daqueles rapazes e não simples relatos colhidos numa situação que eu próprio criasse e, portanto, fora de suas atividades habituais. Eu precisava saber em que momentos e situa

ções eles lançavam mão dessa identidade e qual a relevância que davam a ela. E isso, tinha certeza, eu não conseguiria simplesmente propondo entrevistas ou criando situações. A imagem que muitos deles faziam de mim era de jornalista, ou algo parecido. E eu, de minha parte, não pretendia obter deles apenas aquilo que eles estavam dispostos a fornecer aos jornalistas e que inclusive, eu podia ler nos jornais diários. As conversas deviam fluir espontaneamente e nessas situações é que eu deveria recolher os relatos e colher os dados para a interpretação futura.

Minha sorte melhorou quando me aproximei do bar e pedi uma cerveja. Gordo, o Gavião que me serviu, tinha 21 anos, trabalhava num escritório de administração e fazia o curso universitário correspondente e resolveu beber comigo. Trombadinha estava ao lado. Percebi que ele estava olhando e então lhe ofereci um copo. Ele aceitou e começou logo a falar - principalmente com Gordo. Eu era importante apenas porque estava pagando a cerveja e, por isso, era bom me dar alguma atenção. Mas como eu falasse pouco, eles limitavam-se a olhar para mim enquanto comentavam entre si as façanhas do jogo Corinthians e Comercial em Ribeirão Preto.

- Cê foi de ônibus, né Gordo? Eu não. Eu fui de trem, com a turma da pesada. A gente chegou lá bem cedo. Todo mundo com a camisa dos Gaviões. Ficamos andando pela cidade. Tinham uns caras com sono e que resolveram dormir na praça pública. Deitaram todos na grama e puxaram o ronco. Vieram uns caras lá da cidade, torcedores do Comercial, e quando viram que todo mundo era corinthiano, era Gavião, resolveram apelar. Começaram dizendo que não podia dormir na grama... que o Corinthians ia apanhar... que eles iam bater na gente.

Pra que? Foi sô ameaçar. Pô, era tudo maloqueiro, meu, os caras que tâvam lá. Todo mundo da pesada...! Deram o maior pau neles! Foi uma zona. Os caras da cidade, que tavam passando por ali, vendo que os deles tavam' apanhando, entravam na briga. Daí os Gaviões começa-ram a apanhar. Nisso chegou a polícia e prendeu os ' caras. Mas prendeu sô os Gaviões. Os caras da cidade' eles não prenderam, não.

Quando a gente ficou sabendo, fomos todos pra delegacia. Cada hora entrava um pra falar com o delegado e pedir pra soltar o pessoal. O homem foi ficando bravo.

Disse que se a gente continuasse perturbando ele mandava guardar todo mundo. Mas não adiantou nada. Toda' hora ia alguém lá, dizia que queria falar com o delegado e sô quando entrava na sala dele é que dizia que era Gavião e que era pra ele soltar os outros. Ele sô soltou quando o Flávio chegou e foi falar com ele. O Flávio - disse Trombadinha olhando para mim - foi o primeiro presidente dos Gaviões. Agora ele é Presidente da Associação (ATOESP) e é advogado. Quando ele falou que era advogado o delegado soltou todo mundo.

Gordo concordava e dava apartes:

- Bom mesmo foi no campo. Porra... ô que eu bati na naqueles caras!... Nós estávamos em minoria mas demos ' o maior pau neles. Querer brigar com Gavião é besteira. Principalmente com o pessoal que sai em excursão. É todo mundo brigador. O pessoal vai a fim de aprontar mesmo. Topa qualquer parada.

Trombadinha emendou:

- Esse pessoal do interior é tonto mesmo. Eles pensam

que sô porque estão na casa deles (no campo, estádio, do time para o qual torcem) eles podem ficar onde quiserem e fazer o que bem entenderem. Teve uns lá que quiseram sentar no meio da gente e torcer pro time deles. Levaram o maior pau. Acontece que no interior todo mundo é parente e todo mundo se conhece. O estádio é pequeno. Então cê tá batendo num cara aqui e os primos dele, os vizinhos tão vendo lá do outro lado. De repente tá todo mundo em cima da gente. Eu, teve uma hora, que bobeei e levei porrada a valer. Olha aqui ô. Tou quase que nem posso me mexer direito ainda (e, levantando a camisa, mostrou-nos as costelas esquerdas' todas roxas e raspadas, apesar de já terem, naquele momento, passado mais de vinte dias do jogo e da briga.).

Foi assim, eu tinha tirado a camisa dos Gaviões por que tava muito calor. Tava com ela na mão. Me distraí e quando percebi tava no meio de um grupo de torcedores do Comercial. Eles resolveram tomar a camisa e vieram pra cima de mim. Quer dizer, eu sô podia me defender com um braço porque na outra mão tava a camisa que eles queriam tirar. Daí comecei a dar e a levar 'porrada. Me fodi todo, mas a camisa eles não tiraram. Olha aqui, tá tã meia rasgada, mas tirar eles não tiraram!

Gordo interveio novamente:

- O pior foi em Porto Alegre. Os gaúchos queriam acabar com a gente. Até a polícia de lá, o corpo de bombeiros, todo mundo... tava um calor terrível no campo. O caminhão de água foi trazido para refrescar a torci

da, pra jogar água na gente. Mas os filhos da puta sã jogaram nos torcedores do Internacional. Onde a gente tava eles não jogaram. E não tinha nem refri gerante, nem nada.

Trombadinha, que tem esse apelido pelo fato de ter perdido o emprego (de auxiliar de escritório) e nunca mais ter arrumado outro pelo fato de faltar ao serviço toda vez que o Corinthians joga fora de São Paulo, se entusiasma e conta:

- Em Porto Alegre eles me deixaram sã de cuecas, em plena cidade e durante o dia. Eu me perdi do pessoal e do ônibus. Quando tava virando uma esquina dei de cara com uns torcedores do Internacional. Eles me cercaram e arrancaram tudo. Sã me deixaram de cueca. Uma cuequinha vermelha que eu tenho. E o pior é que quando eu encontrei um guarda e contei pra ele o que tinha acontecido ele me disse que era "bem feito"; que a gente "não tinha nada que ter ido lá" e que era pra mim achar logo o meu ônibus e ir embora senão ele me levava pra cadeia.

Acabada a cerveja e a conversa, fui juntar-me ao grupo que picava papéis. Ali não consegui nada. O samba tinha parado e agora ouvia-se o som do disco dos Gaviões que era ampliado pelos auto-falantes da sede.

ESSA REUNIÃO TEM QUE TER DUAS HORAS E MEIA. É MUITO SIMPLES E, A PARTIR DE AGORA, NÃO ENTRA MAIS NINGUÉM.

A Sala de Jogos estava repleta. Foi preciso até arrumar mais cadeiras, tantos eram os "sócios novos". Eramos em cerca de 100. Apenas 3 mulheres, com cerca de 30 anos, todas soi

teiras e oito garotos de menos de 18. A grande maioria estava na faixa dos dezoito aos quase 30 anos, sendo que com mais de 40 haviam apenas 4, incluindo um que acompanhava seus dois filhos de 10 e 12 anos. A distribuição por ocupação profissional era heterogênea e variava de bancários, auxiliares de escritório, operários, estudantes, comerciários, até um dentista.

Luis Carlos, o diretor social de vinte e três anos, representante comercial de profissão, iniciou explicando os motivos daquela reunião. Falou de sua importância, alegando que ser Gavião era uma responsabilidade bastante grande e que os Gaviões eram muito visados tanto pela imprensa quanto pela polícia e, inclusive, pela diretoria do Corinthians. Assim, qualquer comportamento considerado não conveniente recairia sobre todos os Gaviões e não apenas sobre o indivíduo que o praticava. "É de muita importância, então, que um Gavião saiba se comportar num estádio ou fora dele", insistia Luis Carlos.

- É por isso que temos essa reunião. Pra que vocês conheçam um pouco da história dos Gaviões e do Corinthians e, principalmente, para que vocês compreendam como é importante ser Gavião e como ele deve se comportar.

Após esse breve relato e depois de já ter se apresentado, Luis Carlos pediu que cada um se apresentasse, dizendo nome, idade e local de residência. Passou depois a contar muito rapidamente a história da fundação do Corinthians, detendo-se algum tempo nos primeiros anos de existência do clube, pulando rapidamente para os anos mais recentes. Dos primeiros anos foram lembradas as glórias, as vitórias, os títulos conquistados, até o último campeonato paulista ganho pelo clube em 1954. Depois daí a ênfase foi nas diretorias e nas críticas a elas. Começa então

a história das oposições que culmina com a "Revolução Corinthiana" e o surgimento dos Gaviões, em 1969.

Luis Carlos conta como surgiram os Gaviões:

- Era um grupo de rapazes, todos estudantes e torcedores fanáticos do Corinthians. Eles frequentavam os mesmos lugares nos estádios e começaram a conversar sobre o Corinthians. Discutir seus problemas e viram que os principais responsáveis pelas derrotas do Corinthians era sua diretoria. Que era uma diretoria corrupta e incompetente. Com o passar do tempo eles começaram a se reunir fora do estádio, na praça 14 Bis para continuar as conversas. Depois começaram a se encontrar na casa de um deles, o Flávio. Decidiram, então, que o melhor era constituir uma torcida organizada independente que desse apoio ao time e que fiscalizasse a diretoria. Na mesma época estava surgindo um movimento entre os torcedores do Corinthians que se chama "Revolução Corinthiana" e que pretendia derrubar o presidente do Corinthians que estava no cargo há muitos anos. O líder era o Martinez. Os Gaviões deram apoio a eles mas quando eles assumiram a diretoria quiseram transformar o Grêmio num departamento do Corinthians, transformando a gente numa torcida oficial. O pessoal não aceitou porque senão ia perder sua autonomia. Continuamos independente, como somos até hoje. Fazemos críticas quando achamos alguma coisa errada e apoiamos o time sempre que temos oportunidade. O Corinthians é nossa própria razão de ser. Nós existimos em função dele.

Como os Gaviões não aceitaram se transformar numa tor

cida oficial e, inclusive passamos a fazer oposição à diretoria do Martinez, eles criaram a Camisa 12. Chamaram o Vila Nova e ofereceram' a ele todas as vantagens que a gente tinha recusado. Ele, que era um Gavião, traiu a gente e junto com ' outros receberam instrumentos para a bateria, uniformes, ingressos, passagens e condução grátis. Mas tinham que fazer tudo o que eles queriam. A Camisa' 12 chegou até a ser maior do que a gente. Foi um ' tempo difícil. Nós eramos poucos e sofriamos pressão de todo lado. A diretoria do Corinthians chamava a gente de arruaceiros, moleques e os jornais ' apoiavam. Bastava um de nós entrar numa briga e já vinha pau na gente. A imprensa fazia o maior estardalhaço. Tratavam a gente como bandidos. Mas nós fomos crescendo e hoje somos a maior torcida de São ' Paulo e, talvez do Brasil. Mas foi muito difícil limpar nosso nome. E isso a gente conseguiu porque a gente é mesmo diferente dos outros.

Futebol é desrecalque. Principalmente para os caras casados. O nêgo passa a semana inteira trabalhando, aguentando a mulher e os filhos. Quando chega num ' estádio ele quer é desferrar, beber. Quando vê uma mulher, então, fica louco. Vai logo mexendo, fazendo gracinhas. Se tem uma briga ele entra logo. Com Gavião não acontece isso. Um Gavião respeita as mulheres. Elas, inclusive, preferem sentar perto dos Gaviões porque sabem que vão ser protegidas. Um Gavião, também, não entra em briga nos estádios. É covardia. Nós estamos sempre em maioria o, se um en-

tra numã briga, logo todos os outros entram sem mes-
mo saber porque é que o outro Gavião tã brigando. Se
um Gavião tã brigando os outros entram logo. Daí é
o maior pau. Nós somos muitos e nossa torcida é
sêmpre a maior em qualquer estádio. Então a gente
não pode brigar. Nós temos é que dar exemplo. Um Ga-
vião tem que se comportar melhor que os outros por-
que todas as atenções sempre estão em cima da gente.
A gente tem que se comportar direito seja dentro do
estádio seja fora dele. Tem que tomar muito cuidado.
Principalmente quando a gente tã com a camisa dos
Gaviões ou com a carteirinha de sócio.

Luis Carlos narrou, como ilustração, vários casos
de ex-Gaviões que foram expulsos do grêmio. Uns por indisciplina,
outros por consumo de tóxicos e pediu que todos dessem uma olha-
da no "quadro de avisos", logo na entrada da sêde, onde poderiam
ver a relação dos punidos com expulsão e com suspensão. Explicou
que aquelas penas eram impostas nas reuniões da diretoria e a
partir daí, explicou como funcionava a administração do Grêmio.
Falando de sua diretoria, dando os nomes dos diretores, descre-
vendo-os e dando um resumo dos Estatutos. Fez questão de frizar
que ali era o lugar "mais democrático do mundo" e que "todas as
decisões são tiradas com o consentimento do maior número possí-
vel de sócios. Nós fazemos uma pesquisa entre os associados sem-
pre que temos que resolver alguma coisa importante". Não infor-
mou, porém que as reuniões da diretoria eram fechadas e que, nas
diversas eleições de diretoria, eram poucos os nomes que mudavam.
Preferiu, no entanto, reforçar a informação de que todos os asso-
ciados podiam ser candidatos e que, na medida do possível deve-
riam fazer parte de alguma comissão ou departamento. Pediu a par

participação de todos e alertou que "ser Gavião não é só ir ao estádio mas é participar das promoções do Grêmio. Pode participar da Bateria - é só vir nos ensaios pra não virar bagunça. Afinal, nós temos que manter a tradição de melhor Bateria das torcidas organizadas de São Paulo. Pode participar do Departamento de Bandeiras, ajudando a conservá-las e ficando com elas no estádio. Pode participar do Bloco de carnaval" e aí entrou em considerações sobre o desfile na rua, afirmando que "na rua é muito mais salutar e moral que nos salões". É uma brincadeira sãdia. Só participando pra saber. Não é só maloqueiro não, como pensam as pessoas que nunca saíram na avenida".

Passou depois a informar sobre a existência de outras torcidas organizadas, não só do Corinthians como também de outros clubes e, por fim falou da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo:

- A ATOESP foi fundada por iniciativa dos Gaviões. O Flávio, que foi nosso primeiro presidente, reuniu todas as torcidas, quer dizer, os presidentes das torcidas e junto com eles começaram a discutir os problemas das torcidas nos estádios. Antes tinha muita confusão. As torcidas brigavam muito entre si. Uma queria ficar com o lugar da outra. Por qualquer coisa tinha a maior confusão. Depois que foi criada a ATOESP as coisas ficaram diferentes. Eles se reunem, decidem o lugar de cada uma nos estádios, fiscalizam a polícia para ela não cometer muita violência e chegam mesmo a discutir, antes das partidas, com os responsáveis, os esquemas de policiamento e proteção dos torcedores. Os cordões de isolamento que estão sendo colocados pra separar as torcidas foi idéia

dos Gaviões que o Flávio levou pra ATOESP e que ela encaminhou pra Secretaria de Segurança Pública. Essa semana mesmo o Flávio foi conversar com o Secretário de Segurança e o chefe do policiamento o esquema que foi montado pros jogos do final do campeonato.

O ambiente da reunião era descontraído. Enquanto Luis Carlos falava muitos sócios novos o interromperam, fazendo perguntas e gracejos. Sócios antigos entravam e saíam. Muitos novos chegaram atrasados, até que, num dado momento, e aproveitando a pergunta de um sócio novo que lhe perguntou quanto tempo ainda demoraria a reunião já que ele tinha um compromisso e precisava se retirar logo, Luis Carlos falou:

- Essa reunião tem que ter duas horas e meia, mais ou menos. Ela vai terminar logo, faltam só uns vinte minutos. Só que a partir de agora não pode entrar mais ninguém na sala. Quem sair não pode mais voltar e daí, então, não vai poder comprar a camisa, a não ser que assista a outra reunião.

Enquanto ele falava, Cláudio fechou a única porta da sala. E, colocando-se frente a porta, ficou ali até o término da preleção de Luis Carlos. Quando este encerrou a reunião, aquele encarregou outro Gavião de vigiar a porta e aproximou-se. Explicou mais uma vez que só os sócios podiam usar aquela camisa e que cabia a eles zelar por ela, mantendo-a sempre em bom estado, não a emprestando a ninguém e, inclusive, deixando claro que a cada sócio só correspondia uma camisa:

- Quando ela se estragar vocês me trarão ela aqui pra que eu veja o seu estado. Se estiver muito velha a gente vende outra.

Um senhor, o mesmo que levava os filhos de 10 e 12

anos, tentou comprar uma camisa para outro filho menor. Cláudio quis saber a idade do garoto:

- Sete anos.

- Então ele precisa ficar sócio. A gente só vende camisa pra filho de sócio quando ele é muito pequeno: 3, 4 ou cinco anos. Um garoto com 7 anos já está entendendo das coisas e pode muito bem ficar sócio.

Quando quase todos já haviam comprado sua camisa e eu já tinha recebido minha carteira de identidade de volta, após ter pago a camisa, Um rapaz perguntou ao Luis Carlos se haveria procissão naquela noite. Ele ouvira falar e queria comprovação. Luis Carlos explicou-lhe que a fábrica de velas lhes tinha proposto a procissão mas que ele era contrário. No entanto, haveria uma reunião da diretoria ainda naquela tarde para deliberar sobre o assunto.

PROCISSÃO

Saimos naquela noite, da rua Santa Efigênia, em pleno centro de São Paulo e local da antiga sede, em procissão pelas avenidas centrais da cidade. Foram levadas muitas bandeiras dos Gaviões, alguns instrumentos da bateria e 300 velas "sete dias", pretas e brancas e com o distintivo do Corinthians. Quando cheguei, a rua já estava tomada por cerca de 100 Gaviões e muitos populares atraídos pela movimentação. Duas enormes bandeiras estavam desfraldadas no início da fila e seriam carregadas por todo o trajeto. Várias emissoras de televisão estavam presentes com suas equipes volantes, além dos principais jornais, esportivos ou não, e das rádios Panamericana (Jovem Pan) e Globo-Nacional.

Enquanto as velas eram distribuídas e as entrevistas e filmagens eram feitas fui até um bar nas proximidades comer um sanduiche . Encontrei muitos Gaviões e pude conversar com a Tia, uma senhora de 45 anos e que resolveu contar-me sua vida. Disse-me que era doceira e que tinha uma filha estudando medicina no interior. Que já tinha sido integrante da Camisa 12 antes de ser Gaviã e que estava achando melhor voltar para a Camisa 12.

- Os Gaviões já são muita gente. A gente perde a intimidade com as pessoas. Tudo é muito organizado. Muito arrumado. Na Camisa as coisas são mais à vontade. As pessoas se conhecem mais, são mais amigas. Quando eu sai de lá todos sentiram. Pediram que eu ficasse. Agora tou querendo voltar.

Ela quis saber o que eu fazia. Expliquei-lhe. Ela perguntou-me, então, se eu estava recebendo alguma ajuda financeira para o trabalho. Quando eu lhe disse que minha bolsa de manutenção já havia se acabado e que não havia conseguido financiamento para o levantamento de campo, ela se propôs a acompanhar-me numa conversa com Mário Américo:

- Você sabe quem é, não? Ele foi massagista do Corinthians e da Seleção. Ele é vereador agora. Você sabe, né? Pois eu ajudei muito na campanha dele. Consegui muitos votos pra ele nos Gaviões e na Camisa 12. Agora, sempre que eu preciso de alguma coisa eu vou procurá-lo. Quando eu não consigo o dinheiro suficiente pra minha filha na faculdade ele me ajuda. Me dá até passagem de avião pra mim ir visitá-la . Quem sabe ele não conseguia pelo menos as passagens pra você vir de Vitória aqui de avião?... Olha, quando eu machuquei o pé numa confusão no campo - olha'

aqui como ficou - foi ele quem me tratou. Ele é muito bom. Se você quiser nós vamos falar com ele.

Nunca fomos, na verdade. Mesmo porque nunca mais tornamos a conversar sobre esse assunto. Fiquei com ela durante a procissão toda. Fomos nos juntar ao grupo. Ela conseguiu-me duas velas e foi logo esclarecendo:

- Eu também peguei duas. Uma a gente usa aqui, a outra a gente leva pra casa.

O grupo todo saiu caminhando pela avenida Rio Branco' ao som do Hino do Corinthians marcado pela bateria. Outro rapaz juntou-se a nós e, de braços dados e de velas nas mãos, cantando e sambando, acompanhamos a procissão. Apenas os "maloqueiros" compunham o cortejo. O único diretor presente nos acompanhou pelas calçadas, mantendo sempre alguma distância do bloco.

As emissoras de televisão faziam tomadas e apanhavam "clouses". Eu me encolhia. Disfarçava. Virava de costas ou puxava meus acompanhantes para o meio da massa. Mas eles resistiam. Queriam ser focalizados e entrevistados. Não sentiam vergonha como eu. Pelo contrário. Faziam questão de aparecer nos vídeos. Eu não podia ser indiscreto e demonstrar minha insatisfação. Não havia como explicá-la e, muito menos, como justificá-la. Eu me sentia pouco à vontade mas eles estavam radiantes. Tive de me conformar e segui-los. Procurávamos, então, as melhores posições e sambávamos a valer - quer dizer, eles sambavam, já que eu nunca soube sambar. Conseguimos, afinal, ser focalizados diversas vezes. Eles não cabiam em si de contentamento e comentavam o fato. Eu, de minha parte, somente pensava na possibilidade de estar sendo assistido por amigos que nunca conseguiriam entender minha presença ali.

Quando afinal saímos do centro e tomamos o caminho do Bom Retiro, ainda pela avenida Rio Branco, as emissoras de rádio e

televisão paralizaram por instantes suas transmissões e filmagens e pudemos, assim, conversar um pouco, já que não precisávamos mais nos preocupar em aparecer "casualmente" nas tomadas. Fiquei sabendo assim, que ambos são praticantes de Umbanda e que muitos dos Gaviões também o são.

Dos cem que éramos quando saímos da rua Santa Efigênia, já éramos, agora, mais de 500. Muitos populares juntaram-se a nós. Atraídos pelo samba e pelos vivas ao Corinthians, muitos moradores saíam às janelas de suas casas e demonstravam sua solidariedade. Até os motoristas conformavam-se em esperar a passagem da procissão sem buzinar.

Do cortejo fazia parte ainda, na falta de andor, um volks em cuja capota foi colocado uma imagem de São Jorge, o santo protetor do Corinthians e dos Corinthianos. Adornando a imagem foram colocadas diversas luzinhas vermelhas.

Quando chegamos à sede, o repórter da Jovem Pan procurou os diretores e sugeriu que, para encerrar a procissão deveríamos rezar uma Ave Maria e invocar a proteção para o jogo do próximo dia. Algumas discordâncias surgiram, mas decidiu-se pela reza. O locutor anunciou como exclusividade da emissora a transmissão "diretamente da concentração dos Gaviões" da "Ave Maria em louvor ao Corinthians. Para que os jogadores sejam protegidos e guiados no jogo. Para que o técnico não se confunda", etc. Reunidos no centro da quadra, ficamos aguardando a indicação do repórter. Quando ele autorizou, rezamos todos em conjunto. Depois começou o samba que varou a noite. Muitos ficaram ali até saírem para o estádio na tarde do outro dia. Muita cerveja foi tomada, muito samba dançado e cantado, numa festa como tantas outras, promovidas por qualquer clube recreativo. A única diferença era a expectativa do jogo e as músicas que, preferencialmente, referiam-se ao Corinthians ou aos Gaviões. De quando em quando um grito anônimo explodia:

- Coriintiaaá!

FILHO DA PUTA: VEM AQUI SÓ PRA APARECER

Dessa vez acompanhei os Gaviões da sede ao estádio e também no retorno. Sai com o último ônibus, onde vai a bateria e a "turma da pesada" ou "maloqueiros". São rapazes e garotas, geralmente moradores da periferia mais afastada da cidade, biscaiteiros de trabalhos eventuais e domésticas. São os que se encarregam também da conservação dos instrumentos e das bandeiras, os que limpam a séde e a quadra, enfim, aqueles que pegam o trabalho pesado no Grêmio. São também os de nível social, econômico e cultural' mais baixo dentre os Gaviões. São os que junto com os diretores e seus auxiliares de administração, frequentam mais assiduamente a séde. São também os que mais brigam mas Bão-são na verdade "tão da pesada" se comparados com os torcedores autônomos do jogo anterior. Compará-los implicaria em classificar os "Gaviões maloqueiros" com colegiais em excursão.

Dentro do ônibus, em todo trajeto até o estádio, tudo o que os "maloqueiros" faziam era brindar. Mexiam com os companheiros, paqueravam as garotas Gaviãs, cantavam músicas maliciosas, xingavam alguns populares de "campineiros", mas não agrediam, de fato, a ninguém. O mais que se fazia era cantar o hino do Corinthians e o samba enredo do Bloco de Carnaval, além de se gritar incessantemente: "Coriintiaaã!"

Noutras ocasiões o comportamento dos Gaviões no interior do ônibus foi mais agressivo, mas nunca chegou ao nível' ou sequer se assemelhou ao dos torcedores autônomos.

À caminho do estádio passamos na sub-sede do centro. De lá rumamos para o Morumbí. À nossa passagem os populares' se solidarizavam. Levantavam o polegar num "positivo" ou gritavam vivas ao Corinthians, afirmando que ele seria campeão. Outros , muito poucos, dirigiam gozações, afirmando que os 22 anos de "es-

pera" seriam aumentados para 23:

- Cêis num tão cum nada... É vinte e treis, não vinte e dois!

A estes gritavam com raiva:

- Porco! Porco! - já que foram os palmeirenses os primeiros a usar essa acusação de "vinte e dois anos de espera" aos corinthianos. Assim, todos que a utilizavam eram imediatamente identificados como palmeirenses.

Chegamos ao estádio e fomos, como da vez anterior, nos encontrar no portão nove com os que já tinham chegado.

Entramos logo e ocupamos nosso lugar. Sabíamos que o público seria muito grande e que ficaríamos de fora caso demorássemos na entrada. Eram pouco mais de 2 horas da tarde e o jogo só começaria às 5 horas, mas a arquibancada já estava quase tomada. A arrecadação financeira naquele dia foi de 4.239.010 cruzeiros e o público pagante de 138.032 pessoas, mais 8.050 menores. Recorde no Morumbi até aquela data.

O calor era intenso. As brigas, no entanto, ocorreram com muito menos frequência do que no primeiro jogo. A polícia, reforçada agora em seu contingente pela possibilidade da vitória final do Corinthians e das comemorações imprevisíveis, teve pouco trabalho. A volta toda do campo foram colocados policiais a fim de evitar uma possível invasão de campo por parte dos torcedores. Eles ficavam a uma distância, um do outro, de não mais de cinco metros, voltados para a torcida, o que implica dizer que não assistiram ao jogo.

Foi a maior cobertura jornalística já dada, até então, a um acontecimento esportivo no País. Centenas de rádios transmitiam a partida, além de emissoras de televisão e de pequenas rádios do interior e de outros Estados.

São os helicópteros da rádio Panamericana, que sobrevoadam o estádio, minimizavam o calor. Eles faziam evoluções sobre a torcida que os aplaudia em reconhecimento. Eliza, a torcedora símbolo do Corinthians, desceu de um dos helicópteros trazendo a taça "Jubileu de Diamante" da Federação Paulista de Futebol.

Mesmo como "torcedora símbolo" Eliza é muito mal vista pelos Gaviões. Segundo eles ela se "vendeu à diretoria e se mantém às custas dela e da imprensa, explorando o Corinthians como meio de vida". Citavam, inclusive, naquele momento, sua contratação pela Casa da China, a firma que conseguira da diretoria do clube a exclusividade da comercialização da marca "Corinthians" em artigos como bandeiras, flâmulas, selos, camisas, adesivos, posters, etc.

De helicóptero chegou também o Presidente do Corinthians, Vicente Matheus e, depois, o Governador do Estado de São Paulo, Paulo Egydio Martins, "corinthiano-roxo", segundo sua auto-definição. Quando Matheus desceu do aparelho, assim como quando desceu o Governador, foram ambos aplaudidos pela torcida corinthiana. A diferença entre um e outro é que, no caso do segundo, enquanto aplaudiam e manifestavam seu contentamento e satisfação pela presença do Governador - pois sabiam que sua presença era um incentivo aos jogadores e uma prova de prestígio deles próprios e do clube -, manifestavam também sua consciência de que estavam sendo usados com intenções e objetivos políticos. Muitos Gaviões enquanto aplaudiam, diziam:

- Filho da puta! Vem aqui só pra aparecer, pra se promover. Se o Corinthians estivesse por baixo ele nunca viria. Agora que a gente vai ser campeão, todo mundo é corinthiano.

Iniciado o jogo, a vitória do Corinthians era tida como certa por todos. Quando o Corinthians marcou o primeiro gol, ninguém mais se conteve:

- É Campeão! É Campeão! É Campeão!

Era tudo o que se ouvia. Beijos, abraços, papel picado, serpentinas, confetes, rojões, batucada, hinos, samba. Muito samba. Muita alegria e muitas lágrimas. Um rapaz, do outro lado do estádio, caiu do alambrado e foi transportado pelos policiais para o atendimento médico. Morreu, soube-se depois. Pela cidade toda irromperam comemorações e mortes causadas pela grande emoção. Mas a Ponte Preta soube reagir e virou o jogo. Acabou ganhando de dois gols a um. No rosto de cada torcedor corinthiano estampou-se o desânimo e a descrença. Voltaram a falar mal dos jogadores. Mas, por outro lado, levantou-se o consolo da validade da derrota:

- Assim tem mais um jogo e o Corinthians tem mais renda.

Como se isso não fosse prejudicial a eles próprios já que a renda saíria deles mesmos, através do comparecimento ao estádio e, conseqüentemente, do pagamento de mais um ingresso a 30 cruzeiros, isso, sem contar o ônibus, o lanche, as cervejas, o "mê", etc., que nunca deixam de ser consumidos.

Reconhecia-se, também, a superioridade e a qualidade do adversário. Mas mantinha-se a certeza inabalável da vitória no jogo seguinte.

... ENTÃO EU DEI UM MURRO NA CARA DELA!

O jogo já acabara há algum tempo. O estádio estava já quase vazio. Apenas algumas torcidas organizadas e poucos torcedores autônomos ainda não tinham se retirado. Após a derrota,

um silêncio pesado caíra sobre o estádio. Como de hábito, muitos torcedores tinham juntado os papéis que cobriam as arquibancadas e gerais e ateado fogo a eles. Era um espetáculo dantesco. Para onde se olhasse no estádio, via-se chamas. Apenas no espaço dos Gaviões, os papéis continuavam espalhados e apagados. Não é de hábito dessa torcida incendiá-los. Cumprindo o que lhe é de hábito, entretanto, esperávamos que todos se retirassem para sairmos. De repente alguém deu um grito e começou a confusão. Trombadinha, entre gritos, dava e recebia murros, tapas e ponta-pés. Era uma situação estranha. Eram dois Gaviões uniformizados envolvidos numa briga, cercados por muitos outros Gaviões e, ainda, numa briga onde os envolvidos eram um homem e uma mulher. Ao lado, outra garota estava estendida no chão e seu rosto cobria-se de sangue. Junto a ela uma fogueira. Refeito o susto, tratou-se logo de apagar as chamas, separar os brigões e socorrer a garota ensanguentada.

Mesmo assustado, procurei intervir. Ainda no chão e chorando a garota dizia:

- Bem que me avisaram para não me meter com os Gaviões. São todos uns cavalos.

Sua irmã, a que tinha brigado tentando defender a que apanhara, prometia ir a imprensa e "contar quem são os Gaviões. Bando de covardes!...".

Custou, mas a situação foi esclarecida. Ao longe, protegido, Trombadinha explicava:

- Me disseram que ela tava botando fogo na bandeira do Corinthians, então eu dei um murro na cara dela!

Na verdade as duas irmãs estavam apenas queimando os papéis que se encontravam próximos a elas, não uma bandeira.

Trombadinha, após a derrota do time, desesperado quando ouviu alguém dizer que "estavam queimando uma bandeira do timão", não viu nem quis ver nada. Foi logo batendo em quem se atrevia a profanar o símbolo do time. O símbolo de sua dedicação e amor. A situação foi logo contornada e não teve os desdobramentos prometidos pelas agredidas.

A volta do ônibus foi tranquila. Falou-se pouco de futebol e da derrota. A festa programada foi adiada e partiu-se para outra espera.

FRUSTRAÇÃO E MUDANÇA DE RUMO

Sõ voltei a São Paulo no final do mes de dezembro. Não assisti a final do Campeonato Paulista de Futebol daquele ano. O Corinthians finalmente ficara campeão. Eu, por meu lado, tivera que retornar a Vitória e reassumir meus afazeres na universidade. Não pude, portanto, acompanhar os Gaviões na fase decisiva dos "22 anos de espera".

Estávamos, agora, do final de dezembro de 1977 até o início de março de 1978 - período em que pude acompanhá-los, na fase classificatória do Campeonato Brasileiro de Futebol. No ano anterior o Corinthians ficara em segundo lugar nesse torneio e a "fiel" torcida, comandada pelos Gaviões tinha "invadido" vários Estados e estádios do País, além de ter "tomado de assalto", como eles gostam de falar, o Rio de Janeiro e o Maracanã, para onde cerca de 150 mil corinthianos se locomoveram para incentivar o time. Nesse ano, entretanto, as coisas não estavam da mesma forma. O time ia mal e a torcida não parecia muito disposta a incentivá-lo como da vez anterior. Assim, nem mesmo os Gaviões se dispuseram

a acompanhá-lo em jogos fora do Estado de São Paulo. Apenas alguns torcedores individuais iam ali ou acolá, mas sempre em ônibus regulares e nunca como torcida organizada.

Compensando o desânimo com o futebol, no entanto, outro motivo os animava. O carnaval e o desfile na avenida. O Bloco dos Gaviões da Fiel já ganhara dois concursos anteriores, ou seja, os dois de que participara e esperava vencer o terceiro. O tema, como sempre, seria o mesmo: o Corinthians e sua glória.

Eu repartia meu tempo entre pesquisas nos arquivos dos jornais - tentando levantar a história dos Gaviões desde sua fundação -, nos fichários do Grêmio, em entrevistas com Gaviões e dirigentes tanto da torcida como do próprio Corinthians e com o máximo de permanência na sede. Ali, enquanto ajudava na conservação dos instrumentos e bandeiras, na venda de cartazes, bonés e recebimentos de mensalidades, na admissão de novos sócios, nos papos e na bebericagem, pude conhecer mais profundamente os frequentadores mais assíduos e estabelecer uma amizade que se estendia para além das atividades da torcida em si. Foi assim que pude acompanhar Flávio, em seus contatos com diretores do Corinthians e da Paulistur, participar com eles do concurso de "Rainha do Carnaval 78", dos ensaios do Bloco e da Escola de Samba "Vai-Vai", das comemorações pelas vitórias no carnaval e, principalmente, acompanhar alguns deles em suas atividades cotidianas, além de visitar suas casas e conhecer seus modos de vida. Foi nessas ocasiões que pude conhecê-los mais a fundo e, inclusive, levantar suas histórias de vida sem recorrer nunca a entrevistas formais. A pesquisa nos arquivos fornecia-me os dados preliminares e essenciais para o início das conversas; daí o papo corria normalmente, sem roteiros rígidos e ao sabor das circunstâncias. Foi assim que fui percebendo os "rachas" e as dissensões internas aos Gaviões e também como eles se relacio

navam com o mundo diverso do futebol, do Corinthians e do próprio Grêmio.

Acompanhei os Gaviões em mais dois jogos. O primeiro contra o Santos F.C. e o segundo contra o C.R. Vasco da Gama. Um em dezembro, outro em fevereiro. Nos dois o que importa é o comportamento dos Gaviões, principalmente fora do estádio. Aliás, quase tudo o que ocorre daqui para frente ocorre fora dos estádios. São nessas situações que os Gaviões se dão a conhecer e possibilitam a compreensão de seu relacionamento interno e, principalmente, com a sociedade que os envolve. O futebol passa a segundo plano e o que emerge é o mundo exterior. A ânsia de participação e de atuação. A crise aflora aqui.

GAVIÃO É GAVIÃO ou CORINTIÃ!

Saimos, em 3 ônibus, da sede dos Gaviões por volta das 12 horas. O jogo só começaria às 17 horas. No nosso ônibus levávamos vários instrumentos para a batucada. Já de saída começaram a tocar e só parariam às 21 horas.

Passamos pela sub-sede do centro, na rua Santa Efigênia. Lá, a lotação do ônibus foi completada. Pelo centro, em todo o trajeto, cantávamos. Mexíamos com as mulheres que passavam. As Gaviãs são protegidas: aí daqueles que, não Gavião, se atrever a mexer com alguma delas.

Se cruzávamos com algum santista ele era xingado. Cuspiam; ofendiam. Se podiam, roubavam-lhe a bandeira que por ventura carregasse. Rasgavam-na ou queimavam-na. No ônibus, no caminho todo, falávamos mal do Santos e dos Santistas. Gritávamos e cantávamos:

"Au, Au, Au,

Tô passando mal.

Passaram peixe podre na cabeça do meu pau!"

ou:

"Araruta, Araruta...

Santista filho da puta!"

ou ainda:

"Ou, Ou, Ou,

O Santos Acabou!.

Corintia! Corintia!

Quando chegamos ao estádio, cerca de 13 horas, e ficamos na entrada da rampa nº 9, local consagrado dos Gaviões, começaram as brigas. Alguns santistas desavisados - frequentadores não habituais do Morumbi - atreviam-se, mais por ignorância do que por arrogância ou valentia, a entrar por ali portando bandeiras ou vestindo camisas do Santos. Os que não reagiam ficavam apenas sem a camisa ou viam suas bandeiras sendo queimadas ou rasgadas. Os que "se metiam a besta", tentando reagir em meio aos Gaviões, levavam também muitas porradas. Se corriam, corriam-lhe atrás e batiam. De deixar estendido.

Desde o ônibus, ou melhor, desde o começo da semana, os Gaviões prometiam "quebrar" os santistas. Rixa velha. Desde os tempos de Pelé e do Santos bi-campeão mundial. O Corinthians era "freguês". Hoje, o Santos "em decadência", segundo os Gaviões, com 8 anos sem campeonato, sua torcida se rivaliza com a corinthiana.

O pau comeu na entrada. Voltou a quebrar lá dentro. Estávamos perto do bar nº 9, protegidos do sol, fazendo samba e bebericando cerveja - as que comprávamos e as que ganhávamos daqueles que passavam. A bateria dos Gaviões é respeitada. Quem passa para e se gosta acaba pagando cerveja para os torcedores.

Apresentaram-me o Batata e ele foi logo perguntando:

- Você sabe quem sou eu?

- Não, mas você não me é estranho. Já te vi, mas não sei onde, nem sei seu nome.

- Pois eu sou o Batata! - disse sem esconder um certo orgulho.

- Ah... então você é o famoso Batata. Te conheço de fama - mas já o conhecia pessoalmente. Figura folclórica entre os corinthianos, o Batata tinha passado por nós no primeiro jogo da decisão do Campeonato de 1977. Muitas histórias são contadas a seu respeito. Desde sua invasão de campo em Campinas, muitos anos atrás, quando numa partida contra o Guarani os gandúlas (apanhadores de bola) começaram a retê-la em demasia fora do campo, com o Corinthians perdendo. Ele pulou o alambrado, tomou a bola do garoto, jogou-a para o campo, alcançou o apanhador do outro lado, deu-lhe uns tapas, pulou novamente o alambrado e sentou-se na arquibancada do outro lado, sob os aplausos da torcida; até sua tentativa de suicídio, tomando soda cáustica numa das ocasiões em que o Corinthians perdia mais uma chance de se tornar campeão. Ele é um mulato sarará, sem dentes na frente, gordo e feio, além de muito baixinho. Brigador. Um terror na briga. Mas, naquele jogo, passou chorando. Andando devagarinho e dizendo baixo: "Sou Campeão! Sou Campeão! Sou Campeão...". Não era. Falavam ainda mais jogos a serem disputados. Chorava numa alegria doida. Doida. Tão doida quanto ele e sua fama de corinthiano fanático. Tão fanático que fora expulso do Grêmio. Carlos, um Gavião que estava ao meu lado e que é cobrador de profissão, disse-me assim que ele se afastou:

- O Batata é muito esportista. Muito maloqueiro. Tá

sempre brigando. Isso compromete nosso nome. Por isso ele foi expulso dos Gaviões.

Depois de muita cerveja e muito samba, já quase 15 horas, nos informaram que a torcida santista estava "invadindo nosso espaço".

- Pois vamos lá. Vamos expulsá-los. Vamos invadir o espaço deles. Vamos tirá-los na correria!

E fomos. A bateria na frente, puxando o samba-enrêdo do Bloco dos Gaviões. Atrás o povão ia se avolumando. Aqueles que vinham correndo, procurando um meio de entrar nas arquibancadas já quase lotadas, paravam e engrossavam a ala. Quando chegamos ao acesso nº 13 os guardas não queriam nos deixar entrar. Dois deles isolavam a entrada. Sem parar o samba fomos empurrando, pressionando. Eles começaram a ficar nervosos, a ameaçar. Um Gavião, então, se aproximou. Começou a conversar com eles. Começou a explicar que ninguém queria armar confusão. Que ali era espaço dos corinthianos. Que o isolamento ainda estava longe. Os guardas, temerosos, não queriam saber de argumentação. O rapaz insistiu. Os guardas também. Com isso muita gente já entrara por suas costas. Rápidos, passavam enquanto os guardas conversavam, intransigentes, com o Gavião Joca, um dos diretores do Grêmio. Nisso chegou outro guarda. Em 3 eles conseguiram impedir a entrada. Voltamos. Demos uma volta tentando entrar pelo acesso ao lado mas desistimos. Tomamos a resolução de entrar - mos pelo portão 13 mesmo. "No peito". Quando chegamos foram os guardas que desistiram. Subimos todos. Reiniciamos a batucada. Em 15 minutos, sem resistência, o espaço estava ocupado e lotado. Os santistas não o tinham invadido, afinal. Um forte contingente policial se parava as duas torcidas. Cerca de 12 guardas, mais cordões de isolamento, conservavam um corredor vazio entre as duas torcidas. Nos extremos, entre elas, havia trocas de insultos, gritarias, confusão :

- "Coriintiaaaaã !. Coriintiaaaaã! Coriintiaaaaã! É ,

ê, ê, ... Viúva do Pelé!

No campo a preliminar: Ressaca F.C. X Corinthians (de um bairro da capital) pelas finais do campeonato amador da cidade. O Ressaca vence por 1 a zero. Num contra-ataque o Corinthians empata. A massa vibra. Grita. Comemora. Basta se chamar Corinthians, mesmo não sendo o S.C. Corinthians Paulista, para merecer a simpatia dos corinthianos.

Já com o "espaço ocupado", alguém gritou:

- Vamos embora. Aqui não é nosso lugar. Vamos pra junto dos Gaviões.

Todos concordam:

- A gente só veio aqui pra tomar este lugar antes dos santistas. Agora a gente já pode ir embora.

Na saída os guardas não queriam nos deixar passar. Novas argumentações, mais explicações e, por fim conseguimos descer.

Já não havia mais cerveja. Eram ainda pouco mais de 15 horas e fazia um calor imenso. Na passagem pelos banheiros tomamos água, molhamos as roupas e a cabeça. Na falta de cerveja, com uma garrafa custando 5,00, tomávamos refrigerantes a 4,00 sem gelo. Com gelo custava 5,00 por conta do vendedor. Só o cigarro era vendido pelo preço normal, fruto de um aviso pintado em letras vermelhas enormes no vidro do caixa: "Não pague mais do que o marcado no selo". A cerveja e o refrigerante não. A primeira custava, pelo preço marcado nos cartazes, 4,50 e o refrigerante 2,60, mas só nos cartazes. No entanto, todos pagavam sem reclamar. Só reclamavam do São Paulo, ou melhor, da administração do estádio e dos santistas. A raiva maior era contra o estádio. O maior estádio particular do País enquanto o do Corinthians, de tão pequeno, impossibilita que os jogos de seu time sejam realizados lá.

Com isso o clube tem que pagar aluguel ao São Paulo já que, segundo o entendimento da Secretaria de Segurança Pública do Estado, é ali o único lugar que tem condições de espaço e segurança para alojar toda a torcida corinthiana. E corinthiano tem "bronca" de pagar aluguel aos "Bambis", ao "time da elite", segundo o consenso' popular reforçado pela direção do clube e pela localização do estádio num dos bairros mais sofisticados da cidade e habitado pelas camadas altas da capital.

No jogo final do campeonato paulista de 1977 os corinthianos praticamente destruíram o estádio. Arrasaram o gramado, estragaram o alambrado, procuraram quebrar as traves, arrancaram e rasgaram as redes, quebraram as pias dos banheiros, arrancaram torneiras. Agora, a caminho do "lugar dos Gaviões", procuravam quebrar o que podiam. Como faltava água nos banheiros, imediatamente culpavam a administração do São Paulo:

- É de propósito. Medo de que a gente quebre tudo aqui. Pois agora é que a gente vai quebrar mesmo.

Com raiva dedicaram-se a quebrar pias e a arrancar torneiras. Em represália, diziam.

Quando chegamos ao portão nº 9, novo sacrifício para chegar às arquibancadas. O estádio já estava lotado. Eram 15:45 horas. Muitos, como não conseguiam passar pela entrada, escalavam a mureta. Os que estavam em cima, sem conhecê-los, os ajudavam. Estendiam os braços, agarravam e puxavam. Subiam. Nós iamos tocando e cantando: "Ô, ô, ô,... Gavião chegô... Ô, ô, ô...Gavião chegô!... Corintiã! Corintiã!... Corintiã!. Procurávamos, com os instrumentos, passar pelo corredor. Conseguimos. O suor já escorria pelo corpo. Nem o bonezinho dos Gaviões minimizava o calor. Sentamos, sabe-se lá como, entre os Gaviões. Fiquei junto à bate-

ria que não parava. Estava tocando desde as 12 horas. Só fez uma pausa para descer do ônibus e bater e correr com os santistas incautos. Fizera nova pausa na entrada quando os guardas quiseram' examinar os instrumentos à procura de rojões. Remexeram instru-
mentos e sacos de apitos. Mais de cinco mil que seriam distribui-
dos entre os corinthianos para serem usados quando os jogadores'
do Santos tocassem na bola. Um diretor dos Gaviões, o vice-presi-
dente que estava ao meu lado enquanto o policial me mandava mos-
trar o fundo do saco de apitos que eu carregava, argumentou:

- Gavião não traz rojão, seu guarda. Pode ficar'
tranquilo.

Ao que o P.M. respondeu com ironia e sarcasmo:

- Ah não... Gavião não traz... Gavião é bonzi -
nho...!

E ele, contra-argumentando;

- É bobagem. No fim estoura na gente mesmo.

Era verdade. Gavião não leva rojão. Pelo menos '
nesse jogo e nos outros em que estive presente nunca um Gavião ,
dentro daqueles que frequentam o "lugar dos Gaviões", soltou um
rojão dentro do estádio.

Durante as brigas na entrada o vice-presidente ,
um indivíduo gordíssimo, calvo na frente da cabeça e cabeludo na
parte posterior, grizalho e com muita barriga, , con-
trolava os mais afoitos. E, se não conseguia impedir as brigas e
as surras, pelo menos tentava diminuir sua violência e intensida-
de. Durante boa parte do tempo em que elas duraram ele não este-
ve presente. Quando chegou, em conversa com outro diretor Gavião,
disse que estivera até ali com o comando do policiamento discutin-
do detalhes do serviço e apresentando sugestões. Não obstante '
sua preocupação e abnegação, as brigas haviam sido preparadas '

com antecedência e premeditação:

- A gente não pode ficar muito tempo sem bater em santista que eles começam a ficar saidinhos. No máximo a cada seis jogos a gente tem que dar um pau neles. Pra eles saberem o lugar deles. - Já tinha me dito Fábio durante a semana, repetindo a opinião de alguns diretores.

A Bateria continuava. Chegava a irritar. Estava ao seu lado e o surdo e o repinique soavam direto no meu ouvido. Coloquei, na falta de algodão, papel amassado na orelha, na tentativa de diminuir o barulho. Pouco resolveu. O Ressaca empatou. A torcida do Santos tomou o seu lado. Vibrava, aplaudia. Explodiram rojões e xingaram os corinthianos. Levantamo-nos e mãos estendidas, vibramo-nas abertas, no gesto típico de mostrar "o tamanho do caralho que eles merecem". Gritamos: "Araruta, araruta, santista filho da puta!" No fim o Corinthians ganhou de 4 a 3, no último minuto. Vibramos, assim como todos os demais corinthianos e, para não variar, todos recomeçamos a insultar o Santos e sua torcida.

Quando o Corinthians entrou foi a maior vibração. Bandeiras ao vento, milhares delas, tremulando. Rojões, gritos, pulos. Explodiam milhares de rojões acessos por aqueles que conseguiram burlar a vigilância da polícia: "Corintia! Corintia! Corintia!" Era a certeza da vitória.

Quando o Santos entrou foi o mesmo espetáculo do lado de lá, ^{no} pouco menos de meio estádio ocupado pelos santistas. Tal qual os corinthianos, com suas faixas, bandeiras, cartazes, torcidas organizadas, gritos, vivas, rojões. Do lado de cá, os corinthianos e os Gaviões. O silêncio. Por alguns instantes o silêncio. Depois a forra tentando inutilmente abafar os gritos dos santistas.

- Ê, ê, ê,...

Viúva do Pelé!

Ê, ê, ê,...

Viúva do Pelé!

- Ou, ou, ou...

O Santos acabou!

Ou, ou, ou...

O Santos acabou!

O primeiro tempo foi horrível para os Gaviões. O Santos jogava melhor. Dominava o meio de campo. Vaguinho jogava mal. A torcida corinthiana reclamava. Dizia que o jogo dava sono. Acabaram admitindo que Matheus tinha razão:

- Melhor Ruy Rei na ponta direita do que Vaguinho.

- Mas Ruy Rei não foi contratado pra ser centro-avante? Ele não joga melhor na área?

Ninguém me respondeu. Era Ruy Rei e pronto. Ele já fora quase aceito pelos Gaviões, apesar da desconfiança inicial quando relembravam que ele tinha provocado sua expulsão no último jogo contra a Ponte Preta, no final do campeonato paulista de 77. Ruy Rei, que era o centro avante da Ponte e elemento importante para a vitória do time, tinha procurado a expulsão e, assim, facilitado a vitória do Corinthians. Por isso era mal visto agora que vinha para o próprio Corinthians. Quem podia garantir que ele não tinha se vendido e que não tornaria a fazer o mesmo, agora em prejuízo do timão?, diziam. Mas Ruy Rei já estava quase aceito, apesar dos xingamentos e dos apedrejamentos à casa do presidente do clube, ocorridos durante a semana toda. Os Gaviões tinham até tirado uma nota de protesto pelo ato da diretoria do time.

Xingavam a todos. O Corinthians, segundo eles, es

tava irreconhecível.

- Se empatar com esse timinho de merda a gente já po
de ficar contente. É uma bosta. Empatar com esse ti
minho. O Santos acabou. O Santos vai perder de todo'
mundo. Todo mundo vai fazer três pontos em cima de
les. Se a gente empata e olhe lá, heim...

O segundo tempo começou melhor. A batucada, que fize
ra uma pausa no primeiro tempo, talvez porque o time não rendia
mesmo, mas se justificando pelo fato de ter-se rompido as peles
de dois surdos e de um repinique, voltou a tocar.

Cláudio, que além de tesoureiro e controlador da ven
da de camisas era também o líder dos Gaviões nos estádios, levanta
va-se constantemente tentando motivar a torcida e incentivar o
time:

- Corriintiaaaa - ele gritava e muitos embalavam:
- Corriintiaaaa - mas logo paravam.

Só uns poucos Gaviões gritavam. As outras torcidas
não aderiram. Ele ficou irritado:

- Torcidas de merda. Eles se acham corinthianos, mas
na hora de incentivar o time ficam quietos. Só ser -
vem pra vir ao campo colocar faixas. Se mostrar. Apa
recer. Eles não são corinthianos. Vamos lá. Vamos só
nós, os Gaviões: Corriiiiintiaaaaa!

Mas foram poucos, mesmo Gaviões, os que o acompanha
ram. Pararam logo. Ele sentou-se entre desanimado e raivoso. Sua
esposa, ao lado, estava quieta. Ela também era uma Gaviã. Vestia-
se como ele, com a camisa da torcida. Durante a semana, mesmo com
uma filha recém-nascida, ela auxiliava na administração dos Gavi-
ões, cuidando da correspondência e de seu arquivamento, responden
do as cartas de Gaviões de todos os Estados do País:

- E não pode deixar atrasar, não. Se não o pessoal fica sentido. Quando é proposta de sócio novo, então, tem que responder imediatamente. São mais de cem cartas por mês.

Romeu marcou pelo Corinthians. Novas vibrações, mais rojões, gritos, bandeiras. Novos insultos aos santistas. E a bateria a puxar o som:

- Caiu na rede é peixe eeã

Eu não posso bobeã

Caiu na rede é peixe eeã

Eu não posso bobeã

Mesmo furados, agora, os instrumentos voltavam a tocar.

- Começou a goleada!

Até que Aylton Lira, batendo uma falta, enfiou a bola por entre um espaço deixado por Palhinha na barreira e Tobias, caindo atrasado, deixou a bola entrar. Era o empate. O desânimo. Era a vibração dos santistas. Os rojões, as bandeiras e os xingamentos. Os Gaviões, comandados por Cláudio, ensaiaram uma reação. Um revide:

- Coríntia! Coríntia!

Pararam logo. Ninguém se entusiasmava. Nem os Gaviões. Cláudio torna a se irritar, mas logo se acalmou. Pelo menos parou de reclamar.

Nem os apitos funcionavam. Ninguém os animava. Os cinco mil apitos distribuídos gratuitamente entre os torcedores permaneceram mudos durante o jogo todo. Raras vezes eles foram ouvidos.

Faltavam já 15 minutos para acabar a partida quando Brandão resolveu fazer uma alteração na equipe, retirando Geraldão,

o centro avante e colocando "Qualhada" em seu lugar. Com isso Pa^ulhinha foi para o comando do ataque. Luiz Carlos, diretor dos Gaviões, comentou:

- Agora o Qualhada vai marcar um gol. É só ele entrar e marcar. Ele não joga nada, mas tem sorte. Ele dá sorte.

Depois ele mesmo procurou se corrigir:

- Bom, se ele não marcar, pelo menos ele sabe fazer bons lançamentos. É tudo o que ele sabe. Num desses, quem sabe...

E emendou, lembrando-se de Pelê:

- Por que será que tem sempre um filho da puta deles, com a camisa 10, que marca gol de falta na gente? Eles sempre marcam gol de falta na gente.

Nos quinze minutos finais muita gente começou a sair das arquibancadas. Estavam desanimados. Os Gaviões protestavam:

- Corinthians de merda ! Assim é que vocês são Corinthians.

Batiam em alguns que passavam mais perto de nós. Um, mais exaltado, ou mais a fim de confusão, atirou sua sandália tipo "havaiana" num garoto que saiu todo encolhido e sem reagir. Lá de baixo veio de volta o chinelo.

O jogo acabara e o resultado era aquele inexorável 1 a 1. Algum desânimo. São duas coisas diminuíam o gosto amargo do empate não aceito: a derrota dos "porcos" palmeirenses frente ao Remo por 3 a 1 e a perspectiva de "pau" na saída.

- Hoje os pexero vão aprendê que não devem vir a São Paulo. Vamos dá o maior pau neles. Você fique aqui com a gente. Perto dos instrumento pesado. Não vai nas berada que cê apanha. Eles te pegam. Aqui no me-

io ninguém entra. Vai aqui com as mulheres - dizia o Gilmar, diretor de instrumentos, orientando-me e protegendo-me no momento da saída do estádio.

Ivonir também se aproximou e perguntou-me, quase implorando:

- Você não vai colocar as brigas no seu livro, vai? Pega mal...

Enquanto ele dizia isso, dava-me uma sacola com alguns instrumentos pequenos e algumas baquetas, inclusive uma de surdo e me advertia:

- Se vierem por cima de você é só puxar (a baquete do surdo) e mandar na cara do santista.

Na saída não saí com eles. Fiquei para trás. As brigas demoraram. Apenas algumas correrias em santistas. Os que eram pegos apanhavam muito. Mesmo correndo apanhavam. Por onde passavam apanhavam. Caiam, levantavam e sempre apanhando. As mulheres, mesmo sem brigar, vibravam com as sovas. Vinte, trinta contra um indefeso, temeroso, encolhido. Chutes, ponta-pés, voadoras na cara e no peito, murros, safanões, empurrões dados por muitos, ao mesmo tempo.

Justificavam-se dizendo:

- Santista tem que apanhar. É muito besta. Se a gente não bate neles, eles batem na gente. E com a gente ninguém bobeia. Gavião é fogo! Gavião é Gavião!

O grito de guerra era dado na gozação:

- Corinthians empatou, pau quebrou!

ou ainda:

- Corinthians perdeu, pau comeu!

No entanto, o grito maior, o que saia com mais força e arrebatava a todos, o grito de Coriintiaaaaã!, esse era dado com raiva. Quase com ódio. Com paixão. E era dado naquele momento para enervar o adversário. O adversário que, ali, tanto podia ser o santista quanto a polícia que intervinha para impedir o quebra-quebra.

Quando a polícia chegou todos correram para o interior dos ônibus. Ela ficou rondando do lado de fora, sem se acercar muito. Imediatamente, enquanto corríamos para os ônibus, os Gaviões esconderam os paus e porretes com os quais havíamos nos armado. Protegidos dentro dos ônibus gritávamos com força, com raiva mal disfarçada e em tom de provocação:

- Coriintiaaaaã! Coriintiaaaaã !

Quando os policiais se afastaram, tudo recomeçou. Saimos novamente dos ônibus. No início com cautela. Poucos. Devagar. Depois em desembalada correria. Todos. Em direção aos ônibus dos santistas. Pelo caminho nos armamos. Surgiram paus e porretes. Grades de proteção das árvores recém-plantadas no bairro "chic" foram arrancadas em segundos. Tudo foi muito rápido. Num instante estávamos todos armados. Alcançamos os santistas e o pau comeu feio. Ônibus foram quebrados, para-brisas estilhaçados, vidros laterais, faróis e lanternas, latarias, tudo esmigalhado.

Mas os santistas reagiram. Armaram-se. Conseguiram paus e porretes. Surgiram rojões que explodiam sobre os Gaviões. Pânico. Correrias, desta vez de retorno aos ônibus. Agora já não eram apenas Gaviões, mas também Camisa 12, Espadão, Povão, Torcida Unida, Até a Morte, etc. Na volta, carregados, vinham os feridos com pernas quebradas, rostos sangrando, os gemidos e a raiva que crescia e a euforia que compensava:

- Pô, eu quebrei todos os vidros do ônibus. Um por

um. Um barato ! Gostoso pacas... Vô voltar - dizia Gilmar excitado.

"Porretada, com porretada se pagam. Rojões com rojões, também". E surgiu, rápido, um saco. Um saco cheio de rojões. Imediatamente fôí despejado no chão. O círculo fechou-se. Quando se abriu, cada um tinha apanhado sua "arma". Em correria nos aproximamos dos santistas. Uma mulher de cerca de 40 anos corria junto de nós, com a camisa da "Espadão" e portando nas mãos um porrete de quase um metro. Um rapaz Gavião a segurou e disse:

- Não. A senhora não. Pode se machucar.

Rápido, com raiva, ela revidou:

- Vocês não são de nada! Vamos lá e vamos quebrar' esses putos. Cê pensa que eu esqueci? Eles quebraram a gente da outra vez. Hoje é a minha forra. Vocês são todos uns fróuxos!

Ele defendeu-se:

- Peraí. Qui qui é isso? Eu tava preso o jogo todo. Nem vi o jogo. Briguei desde o início. Dei porrada ' paca - disse com satisfação.

Dos dois lados, no total, eram cerca de mais de mil pessoas brigando, gritando, gemendo e rindo, vibrando seus porretes improvisados.

Quando Trombadinha passou por mim e me viu com a camisa dos Gaviões e um enorme porrete nas mãos, foi logo dizendo cheio de orgulho.

- Agora você é um Gavião mesmo. Tá tendo teu batismo.

E passou a comentar com os que estavam perto:

- Esse é dos nossos, nem bem entrou pra torcida e já tá no meio das brigas. Gavião é assim.

Não sabia ele que eu não tinha dado, nem levado por rada alguma. Aquele porrete servia apenas para me confundir com eles e, se necessário, proteger-me. Na briga eu não entrei. Fiquei observando de longe, com medo de apanhar.

Quando os rojões estavam sendo acesos chegou novamente a polícia. Todos pararam: dos dois lados, corinthianos e santistas. Os rojões já acesos foram disparados para o alto, na comemoração disfarçada sabe-se lá de quê.

Com a aproximação da polícia a providência imediata foi, cada um, arrancar sua camisa-uniforme e escondê-la. Elas denunciavam e comprometem e eles têm consciência disso:

- Um Gavião não briga. É covardia... Um Gavião só briga por um motivo justo", dizia Luiz Carlos na palestra aos sócios novos.

Se Gavião não briga, por que, afinal, as outras torcidas brigariam? E todos, indistintamente, Gavião ou não, corinthiano ou santista, rápidos, tiraram seus uniformes.

- Cada briga nossa é uma derrota. Uma nódoa. Um procedimento baixo. A gente só briga quando é inevitável, quando é uma questão de honra. É covardia. Nós sempre estamos em maioria. Ninguém pode com a gente", dizia o mesmo Luiz Carlos na palestra.

O mesmo Luiz Carlos que agora, enquanto vibrava um porrete, queixava-se de não ter podido usá-lo e, ainda por cima, de estar com dor no braço:

- Eu desloquei o braço quando fui dar um murro num santista. É isso que dá. Faz tanto tempo que a gente não briga que quando vai dar uma porrada num puto, é a gente que sai mal.

Com a rádio patrulha e caminhonetas veraneio com as

sirenas abertas a polícia cercou os ônibus. Dentro deles, superlotados, todos se encolhiam. Os policiais circulavam pelos veículos, ameaçaram e, por fim, mandaram que os ônibus tocassem em frente. Que fossem embora. Despeitados, protegidos, pelo caminho de volta íamos gritando enquanto a polícia podia nos ouvir: Coriintiaaa! Coriintiaa! como um grito de guerra. Como uma palavra de ordem. Com os punhos cerrados e para o alto.

No trajeto de volta o samba. A batucada. A brincadeira com os companheiros. Depois, na sede, as combinações para o resto da noite - mesmo sendo domingo e, na segunda feira pela manhã ser "dia de trampo". Mesmo sendo já mais de 21 horas e, muitos estavam sem almoço e sem janta, sem mesmo um pequeno lanche desde a manhã. Enquanto guardavam as mais de 30 bandeiras intactas combinavam programas para o resto da noite. Comentavam as brigas, as porradas que tinham dado ou tomado. Do jogo pouco se falou.

AQUI TEM NÊGO QUE É MAIS GAVIÃO QUE CORINTHIANO. SÃO TUDO UNS FRES-COS.

Eram cerca de 13:30 horas e o ônibus nos conduzia ao estádio do Morumbi como das vezes anteriores. Com pequenas variações, tudo corria dentro do padrão estabelecido até que nosso ônibus parou - já no início da avenida Nove de Julho, em Pinheiros - num sinal de trânsito. Ao nosso lado encostou um carro Mercedes Benz esporte da cor verde. Em seu interior duas pessoas. A que ia ao volante, aparentemente proprietário, demonstrava, pelo que se podia entender por sua gesticulação e atuação, a eficiência do sistema de ar condicionado do carro. No interior do ônibus lotado, em meio ao sambão e aos gritos e brincadeiras, nós suávamos. Um Gavião viu a Mercedes e seus ocupantes e, olhando para eles, começou a gri

tar:

- Coríntia! Coríntia! Coríntia!

Imediatamente todos se voltaram, primeiro para quem gritava e depois para a Mercedes e, juntos, muitos em pé, gritavam:

- Coríntia! Coríntia!

Era um grito de raiva. A Mercedes era verde. Seriam palmeirenses? Para um Gavião usar o verde é sinal de que se é torcedor do Palmeiras. Mas, se fosse apenas essa a razão e o motivo da raiva, por que gritar "Coríntia", que, em si, não é absolutamente agressão e não "Porco! Porco! Porco! Porco!"? Por que gritar com aquela raiva, com aquela intensidade e com aquela violência: "Coríntia! Coríntia!" com tal ódio que chegou a assustar os ocupantes da Mercedes? Não houve agressão física, ninguém xingou, ninguém ameaçou. Apenas gritavam com força e com raiva: "Coríntia! Coríntia!", mas foi os suficiente.

Na volta do estádio, apesar do empate e da dificuldade aumentada de o Corinthians conseguir se classificar para a fase final do Campeonato Brasileiro, pouca importância se dava ao jogo ou ao seu resultado. Não se comentou o jogo. Com referência a ele, o máximo que se fez foi insultar o Vasco e os vascaínos, logo na saída do estádio. Do Corinthians ninguém se lastimava. Nem dos jogadores, nem do técnico, nem dos dirigentes e, nem mesmo do juiz ou dos jogadores do Vasco.

Vim no ônibus da batucada. Isto é, no ônibus dos "maloqueiros". No ônibus lotado, após termos ficado no estádio desde ao meio dia, o que implicava em estarmos todos cansados e com fome, além de irritados com o empate, mesmo que não dissessemos nada sobre isso, Carlão ia deitado num banco, ocupando dois lugares. Tadeu, que é estudante de Psicologia e redator d'O Gavião, resolveu sentar. Pediu, com pouco jeito, que Carlão cedesse um lugar. Começaram a discutir. Carlão dizendo que saia, mas que não saia com pressa. Tadeu dizendo

que esperava, mas que não esperava muito. Um dizia ao outro que não iria fazer sua vontade. Por fim Carlão levantou-se. Deu um lado do banco para Tadeu e começou a reclamar. Avisou a Tadeu que não se encostasse nele. Disse, em certo momento, que iria, qualquer dia, preparar um "pacau" inteirinho e fumar dentro do ônibus, "sô pra ver quem vai encher o saco". Um Gavião lá atrás, negro como ele e "maloqueiro" como ele, disse-lhe que se ele fizesse aquilo ele seria expulso incontinentemente, porque:

- Aqui tem nêgo que é Gavião. Não é corinthiano, não. Mais Gavião que corinthians. São todos uns frescos. Olha aqui, ô! tem o Tadeu aí, o Flávio, o Cláudio, o Joca... Ah! e além desses tem os puxa-saco. O Gilmar é um, nê Gilmar? Chega nos Gaviões às duas horas (quatorze) pra apertar instrumento. Chega no Vai-Vai ao meio dia pra apertar instrumento. É sô anda caído... (duro, sem dinheiro).

Gilmar ficou chateado. Ele, que é biscateiro mas que andava há muito tempo sem trabalho para se dedicar aos Gaviões e à Escola de Samba Vai-Vai, fez bico com a boca e começou, num gesto característico seu, a passar a mão sobre ele. Foi tirado para "judas" o percurso todo. Aliás, "Judão" é o seu apelido entre os "maloqueiros".

Carlão mudou de lugar. Foi sentar-se perto de Criolê, que morria de sono. Começou a perturbá-lo. Com uma baqueta de repinique, batia na guarda do banco para acordá-lo. Criolê, assustado, acordava mas não dizia nem fazia nada.

Outro ônibus dos Gaviões aproximou-se do nosso. O jogo já terminara há uma hora e meia e ainda não tínhamos conseguido sair do estacionamento, tal era o congestionamento. Quando os ônibus pararam Cláudio aproveitou para descer do veículo. Ficou andan-

do nas imediações. Carlão, Black Sabá (ou apenas Breque) e o Criolinho-lã-de-trás, começaram a mexer com ele. Sem se dirigir diretamente a ele, mas fazendo com que ele percebesse que falavam dele, chamavam-no "Corcunda de Notre Dame". Comentavam sobre sua calça e sua sandália, "que ele nunca tira", diziam. "A sandália dele já está até andando sôzinha". Quando Gilmar quis entrar também na brincadeira, impediram-no. Gozaram-no dizendo que "Você não pode falar de ninguém. Você sô anda caído e não tira esse seu K-Chuté. Não pode falar nada". Ele se calou. Começaram a chateá-lo novamente e ele sô resmungava sem se atrever a responder:

Alguém, lá da frente do ônibus, gritou:

- Pãra de encher o saco. Cêis são todos maloqueiros, pô. Moram todos nas quebradas, no cú do mundo... (como querendo dizer: quem são vocês para falar dos outros?).

Arapirica, um crioulo baixinho e que se mantivera calado até ali, se queimou:

- Eu moro na Zona Norte, sim... Mas é na capital da Zona Norte. Em Sant'Ana, tá bom? - e riu.

Quiriria, o Criolinho-lã-de-trás, emendou:

- Eu moro em São Miguel, e daí?

Foi gozado pelos próprios "maloqueiros":

- Isso não é morar. É sê esconder. Lá sô tem maloqueiro, meu...

Quando o ônibus se pôs em movimento novamente, passou por nós um dos ônibus da "Camisa 12". Quando paramos, devido ao congestionamento, os dois ficaram emparelhados. Carlão saiu à janela e começou a brincar com os que estavam no outro ônibus. Cumprindo o que nos prometera, assim que alguém da Camisa 12 ao seu alcance pôs a cabeça para fora da janela, desferiu um violento golpe de baqueta em sua cabeça. No outro ônibus todos se revoltaram e ameaçaram. Quan

do o veículo acelerou, Carlão esbarrou nos que estavam com as janelas abertas. Foi elogiado com risos e apupos pelos que estavam no fundo do nosso ônibus. Quando os ônibus emparelharam novamente, ele saiu à janela e pediu desculpas aos ocupantes do outro. Quando aqueles abriram suas janelas e puseram-se a conversar com ele, foram novamente cuspidos. No nosso ônibus os "maloqueiros" deliravam e, como parte das comemorações, entre novos gritos e apupos, dava-se muitos tapas em Gilmar.

Durante todo o percurso da volta, Carlão continuou comandando as brincadeiras e sempre olhando para Tadeu ou procurando chamar sua atenção. Gritava e xingava como se falasse para ninguém e para todos ao mesmo tempo:

- O cu da tia, meu!... Va ga bun da!... A sua mãe, aquela puta velha, tá com cancro...!

E emendava, olhando sempre para um dos "maloqueiros", mas falando, na verdade, para todos, já que falava muito alto como, inclusive, todos os "maloqueiros" vinham fazendo:

- Quando eu for expulso dos Gaviões, vocês vão todos ficar tristes. Não vão mais ouvir: Va ga bun da!... Isso vai perder a graça!...

Dulce, uma garota de 19 anos, empregada de um supermercado de subúrbio, Gaviã há dois anos - a mesma que pediu-me que não contasse que eu a havia acompanhado até sua casa -, resolveu sentar-se. Como não houvesse lugar, acomodou-se sobre um surdo que estava no chão. Carlão imediatamente gritou com ar de assombro:

- Barbaridade...! E nem gritou?! Não doeu não, Dulce? - e apontando para os estirantes do instrumento, completou: - Olha cada bruta ferrão! Tá bom, Dulce, tá?

Ela corou-se e, acanhada, pôs-se em pé. Todos riram enquanto Carlão exibia a ponta dos estirantes do couro do surdo.

Ela, gostando da brincadeira, resolveu sentar-se novamente. Carlão pediu:

- Dã uma mexidinha, dã?

Ela deu. Ele vibrou. Todos riram.

Palavrões eram ouvidos em profusão. Músicas que mexiam com diretores e "maloqueiros" também:

"Depois de um sono bom

Come o Joquinha

A gente levanta

Depois come o cu do Criolê

Toma uma esprimidinha

É o Criolê que a gente gosta..

EU SOU O PRESIDENTE DESTA PORRA AQUI, OU, QUANDO EU FOR EXPULSO IS-
SO AQUI VAI PERDER A GRAÇA...

Foi o próprio Tadeu quem alertou a todos. O diretor Tadeu que até ali vinha sendo alvo de chacotas e que mantivera-se à margem das brincadeiras. Pois foi ele quem deu o alarme. Sentado dois bancos à frente da rolêta ia um desconhecido. Ali entre nós, Gaviões, ia um não Gavião:

- Ô Carlão, tem um 'santista' no nosso ônibus...cê vai deixar? Ele tã dormindo Carlão. - disse em tom de brincadeira e de incitação, frizando o qualificativo santista, que ele próprio imaginava falso.

Arapirica, no entanto, foi mais rápido que Carlão. Adiantou-se, passou por sobre o banco onde estava Tadeu, deitou-se sobre os ocupantes dos bancos dianteiros e deferiu violento tapa na cabeça do rapaz, escondendo-se imediatamente. O rapaz acordou assustado e reclamando. Levantou-se de um salto e começou a xingar, convidando para a briga "o filho da puta que me bateu". Como ninguém se apresentasse e ele não pudesse mesmo perceber quem lhe batera, concluiu que fora alguém pelas proximidades. Ameaçou devolver o tapa num garoto que olhava curioso e previniu a todos, em voz alta,

que era "bom de briga", que era "das bocas". Ninguém lhe prestou muita atenção. Quando ele se sentou e dormiu novamente, Tadeu , que estava mais perto dele e que ouvira suas ameaças, informou ' aos que estavam no fundo do Ônibus - Carlão, Arapirica, Crielê , Quiriria e Black-Sabã - que:

- O moço é valente. Brigador da boca-do-lixo.

Carlão entusiasmou-se:

- Vamos ver a valentia dele.

Tadeu incentivou dizendo que o valente precisava aprender a se comportar entre os Gaviões:

- Valente tem que se garantir.

Não se sabe de onde, apareceu uma vassoura. Com ela começaram a cotucar o rapaz. Toda vez que o rapaz dormia, com o cabo da vassoura, desferiam pequenos golpes em seu ombro e cabeça. Vendo-se desprotegido o rapaz percebeu que não devia reagir e, daí, começou a rir sem jeito. Mesmo assim não foi poupado. A vassoura era sistematicamente lançada sobre sua cabeça. Fingiu que dormia ele conseguiu agarrá-la. Foram retiradas, então, algumas peças de uma placa do ônibus que, com força, eram atiradas ' sobre o moço. Ele levantou-se rápido e, virando a vassoura, ameaçou:

- Qualê o home aqui? Que apareça o homem!

Carlão, de um salto, varou a roleta e, com a baqueta do rapinique, desferiu novo golpe em sua cabeça. Imediatamente, antes que o rapaz pudesse esboçar qualquer reação, um grupo enorme de Gaviões voou sobre ele. Foram socos, sopapos e pontapês em profusão. Logo outros intervieram com o objetivo de acabar a pancadaria. Eram principalmente diretores ou integrantes do grupo mais chegado à diretoria, os "mais Gaviões que corinthianos", como diziam os "maloqueiros". O próprio Tadeu estava '

entre eles. Deixaram apenas que Carlão se divertisse, divertindo, assim, a todos.

Acuado, assustado, vendo que estava numa "enrascada", o rapaz resolveu não reagir. Quieto sofreu as humilhações que Carlão, assistido por todos os Gaviões, "maloqueiros" ou "mais Gaviões que corinthianos", lhe impunha. Sob a força de tantas gozações, puxões de cabelos e gritos ele teve que distribuir cigarros a todos os que estavam à sua volta e acendê-los. Carlão gritava e obrigava o rapaz a responder em voz suficientemente alta para que todos ouvissem, suas perguntas.

Depois de algum tempo Carlão voltou para o fundo do ônibus. Aproveitando a oportunidade, assim que o ônibus parou no sinal, o rapaz tentou saltar do veículo. Carlão gritou para que ele voltasse. Como ele se recusasse, nova sessão de tapas e ponta-pés e sopapos se seguiu. Tadeu e outros, inclusive o próprio Carlão e Criolê, mais Black-Sabá e Arapirica, intervieram impedindo a ação dos "embalistas". Carlão, sob a concordância dos demais, sentenciou:

- Se ele quiser se garantir, ele vai sair (para a briga) é comigo mesmo. Só comigo. Ninguém interfere.

E continuou:

- Não deixa ele sair não. Eu sou o juiz. Vamos levar ele até a quadra e dar um banho nele. Um banho de mangueira. Eu sou o presidente dessa porra aqui. Eu sou presidente dos Gaviões. Você é Gavião? Não é, né? Que qui é que cê veio fazer aqui, hem? hem?

Quando Carlão voltou para o fundo do ônibus, um garoto gritou lá da frente:

- Ô Carlão, ele falou aqui que é santista...

Carlão voltou no embalo e tornou a bater e a humilhar o rapaz que, muito assustado, limitava-se a rir.

Na verdade, é preciso que se diga, em momento algum bateu-se com muita violência no "santista". Era suficiente humilhá-lo; e era isso que todos ali dedicavam-se a fazer.

Quando o ônibus chegou na quadra, o rapaz quis fugir. Não conseguiu. Foi levado para um canto e, com a mangueira, deram-lhe um banho. Flávio, quando viu a correria, quis intervir. Alguém lamentou que Flávio estivesse ali, mas Carlão e os demais, "maloqueiros" ou não, disseram que Flávio não poderia interferir. Era bom que ele nem tentasse, reforçaram alguns "maloqueiros", acrescentando que o "santista" iria tomar o banho para aprender a não ser violento e para nunca mais se misturar com os Gaviões.

Enquanto Flávio tentava intervir, avisado por Gilmar, Tadeu apressou-se em explicar que o rapaz era valente e, ainda por cima, "santista". Flávio acalmou-se mas autorizou apenas o banho e "alguns tapas", alertando, no entanto, que não iria à delegacia caso "desse qualquer bolo". Tadeu garantiu que não haveria problema, afinal era "uns tapinhas de nada". Enquanto isso, Carlão, com a mangueira na mão, gritava:

- Aí valente... santista de merda... vira de bunda. Vira de bunda que tem que molhar tudo!

Flávio interveio. Pediu que parassem e que deixassem o rapaz ir embora. Foi obedecido. Sob gozações e humilhações ele se foi, todo molhado e com a carteira profissional numa das mãos.

É POVO NA CABEÇA

O Corinthians ia mal. Daqule jeito não conseguia se classificar para as finais do Nacional. Os Gaviões, no entanto, além dessa tinham outras preocupações. O carnaval se aproximava e era preciso ultimar os preparativos para o desfile do Bloco. Nos dois carnavais anteriores eles tinham sido campeões em sua categoria e agora pretendiam manter a "tradição". Futebol e carnaval, agora, se misturavam na expectativa geral e, a medida que o segundo se aproximava, o primeiro ia ficando em segundo plano. O tema do Bloco, com samba enredo, adereços, carro alegórico, fantasias e ornamentações, já quase uma escola de samba, era, inevitavelmente, o Corinthians. O Corinthians que agora era Campeão Paulista. O campeonato nacional passava a ser uma preocupação secundária.

Tal como fazem com a confecção das bandeiras, os Gaviões contrataram profissionais para criar e executar os enfeites, carro alegórico e aderêços. Nada era improvisado. Promoviam rodas de samba, coletas e contribuições, além de receberem verbas oficiais, através da Paulistur (empresa municipal paulistana encarregada de inventivar o turismo, etc. e que é a responsável pelo carnaval na cidade), para levantar fundos para o Bloco. Os participantes, todos, pagam eles próprios suas fantasias, recebendo, os mais carentes, uma pequena ajuda financeira.

O corre-corre era grande. Foi nesse período que pude conhecer melhor o Flávio La Selva - primeiro presidente dos Gaviões e, na época, fundador e primeiro presidente da ATOESP. Flávio é advogado, formado pela USP e, em 1968, época do surgimento dos Gaviões, era ex-participante das movimentações estudantis que tanto marcaram aquele período. Flávio desempenhava um papel de coordenador geral e, ao mesmo tempo, de relações públicas dos Gaviões. Era sempre ouvido com respeito, talvez pelo status de fundador, talvez pelo de advogado, talvez pelos dois. Era ele quem resolvia as

4170/BC/

questões externas do Grêmio e, nas internas, sempre tinha uma ponderação, quase sempre acatada, a fazer. Ele, juntamente com mais dez Gaviões, fazia parte do CORE, um conselho de representantes junto ao Corinthians. Com isso, e somando-se mais a sua posição de líder dos Gaviões e do presidente da ATOESP, conseguia uma certa influência junto a diretoria do Clube e, também, junto à Secretaria de Segurança Pública. O que também, assegurava uma relativa força ' de pressão aos Gaviões junto a esses órgãos. Flávio sabia disso e se esforçava para manter esse prestígio. Nas muitas conversas que ' tivemos ele ia me explicando e contando a história dos Gaviões, das pressões que sofreram e de como conseguiram, pouco a pouco, serem ' respeitados e ouvidos. Naquela época, Flávio, que além de manter todas essas atividades e mais um escritório de advocacia e que participava dos trabalhos pastorais da Zona Leste da capital, tinha a pretensão de transformar o Grêmio Gaviões da Fiel, numa entidade cultural. Pretendia promover debates, cursos, criar um grupo de teatro e um cine-clube. Achava que só futebol e samba não correspondia às expectativas de todos os Gaviões. Ele tinha a certeza de que diversificando as atividades do Grêmio, muitos outros elementos se incorporariam a ele.

Para Flávio aquelas atividades tinham algo de político. Tanto na posição de independência com relação à diretoria do Corinthians quanto nas próprias atividades do Grêmio. Eram uma força de pressão, segundo ele, que agia também frente a polícia, a opinião pública e aos órgãos do Estado. Ele sabia que só agindo organizadamente é que eles conseguiam intervir e interferir. Sua preocupação maior, ali, era com o Corinthians e a torcida corinthiana. Dentre suas bandeiras de luta frente a diretoria do "timão" estava na primeira linha a modificação dos estatutos do clube para que os torcedores não apenas os associados, tivessem direito a voto na esco -

lha dos dirigentes de futebol. "É um absurdo, dizia ele, que quem elege e decide sobre os destinos do time sejam os associados. Os associados do Parque São Jorge são os moradores da redondeza da sede social que pouco se interessam por futebol. O povão, a massa corinthiana não é associada e nem pode ser porque não tem dinheiro. Mas é ela quem vai aos estádios quem dá as grandes rendas ao Corinthians e que o mantém, mas, no entanto, não participa das decisões. Isso tem que mudar". Coerente com essa concepção e frisando sua independência ao Clube, um Gavião não precisa ser associado do Corinthians.

Com os Gaviões, com a ATOESP e com a participação no Corê, já tinham sido dados os primeiros passos. Naquela época já existiam cerca de 40 torcidas organizadas só de corinthianos. Na ATOESP, por sua vez, congregam-se todas as torcidas do Estado, independente da preferência a este ou aquele clube. A grande maioria, no entanto, atrelada aos clubes, às suas diretorias ou a facções delas. Poucas se mantinham, como os Gaviões, independentes. Muitas são quase que totalmente financiadas pelos clubes. A história mesma dos Gaviões é uma prova disso. Eles surgiram no bojo de um movimento de oposição dentro do clube. Quando a facção que apoiavam chegou ao poder, quis transformá-los em torcida oficial e, portanto, sob sua tutela. Eles se recusaram. Com isso foi criado um "racha" dentro dos Gaviões. Dos cerca de 500 membros, restaram menos de 100, os demais fundaram a Camisa 12, aceitando todos os benefícios e imposições da diretoria. Os Gaviões, mantendo-se independentes, quase desapareceram. Hoje, no entanto, são a maior torcida do Corinthians. O caminho, no entanto, estava aberto. Assim, cada clube, diretoria ou facção que disputa o poder interno nos clubes, passou a fundar sua própria torcida. Muitas delas, entretanto, saíram ou formaram-se independentemente.

Quando Flávio me dizia que eles constituíam uma força política eu aproveitei para perguntar sobre a repressão. Afinal eles tinham se constituído em 1969 e vivido a época mais terrível da violência político-policial no Brasil. Ele afirmou-me que nunca houve pressão ou interferência direta mas que era sabido que agentes da polícia política (DEOPS) eram filiados ao Grêmio e que tinham uma presença relativamente assídua na sede e nos estádios.

Foi apenas com Flávio e com Tadeu que consegui conversar sobre os fatos políticos e econômicos que ocorriam no País naquele período. Um período crítico, aliás. Em outubro, época da decisão do Campeonato Paulista, foi o momento em que o Ministro do Exército Silvio Frota foi destituído e foi também, a época das primeiras movimentações sindicais de peso no ABC, com os metalúrgicos exigindo a correção dos salários distorcidos pelos índices de 1973. Era também, durante todo o período, o momento em que se discutia as sucessões presidenciais e dos governadores de Estado. Isso, no entanto, não era assunto dos Gaviões. Só Flávio e Tadeu falavam deles. Os demais tinham preocupações restritas ao futebol e ao carnaval.

Fui com Flávio e com outro diretor, dono de uma editora e que se ofereceu a editar meu "livro", conversar com o Presidente da PAULISTUR. Precisávamos acertar detalhes do desfile, da participação na verba, do concurso de "Rainha do Carnaval", da abertura do carnaval, dos ingressos para os desfiles. No caminho falávamos sobre a abertura do carnaval e sobre o concurso de rainha. Flávio soubera de um boato de que Vicente Matheus havia exigido que os Gaviões não participassem da abertura oficial do carnaval. Segundo Flávio isso era decorrência da oposição que faziam a Matheus e do medo de que os Gaviões se apresentassem com maior

brilhantismo que o Corinthians. A versão foi confirmada pelo presidente da Paulistur, mas sob a advertência de que não fosse divulgada ou comentada. Ele acrescentou detalhes, informando de um telefonema pessoal da esposa de Matheus. Segundo a versão que nos foi dada, Matheus argumentava que só a diretoria representava o Corinthians e podia se manifestar por ele, mesmo no carnaval. Os Gaviões não tinham legitimidade para fazê-lo. Flávio argumentou dizendo que eles estavam apenas fazendo uma homenagem ao Corinthians e não o representando. Que os Gaviões representavam apenas os Gaviões e a torcida corinthiana. O Clube Corinthians pouco lhes importava e que não tinham pretensão em manifestar-se por ele.

Quando retornamos a sede já era noite. O ensaio do Bloco já começara. Quando acabou procurei a companhia de Gilmar e Ivonir. Ambos iam para outro ensaio. Desta vez na Escola de Samba Vai-Vai. Outros, como Carlão, Quiririra, Arapirica e Black-Sabá, dirigiram-se a outras Escolas como à Pérola Negra para novos ensaios.

Fui até a Vai-Vai e, enquanto eles ensaiavam a batucada, eu ia procurando conhecer os frequentadores da quadra. Uma quadra coberta, sem forro e muito pobre, na avenida Nove de Julho, na altura da praça 14 bis. As paredes já tinham começado a receber a decoração para o carnaval mas ainda se via, além de alguns estandartes da escola, bandeiras do Corinthians e dos Gaviões e uma faixa de "Corinthians Campeão 77". Gilmar explicou-me:

- Aqui é povo. Tudo corinthiano e Gavião.

Estava sendo escolhido o samba enredo e muitos compositores se revejavam no palco improvisado. Lá fora a batucada percorria as ruas do bairro do Bexiga. Ali dentro, ao som de uma pequena bateria e cantando os sambas-enredo, uma pequena multidão dançava.

Iara, uma mulata alta, de olhos verdes e corpo

perfeito, era a candidata dos Gaviões à "Rainha do Carnaval". "Sa_{be} quem é ela?", dizia entusiasmado um Gavião antes de me ap_{resen}tá-la: "É aquela passista que aparece na televisão abrindo o car_{naval} de 77. Daquele filme de propaganda da Paulistur".

No dia do concurso no Anhabí, Iara, que desfila pela Vai-Vai, estava realmente bonita e os vinte Gaviões uniformizados que compunham sua torcida estavam certos de sua vitória. Várias Escolas de Samba tinham enviado suas representantes, além do São Paulo F.C., da S.E. Palmeiras e do S.C. Corinthians. Iara foi classificada entre as cinco finalistas. Os Gaviões se entusiasmar_{am} e começaram a dar vivas. A platéia, composta de representantes das diversas escolas e que se mantivera apática até ali, sob o comando dos Gaviões, passou a participar. Os Gaviões puxaram o coro e, depois, dos "vivas" passaram a ameaçar o júri, afirmando que se Iara não ganhasse "ia ter pau". Tadeu e Flávio, também presentes mas não uniformizados, conservavam-se à margem dos acontecimentos. Os integrantes das escolas cujas representantes haviam sido desclassificadas, por sua vez, passaram a engrossar a torcida gaviã.

Iara ficou como segunda "princesa". Como "Rainha", para desgosto dos Gaviões, foi escolhida a representante do Palmeiras, "uma italionona branquela e desengonsada que não sabe nem sambar".

Passado o carnaval, dias depois, no quartel da Polícia Militar, estávamos todos, integrantes dos Gaviões, da Vai-Vai, dos blocos e escolas de samba, esperando o resultado oficial da classificação nos desfiles de rua. Os Gaviões estavam confiantes no tri-campeonato. O pessoal da Vai-Vai, no entanto, estava temeroso. Julgavam-se perseguidos:

- No ano passado a gente já tinha que ter ganhado, mas eles deram a vitória para a Camisa Verde e Branca, uma sacanagem. Este ano, se eles

roubarem a gente outra vez, vai ter pau. Mesmo aqui no quartel a gente quebra esses putos desses caras da Paulistur. A Camisa Verde é a que ridinha deles. Isso aqui é uma pouca vergonha.

Todos concordavam, mesmo os integrantes das outras escolas. No final, os Gaviões saíram vencedores entre os blocos e, para alegria geral, entre as escolas de samba a Vai-Vai ganhou.

Imediatamente começou a comemoração. Integrantes dos Gaviões e da Vai-Vai cantavam e sambavam pelas ruas. Era quinta-feira mas, para nós, era como se fosse feriado. Ninguém fora trabalhar e nem iria no dia seguinte. Ao som das batucadas, com alguns estandartes e bandeiras, com muitos Gaviões uniformizados percorremos parte do centro da cidade, interrompendo o trânsito e protegidos pelos guardas, até a quadra da Vai-Vai. Lá a festa teve prosseguimento. Muita cerveja, muita cachaça, muito samba e batucada. Desfilamos pelas ruas do bairro, sob os olhares curiosos dos moradores, convocando-os para as comemorações. Junto com os estandartes da Vai-Vai e dos Gaviões, que uniram-se nas festividades, iam diversas bandeiras do Corinthians e seu nome era gritado em meio ao samba-enredo.

Enquanto desfilávamos pelas ruas, em qualquer bar que passávamos a gente parava na tentativa de tomar um "mêzinho", mas era inútil. A polícia, que nos protegia dos carros, também nos impedia de beber e nos obrigava a caminhar sempre juntos, num único bloco. Foi somente na quadra, ou nos bares das proximidades, que pudemos tomar alguma coisa. Pela noite afóra houve sambão e festa. Nenhum diretor dos Gaviões, entretanto, esteve presente.

No sábado, quando fui à sede dos Gaviões, o comentário maior era sobre o tri-campeonato no carnaval. Valdo, ou

tro Gavião, estava eufórico. Quando o encontrei num barzinho das proximidades, onde fui almoçar, ele não continha sua alegria. Enquanto me contava sua vida, dizendo que tinha vindo do Rio para São Paulo e que tinha trabalhado muito e melhorado de situação, tendo agora um escritório de despachante de documentos, ia sempre dizendo no meio da conversa:

- Esse ano só dá povo! É povo na cabeça! É o Corinthians Campeão, é Vai-Vai e é Gavião! O povo tá com tudo!

CAPÍTULO I

ITEM I

ANÁLISE TEÓRICA

INTRODUÇÃO À PARTE ANALÍTICA

EU, PESQUISADOR E GAVIÃO

Todo o volumoso material etnográfico que constituiu a "história" que foi contada até aqui, foi, conscientemente, "limpado" de toda e qualquer tentativa de sistematização e de tratamento crítico ou teórico. Tentei mesmo transportar para o texto, além de todo o clima que cercou meu trabalho de campo e experiência de pesquisa, também meu envolvimento emocional com as situações e pessoas contatadas. Assim, os juízos de valor, o tratamento valorativo e até mesmo as distorções incluídas no texto, sejam de observações minhas ou informações que eu sabia, quando da redação final, estarem incorretas, foram incorporadas conscientemente ao trabalho. Tal procedimento, incomum num trabalho científico, tem sua razão de ser. Era-me fundamental, dentro de minha concepção de trabalho de campo, tentar apreender ao máximo os valores e a visão de mundo dos Gaviões. Assim, esforcei-me ao extremo para tornar-me um deles; para ver a realidade que nos cercava, com os mesmos olhos que a viam. Evidentemente isso é impossível. Eu

venho de "outro mundo", com outra percepção de realidade e com todo um arcabouço teórico e metodológico que, de ante-mão, me colocou sempre numa posição e numa situação diferente da dos demais Gaviões. Além desse dado, minha própria posição de classe, como veremos que ocorre também com os diversos segmentos que compõem os Gaviões, deu-me sempre uma visão setorial daquilo que ocorria. Não quis e nem quero, entretanto, fugir da responsabilidade que me cabe enquanto pesquisador. Acredito ser fundamental num trabalho antropológico, que o leitor, aquele que recebe as informações da pesquisa, possa ter um mínimo de garantia quanto a seriedade e a honestidade dos dados e da interpretação que lhe é oferecida. E, com relação a este aspecto, acredito que apenas o rigor metodológico, e/ou a anexação dos dados estatísticos, quantitativos, etc., além da explicitação dos métodos de pesquisa, da coleta de dados e de interpretação, são insuficientes. E são insuficientes porque não apresentam, por mais depurados e controlados que tenham sido, o real envolvimento emocional e ideológico do pesquisador e do analista no processo de produção de seu trabalho. Acredito ainda, que a simples inclusão da história da tese e do trabalho de campo não esgotam nem dão a medida real do envolvimento do pesquisador. A elaboração da história da tese dá-se sempre a posteriori, num repensar e, portanto, numa reelaboração dos dados e das situações vividas, o que a torna, então, passível da manipulação (mesmo involuntária) por parte do pesquisador.

Ora, se o trabalho de campo, tal como definido e fundamentado por Malinowski, se constitui num dos principais atributos da antropologia dando-lhe, inclusive, creio eu, hoje, sua marca distintiva mais característica das demais ciências do social, nada mais justo e razoável, que demonstrar, da forma mais clara possível até que limites conseguiu o pesquisador penetrar

no objeto de seu estudo. Leach afirma que:

Uma das coisas que precisamos reconhecer é a força da tendência empírica que Malinowski introduziu na antropologia social e que tem permanecido conosco desde então. O âmago da antropologia social é o trabalho de campo - a compreensão do meio de vida de um determinado povo. Esse trabalho de campo é um tipo de experiência extremamente pessoal e traumática e o envolvimento pessoal do antropólogo em seu trabalho reflete-se na sua produção. (grifos meus - LEACH - 1974,14)

Roberto da Matta (1978) reforça essa visão, atribuindo especial importância e relevância à observação participante, como um dos instrumentos mais eficientes para a captação do universo em estudo. Da Matta demonstra como um simples piscar de olhos, um sorriso ou um menear de cabeça podem ser mais significativos e reveladores do que centenas de questionamentos, entrevistas e quantificações. O que não quer dizer, entretanto, que eles devam ser desprezados.

Assim sendo, optei por ir até o fundo neste procedimento estendendo-os às suas últimas consequências. É por essa razão, inclusive, que toda a primeira parte deste trabalho foi redigida numa forma não usual. Procurei, como Gluckman (1975), produzir um texto semelhante, em sua forma, mas apenas em sua forma, ao produzido nas "análises situacionais", onde, diferente do procedimento usual naquilo que o próprio Gluckman chama de "caso escolhido", procura-se reproduzir o mais fielmente possível e com a maior riqueza de detalhes toda a situação vivida para, a partir daí, submeter os da-

dos a uma análise mais abrangente que inicia-se na compreensão interna do fenômeno e estende-se ao universo maior. Aqui, no entanto, o que se fez foi utilizar a técnica descritiva de Gluckman mas submetê-la a um procedimento analítico diverso do adotado por ele. Isso porque, como demonstram BEAUD, M; BELLON, B e FRANCOIS, P. (1977) em Ler o Capitalismo, os fatos não falam por si sós. Eles podem ser manipulados e moldados dependendo da percepção do observador. Essa percepção, por sua vez, vai ser determinada pela posição que o observador ocupa diante das classes sociais e por sua ideologia:

Ora, "factos", é possível encontrar tantos, como grãos num monte de areia, é possível atirar punhados desses "factos" aos olhos das pessoas para as cegar... Os números, os factos, materiais do conhecimento, como as pedras ou o cascalho são materiais de construção.

Mas uma vagoneta cheia de pedra ou de cascalho não é uma construção, é necessário assentá-los, ordená-los em função de um plano de conjunto. Da mesma forma, um discurso cheio de números e de factos não é forçosamente conhecimento: pode ser bombardeamento, cortina de fumo, meio de atordoamento ou de embrutecimento... os factos podem também servir para mascarar a realidade. Porque os factos, a realidade, nunca falam por si sós.

Os factos - ou aquilo a que se chama assim - mais não são do que o resultado de uma seleção efectuada entre as inumeráveis facetas do real; alguns desses acontecimentos são considerados

significativos, outros são afastados, outros, finalmente, não são vistos. Não selecionar os acontecimentos pressupõe uma grelha, uma maneira de "ler" a realidade. (pp.33/34).

.....

Assim, toda a visão, toda a interpretação da realidade (para não falarmos ainda do conhecimento) implica a utilização de uma grelha de leitura: filtro através do qual são selecionados, interpretados, relacionados uns com os outros os elementos da realidade que nos rodeia. (p.36).

.....

A "leitura" que cada um de nós faz da realidade depende do movimento combinado do conhecimento sensível e das representações ideais, e mais profundamente de nossa prática social: da nossa origem e da nossa situação de classe, das atividades em que participamos, da opção que fizemos no contexto da luta social em que nos encontramos, da intensidade dessa luta, da importância e clareza das lutas políticas e ideológicas... (p.35)

Solidário a esta concepção, acredito, então, que não bastaria, para afastar a possibilidade de manipulação dos dados, a descrição detalhada dos acontecimentos e seu ordenamento lógico, selecionando apenas aquilo que eu próprio julgasse relevante à análise. Acredito que muitos caminhos poderiam ser percorridos a partir dos dados por mim levantados e das situações por mim vivenciadas. Optei, então, por apenas dar

uma forma literária aos meus apontamentos de campo, o que, se não elimina totalmente os possíveis desvios e distorções, ao menos dão àqueles que vão lê-los, a possibilidade de criticá-los com maior rigor, podendo mais eficientemente medir meu próprio envolvimento e, ainda, possibilitando-lhes optar por outras análises e conclusões a partir de dados por mim desprezados, mas registrados.

Ora, se a experiência de campo é "pessoal e traumática" e se a visão, a ordenação e a interpretação dos dados depende do engajamento do autor, talvez seja extremamente salutar que este autor seja, ele próprio, personagem e objeto de sua pesquisa.

A partir daqui, no entanto, o tratamento oferecido aos dados será outro. Aqui sim, o rigor metodológico e científico serão fundamentais e serão respeitados. É aqui, afinal, que se fará a tentativa de sistematização científica dos dados. É necessário, então, que todo juízo de valor seja afastado e criticado. Os dados serão retificados e depurados das distorções. Isso não implicará, contudo, no não posicionamento do autor e na não interferência de sua "visão do mundo". A própria opção metodológica e teórica, no entanto, indicará minha filiação ideológica e meu posicionamento o que, longe de distorcer a realidade dos fatos apresentados e falsear as conclusões, deverá ser um guia de orientação das análises e, ainda, do próprio julgamento crítico que o leitor fará do trabalho final.

Após todo esse arazoamento acredito ter deixado claro que não se está propondo uma super-valorização dos dados empíricos. Eles terão, sim, que ser trabalhados e ordenados. Foi assim que antes de se entrar na análise específica dos dados referentes aos Gaviões da Fiel e à toda situação que os cerca fez-se necessário, para uma compreensão mais abrangente e esclarecedora

do universo em questão, empreender-se uma incursão num terreno à primeira vista desvinculado da realidade objetiva dos dados apresentados.

Refletiremos aqui, embora um tanto quanto superficialmente, já que este não é o objetivo específico deste trabalho, sobre as relações entre jogo e cultura, lazer e trabalho, manipulação, oposição e conflito. Teremos, para a clareza da análise, a partir de um enfoque que se iniciará nas "sociedades simples" e que se estenderá até as sociedades complexas e industrializadas, relacionando jogo e lazer, com manipulação, exploração e trabalho.

Só a partir disso nos será possível retornar ao tema geral Futebol, onde procuraremos entender, ainda de forma genérica, seus desenvolvimentos e sua penetração no Brasil, apontando, inclusive, algumas das transformações pelas quais ele passa enquanto esporte de massa. Daí sim, chegaremos novamente ao Corinthians e deste aos Gaviões para, depois, retornarmos, mais uma vez, só que agora sob novo enfoque, à sociedade mais abrangente.

O leitor notará, então, a partir daqui, uma quebra brusca e violenta tanto na linguagem quanto no tratamento dos dados, assim como em sua apresentação e análise. Esta quebra e esta "dissociação" é voluntária. Na parte descritiva procurou-se valorizar e ressaltar os dados empíricos e a vivência de campo com um mínimo de sistematização e ordenamento. Não se procurou, nunca, alinhar a exposição em direção a um objetivo pré-determinado ou à uma linha teórica pré-fixada de análise. O que predomina ali é um certo voluntarismo e até mesmo uma possível explosão anárquica dos dados. Os sujeitos, os agentes da ação, são de fato, sujeitos plenos e senhores de suas vontades e atos, mes-

mo quando agem coletiva e "ordenadamente" sob a orientação de uma entidade que os congrega e organiza.

A partir daqui as coisas se transformam gradativamente e, sob uma orientação e uma filiação teóricas definidas, a análise tende a colocá-los nas situações reais e estruturais, embora não aparentes, sob as quais eles se enquadram e se submetem. O voluntarismo e a ação anárquica e "ilógica" tomam sentido e se enquadram na lógica abrangente, transformando sujeitos em instrumentos, vontade em submissão, criação em anulação, revolta em cooptação e reforçamento.

Dessa forma, a descontração e o espontaneismo da parte anterior só poderia se transformar em tensão, formalismo e, (por que não?), frustração nas partes seguintes. Contrapõe-se, no entanto, à esta análise, outra que procura compreender as motivações próprias aos torcedores, seu universo e identidade, criando a contrapartida de sua manipulação.

Fica claro, acredito, agora, as motivações e pretensões desta dissertação. Não se pretende esgotar os temas levantados, nem em sua dinâmica e lógicas internas, nem em suas relações com o universo maior. Pretende-se, isso sim, levantar questionamentos e propor dúvidas. Fala-se do óbvio mas através de uma ótica não usual. Isso não implica, entretanto, numa simples curtição intelectual. A pretensão é de que este óbvio seja visto e apreendido por mais gente. O real só é real na medida que nós o enxergamos em sua realidade real e não em sua aparência. São os instrumentos metodológicos e teóricos que nos permitem apreender esse real. Assim, as distorções encontradas neste trabalho serão os produtos de posturas teóricas e metodológicas inadequadas ou, ainda, da má utilização dos instrumentos de análises por ela oferecidos, pois, acredito, o real só é apreendido por nós, na medida que nos permitem nossos instrumentos de análise.

Nas sociedades não industriais, ou "simples", trabalho e lazer não se opõem ou contrapõem diretamente. As atividades produtivas "par excellence" revestem-se e permeiam-se de atitudes e ações voluntárias e impregnadas de grande teor lúdico. O trabalho é antes de uma obrigação, também prazer, já que é através dele que as relações entre os homens são estabelecidas, na produção de suas existências tanto materiais quanto sociais e culturais.

Não que essa relação não exista nas sociedades "complexas" ou industriais. Muito pelo contrário. Ocorre, no entanto, que nestas, o trabalho reveste-se apenas dessas últimas características, uma vez que o aspecto lúdico e voluntário lhe é retirado quando o agente de sua realização, o trabalhador, vê-se excluído dos meios de realizá-lo e, mais do que isso, de produto final de sua produção.

Assim, nas sociedades "simples" trabalho e lazer não se excluem, estando mesmo os dois elementos impregnados de ludicidade. Os jogos e divertimentos, que numa sociedade "complexa" ou industrial situam-se exclusivamente nas situações de não-trabalho, nas primeiras constituem partes integrantes das atividades produtivas. O Kula, O Potlach, o Quarupi, as pescarias e caçadas coletivas, assim como os trabalhos nas roças etc., são exemplos suficientes. Mesmo nas sociedades camponesas e pré-industriais estes aspectos e características se mantêm. Jogos, canções, competições, torneios, e disputas mesclam-se com as atividades da produção e do trabalho. A literatura antropológica é farta nestes exemplos não sendo, portanto, necessário enumerá-los aqui.

Nas sociedades complexas, entretanto, com o desenvolvimento e a complexização da divisão social do trabalho e com a consequente especialização dos agentes sociais, esta unidade e esta harmonização vão sendo gradativamente interrompida, homens fixando suas atividades em áreas específicas e delimitadas. Com isso, e com o aparecimento de um excedente de produção aliado à concentração da propriedade e deste mesmo excedente, os homens vêm-se divididos em dois grandes grupos socialmente diversos: os que possuem os meios de produção e que portanto controlam e regulam as atividades produtivas e, conseqüentemente, o trabalho e a vida social e, de outro lado, aqueles que, desprovidos destes mesmos meios de produção, vêm-se obrigados, para reproduzir suas vidas e existências, a venderem sua força de trabalho. Com isso, estes últimos vêm também controladas suas atividades. O trabalho passa, então, não a ser apenas um dos elementos da reprodução da vida material, social e cultural, mas a ser controlador maior de toda uma existência. É através do trabalho que as demais esferas de vida social serão, a partir daí, pautadas. Com isso a autonomia, outrora requisito básico da existência e possibilita da unidade e da harmonia sociais, deixa de existir. O indivíduo agora está subjugado aos ditames e aos interesses daqueles que, por possuírem os meios de produção e por controlarem os destinos da produção final do trabalho, controlam também o trabalhador e sua vida. O trabalho passa, assim, a ser uma obrigação, despojando-se das características lúdicas que antes possuía. Os horários passam a ser previamente determinados e o ritmo e a intensidade do mesmo passam a ser controlados, agora mais em decorrência das necessidades imediatas e objetivas do próprio trabalhador ou da co-

munidade mas em decorrência dos interesses dos que detêm o capital. A vida social, agora, passa a ser definida não mais sob a ótica dos agentes do trabalho, mas sim sob a dos detentores do capital. O trabalho subjuga-se, dessa forma, ao capital, transformando os trabalhadores em subjugados dos capitalistas. Com isso, a vida daqueles que trabalham e reproduzem esse capital, passa a ser, ela própria, também definida em relação ao capital. O trabalho, então, controlado pelo capital, passa a ser o parâmetro de orientação da vida do trabalhador. Todas suas demais atividades vão ser pautadas e definidas a partir do trabalho alienado ao capital.

Assim sendo, todas as demais atividades sociais vinculadas ou não diretamente ao trabalho, vão ser definidas também ou decorrência dele.

Da mesma maneira que há uma contradição entre capital e trabalho estabelece-se também uma dicotomia entre lazer e trabalho. Da mesma maneira que nas sociedades capitalistas o capital controla e subjuga o trabalho, nas sociedades industriais o trabalho controla e subjuga o lazer. O lazer passa a ser definido em oposição ao trabalho, uma vez que, em decorrência da alienação do trabalho ao capital e de seu controle e subjugamento, ele acaba sendo despojado de qualquer resquício lúdico. O lúdico concentra-se agora apenas nas atividades de lazer que são, elas próprias, exiladas nos períodos de não-trabalho ou de "tempo livre".

A própria terminologia "não-trabalho" ou "tempo livre" já sugere e indica a contradição trabalho lazer e, indica ainda, a exclusão do caráter lúdico no trabalho. Ocorre, no entanto, que as determinações do capital sobre o trabalho e so -

bre a produção são tal monta que mesmo os momentos "livres" ou de "não-trabalho" são determinados pela relação capital/trabalho. Assim, mesmo nesses momentos, nem sempre as características lúdicas estão presentes. Hoje, nas sociedades industriais, apenas um espaço e um tempo muito restrito são reservados ao lúdico. Isto porque a grande maioria das atividades, como já foi observado, está predeterminada por aquela relação. Mesmo as atividades mais comecinhas e corriqueiras estão determinadas por ela : o comer, o dormir, o sexo, o instruir-se e mesmo o divertir-se estão subordinados às atividades de trabalho. Têm seu tempo, sua intensidade e sua existência definidas a partir do "tempo de trabalho", da intensidade do trabalho e da própria existência do trabalho. O capital, por seu lado, que já controla o um trabalho, controla agora também tudo aquilo que se define a partir do trabalho. O lúdico, então, que se caracteriza e se define como atividade de prazer, voluntária, independente e descompromissada, perde gradativamente, mais e mais seu espaço quanto tudo passa a ser controlado pelo capital.

Ora, se é a relação capital/trabalho que, nas sociedades industriais vai definir as relações entre os homens e vai determinar em última instância suas vidas, penetrando nos indivíduos e determinando suas relações com o todo social, ao lúdico vai restar sempre e cada vez mais, muito pouco.

Não cabe aqui uma discussão exaustiva sobre modo de produção, formação social, relações de produção, contradição capital/trabalho, alienação, fetichização, etc. nem, tão pouco, um alongar-se demasiado sobre o falseamento da realidade, manipulação e ideologia.

Não cabe também uma reflexão mais depurada sobre lazer e trabalho e de como o lúdico se relaciona com eles? e/ou se expressa através ou apesar deles. Isso deve ser tema de investigações filosóficas mais profundas. Cabe-nos, no entanto, para os objetivos deste trabalho, introduzirmos algumas considerações, mesmo que preliminares, sobre como, nas sociedades industriais ou "complexas", o lúdico vai se tornando cada vez mais raro e desprezado. Isso nos levará ao caminho que possibilitará uma compreensão mais apurada e abrangente das características dos jogos nesse tipo de sociedade e, por sua vez, permitirá esclarecer um pouco do comportamento e do relacionamento dos Gaviões com a sociedade mais ampla.

O jogo, numa definição bastante abrangente, tem sua característica maior no fato de ser a atividade lúdica "par excellence". Ele é a própria busca de prazer descompromissado e descomprometido, voltado para a realização e a satisfação do próprio prazer. Ele, assim, se esgota em si mesmo e, basta-se a si próprio. Sendo assim ele tem que se caracterizar como uma atividade desprovida de regras e atemporal. Ele não pode se circunscrever a limites ou ser determinado de fora. Ele tem seu próprio tempo e realidade determinados apenas por aqueles que o praticam. Suas regras e durações provêm do consenso e não de de terminações pre-concebidas.

Huizinga (1971) o define como "uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma experiência de ser diferente da vida cotidiana" (p.33)...

o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade (...) é a primeira das características fundamentais do jogo (...). Sujeito a ordens, deixa de ser jogo, podendo no máximo ser uma imitação 'forçada' (p. 10/11). Ou seja, os indivíduos que se entregam ao jogo quer como assistentes quer como participantes, fazem-no livremente sem que haja qualquer submissão a regras alheias ao próprio jogo. Há, assim, uma perfeita consciência de que as atividades desenvolvidas durante aquele período de tempo determinado e naquele espaço físico delimitado não pertencem à esfera do cotidiano. Ele pode ser suspenso a qualquer momento, desde que '... "se situa como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização (...) (é) (...) um intervalo em nossa vida cotidiana" (idem p.12) e, como tal, é capaz de absorver inteiramente o jogador, quando este se submete às regras e se entrega à tensão da busca da vitória. Vitória esta, entretanto, que não lhe proporciona qualquer lucro ou benefício material. "A idéia de ganhar está estreitamente relacionada com o jogo" (p.57) e o vencedor sempre "ganha alguma coisa mais do que apenas o jogo enquanto tal. Ganha estima, conquista honrarias (...) Jogamos ou competimos 'por' alguma coisa. O objetivo pelo qual jogamos e competimos é antes de mais nada e principalmente a vitória que pode nos dar honra, estima e prestígio" (p. 58). Marcuse (citado por Vinnai pp.20/21) acrescenta que o jogo, carregado de seu caráter lúdico e do "... princípio del placer, que gobierna el ello, es 'atemporal', y también lo es en el sentido de que lucha contra la fragmentación del placer, contra su subdivisión em pequeñas dosis".

Ora, tomando-se estas argumentações como válidas, o jogo, tal qual o lúdico, passa a ser impossíveis como pa

drão numa sociedade "complexa" e industrial, dominada e determinada pela relação capital/trabalho. Eles, quando aparecem, são eventuais e efêmeros, restringindo-se quase que apenas às atividades infantis ou dos e nas áreas marginais ou marginalizadas e pelo sistema mais global. E isso é válido tanto para o participante do jogo quanto para o mero assistente. Ambos estão subjulgados pelas relações capital/trabalho. A crescente divisão social do trabalho, a mecanização e automação levadas ao seu ponto crítico e a completa subjugação do elemento produtivo à rotina e à submissão ao princípio da maximização dos lucros, exclui qualquer possibilidade de expressão do lúdico na esfera da produção e, de quebra, sujeita-o às regulamentações dos horários de trabalho e o limita ao "tempo-livre" que, por sua vez, só se define a partir das situações de trabalho e de produção.

O lúdico e o jogo, por suas próprias definições, não podem ser incluídos no "tempo-livre", tal como ele vem sendo considerado aqui. Ao lúdico e ao jogo restariam, por exclusão, o tempo de lazer. Mas restará tempo para este tempo? Nas sociedades simples lazer e trabalho não se excluem. Ao contrário, complementam-se e harmonizam-se. O lúdico é parte integrante de todas as atividades. Nas sociedades complexas, por seu turno, onde a contradição capital/trabalho se estabelece, o lúdico é banido do mundo do trabalho e, como todas as esferas da vida passam a ser determinadas por essas relações, o próprio tempo de não-trabalho ou "livre", passa a ser determinado por ele. Assim, o lúdico é também expulso desse tempo. Adorno afirma que a expressão tempo livre indica tanto a dependência dessa esfera à esfera do trabalho, como sua impotência. Vinnai, por sua vez, acrescenta que:

Lo que se hace o se omite en el tiempo libre es

tã determinado, en la sociedad capitalista, por la necesidad de producir inalterablemente la fuerza de trabajo. De esa manera, los mecanismos que determinan el âmbito laboral influyen también sobre el reino del tiempo libre, lo qual convierte la arbitrariedad de la conduta en el tiempo libre en una ilusión. No sólo las dimensiones del tiempo libre de trabajo sino también la conducta durante ese lapsó se hallan ampliamente determinados por el desarrollo y la imagen concreta de lo trabajo industrial. La fuerza del capitalismo ha fuzionado el trabajo y el tiempo libre: ambos están tan entrelazados que sólo es posible comprender uno con referencia al otro. (VINNAI, Op. Cit., pp.21/22 - grifos meus).

Torna-se, então, evidente, que o lúdico, que se pauta pela espontaneidade, pela liberdade e pelo prazer, não pode se manifestar nestè espaço ou tempo. O tempo de lazer, o lazer, o lúdico e o jogo, desta forma, como padrão, estariam excluidos, todos, da sociedade industrial. Ficariam, assim, limitados a raros momentos e a poucos privilegiados. Fossem crianças, fossem marginais, ou seja, aqueles excluidos ou alijados dos processos de produção. Aquelles que ficam à margem da relação capital/trabalho por motivos que não abordaremos aqui. Ao grosso da população, na grande totalidade de seus momentos, gostos, atitudes e procedimientos ou conduta restaria apenas o universo do mundo do trabalho com todas suas características.

A observação de Vinnai torna-se mais preocupante quando ele afirma que a conduta dos indivíduos durante esse tempo, ela própria está determinada pelas relações de trabalho. E

Marcuse vai ainda mais além. Para ele não existe mais possibilidade, na sociedade industrial avançada, da existência da atuação voluntária e livre:

A particularidade distintiva da sociedade industrial desenvolvida é a sufocação das necessidades que exigem libertação. - libertação também do que é tolerável e compensador e confortável - enquanto mantém e observa o poder destrutivo e a função repressiva da sociedade afluente. Aqui, os controles sociais extorquem a necessidade irresistível para a produção e o consumo do desperdício; a necessidade de trabalho estupefaciente onde não mais existe necessidade real; necessidade de modos de descanso que aliviam e prolongam essa estupefação.^a necessidade de manter liberdades excepcionais como as da livre competição a preços administrativos, uma imprensa livre que se auto-censura. A livre escolha entre marcas e engenhocas.

Sob o jugo de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em poderoso instrumento de dominação.

Mais além ele acrescenta:

Não é portanto admirar que, nos setores mais desenvolvidos dessa civilização os controles sociais tenham sido introjetados a ponto de até o protesto individual ser afetado em suas raízes. (...)

Mas talvez o termo "introjeção" não mais descreva o método pelo qual o próprio indivíduo repro

duz e perpetua os controles externos exercidos pela sociedade. Introjeção sugere uma variedade de processos relativamente espontâneos pelos quais um Eu (Ego) transfere o "exterior" para o "interior". Assim, introjeção subentende a existência de uma dimensão interior, distinta e até antagônica das exigências externas - uma consciência individual e um inconsciente individual separados da opinião e do comportamento públicos. A idéia de "liberdade interior" tem aqui sua realidade: designa o espaço privado no qual o homem pode tornar-se, permanecer "ele próprio".

Atualmente, esse espaço privado se apresenta invadido e desbastado pela realidade tecnológica. A produção e a distribuição em massa reivindicam o indivíduo inteiro e a psicologia industrial ^{de} deixou de há muito limitar-se à fábrica. Os múltiplos processos de introjeção parecem ossificados em reações quase mecânicas. O resultado não é o ajustamento, mas a mimese: uma identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo". (MARCUSE, Herbert - Ideologia da Sociedade Industrial, R.J., Zandar ed., 1969, pp. 30/31)

Dessa forma, dividido entre o capital e o trabalho, mas subjugado pelo primeiro que lhe controla a vida e todas suas atividades, desprovido do lazer e do lúdico, totalmente alijado das possibilidades de desempenhar atividades livres e vo

luntárias, o trabalhador perde sua capacidade volitiva e transforma-se em mero objeto de manipulações do capital, que o transforma em instrumento de sua reprodução em todos os níveis. Mera reproduzora do capital, a força de trabalho e, por extensão, o trabalhador, vê-se transformado a si próprio e transformando todo seu tempo e toda sua vida, numa simples reprodução do mesmo capital. Todas suas atividades e todo seu tempo são impregnados por esse imperativo, alheio a sua vontade e impossível de ser controlado ou detido. O sistema engole a tudo e a todos e impregna cada um de seus poros. Não lhe resta como resistir. Os valores do mundo do trabalho e da esfera da produção e da reprodução do capital invadem todos os setores da vida social, transformando e manipulando com seus valores todos os valores culturais, artísticos, sociais, enfim, controlando não só o nível da produção mas também os níveis superestruturais.

Da mesma forma que o trabalhador é alijado dos meios de produção, do controle do processo produtivo e dos benefícios de seu trabalho, transformando-se assim num trabalhador alienado (tomamos aqui o conceito de trabalho e de trabalhador alienado desenvolvido por Marx na Ideologia Alemã e no Fetichismo da Mercadoria, veja-se Luckács, História e Consciência Social) ele se aliena nas demais esferas da vida social (nos níveis superestruturais). Totalmente sem parâmetros para patir sua vida e suas atividades, o trabalhador aceita sem resistência o que lhe é imposto através do capital e que se manifesta em todas as esferas de atividade. Ele se reifica, dá mesma forma que é reificado o resultado final de sua produção material. Sem ponto de referência para se localizar e se identificar, o trabalhador identificaria fora de si o próprio ser. Da mesma forma como ele não identifica na mercadoria final produzida o produto de seu trabalho e a expressão

de seu ser - já que ela está fora de seu controle e de sua propriedade e onde ele apenas executa partes do produto final - ele não mais se expressa nem mais se exprime. Ele passaria, assim, a identificar no mundo externo o seu próprio ser. Acontece que esse mundo externo, por estar impregnado e controlado pela dimensão do capital que o subjuga, apenas reproduz esta relação de subjugação e de alienação. O trabalhador alienado e reificado atingiria agora o estágio da "mimetização", conforme definida por Marcuse.

O próprio jogo, por suas características lúdicas, voluntárias e libertárias, atemporal e extra-cotidiano, já que o lazer e o lúdico não encontram espaço ou tempo na sociedade industrial, também é dela alijado - como padrão e como possibilidade das massas trabalhadoras. A estas apenas restaria a possibilidade de descanso, entendido como uma etapa ou um tempo de recuperação e restauração de forças para o trabalho. Teríamos então o "tempo-de-descanso" ou "tempo-de-recuperação-da-força-de-trabalho". Nesse espaço ou nesse tempo é que se dariam as atividades do "tempo-livre" ou, para maior rigor conceitual, do outrora tempo de lazer. Estas atividades assumiriam agora novas características, compatíveis com a função que desempenhariam na sociedade industrial, qual seja a de reproduzir mais eficientemente e num prazo menor as energias para o trabalho. Assim, o tempo de lazer e suas atividades seriam substituídas pelo tempo de descanso ou recuperação e suas atividades. Estas, por sua vez, não teriam mais as características das atividades de lazer. O lúdico e todo o seu mundo, assim como a capacidade volitiva, estariam banidas da sociedade industrial e da vida do homem dessa sociedade.

Da mesma maneira que o capital subjuga o trabalho, o trabalho subjuga o lazer, o tempo de recuperação substitui o tempo livre, a mimetização substitui a identificação e o lúdico é transformado na perda da capacidade volitiva ou de auto-determinação, da mesma maneira, o jogo é substituído pelo esporte.

-120-

Este sim, estaria em consonância e em concordância com as exigências e necessidades da sociedade industrial. Suas próprias características o enquadram perfeitamente bem nos ditames desta sociedade. Ao jogo restaria, como universo, apenas as sociedades ditas simples. A própria transformação e dinâmica da sociedade industrial, no processo de transformação da produção e do universo social que a cerca, impossibilita gradativamente ao jogo a sua sobrevivência.

Tendo como correta a visão de que são as relações de produção ou seja, o nível econômico aquele que determina em última instância todos os demais níveis super-estruturais e, conseqüentemente todas as demais relações que se estabelecem no seio de uma sociedade, modo de produção ou formação social específica, as relações entre as transformações de nível infra-estrutural (econômico) com as transformações subsequentes ocorridas no nível da super-estrutura, no caso específico da transformação do jogo em esporte, são assombrosas face a seu imediatismo e clareza. Huizinga considera como sendo o último quartel do século XIX o momento a partir do qual os jogos começam a transformar-se em esporte. Esta transformação caracteriza-se, sobretudo, pela perda gradativa e crescente das características lúdicas do jogo. Ao descomprometimento sobreveio o profissionalismo, o condicionamento físico/tático e técnico dos praticantes, o estabelecimento e perseguição de recordes, a constituição de equipes fixas e empresariais, o aparato publicitário, além de estabelecimento de regras rígidas e previamente determinadas e a super-valorização do caráter agonístico, privando também do desinteresse característico do jogo e injetando-lhe o interesse na busca de uma satisfação que se encontra fora dele. Das antigas características originais dos jogos, diz Huizinga, tal

vez apenas o agonismo e a fixação de um tempo apropriado e determinado para sua prática conservam-se presentes. Mesmo estes aspectos, no entanto, encontram-se adulterados. O primeiro pela super-valorização já referida, o segundo pelo fato de dar-se num tempo que, não obstante possa ser considerado fora do tempo de trabalho, ou seja, do cotidiano, nem por isso dá-se fora desse mesmo cotidiano. Um cotidiano que, ele próprio, enquanto cotidiano está impregnado e impregna todo o tempo com as dimensões do mundo do trabalho. O esporte faz-se, como tudo o mais, em referência ao trabalho enquanto reprodutor do capital e de seu universo. Um único aspecto talvez tenha-se conservado intacto durante todo esse processo de transformação: são as características de tensão e de alegria que se conservam presentes tanto nos jogos quanto nos esportes.

Porque se adequavam às necessidades e características da sociedade que se constituía e, ainda porque encontravam nela os elementos que possibilitaram sua transformação, os jogos, que não mais podiam se expressar em sua plenitude nessa nova sociedade, pois suas características básicas encontravam-se em contradição e conflito com os princípios basilares dessa mesma formação, transformaram-se, gradativamente, em esportes. Assumiram regras, despojaram-se de seus atributos de voluntariedade, liberdade, atemporalidade, etc. e enquadraram-se nas exigências do industrialismo.

Todas estas transformações gradativas ocorreram, coincidentemente, em consonância com as transformações pelas quais vão sendo alteradas as relações de produção na sociedade industrial. É, também, nesse período, na última metade do século XIX que, após passarem por um período de prolongamento excessivo, as jornadas de trabalho começam a ser reduzidas. Isso não ocorre por aca-

so. É o fruto de uma organização mais racional e produtiva do trabalho, de uma divisão de trabalho mais eficiente e do advento da maquinaria moderna, além também, de ser produto das conquistas do movimento operário emergente. A redução gradativa da jornada de trabalho trouxe consigo alterações profundas nas relações da sociedade como um todo. De imediato suas conseqüências primeiras foram a concentração e a intensificação do trabalho e o conseqüente aumento do desgaste físico e mental do trabalhador. Como o aumento da produção era crescente e, não obstante a introdução de novas máquinas e a intensificação da produção, necessitava-se cada vez mais de trabalhadores, tornou-se necessário, então, recuperar mais rápida e eficientemente a força de trabalho. Surgiram, então, as condições objetivas e necessárias para o aparecimento, o desenvolvimento e a proliferação de práticas e atividades não ligadas diretamente ao trabalho, mas voltadas à sua reprodução através da restauração da capacidade de trabalho do trabalhador. Ou seja, ao lado da redução da jornada de trabalho, intensificou-se este mesmo trabalho, e isso criou a necessidade de melhor recuperá-lo. A própria redução da jornada de trabalho, no entanto, criou as condições de melhor reproduzi-lo, através da "liberação" de um tempo maior para atividades não diretamente ligadas ao trabalho. Atividades estas, no entanto, que, pela sua própria condição de serem atividades praticadas num "tempo-livre", voltam-se para o próprio trabalho quando satisfazem as necessidades de recuperação da força de trabalho.

O esporte, então, como atividade do "tempo-livre", enquadra-se perfeitamente bem nessas exigências, tanto para seus praticantes quanto para seus assistentes. Melhor seria, então, classificá-lo como atividade do "tempo de recuperação".

Dentro dessa visão é que podemos considerar os torcedores, aqueles que assistem às disputas esportivas, como indi-

víduos "mimetizados". Ou seja, indivíduos que incapacitados de exercerem ações voluntárias, acabam assumindo uma atitude de "identificação imediata com a sua sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo". A falta de parâmetros leva-os a aceitar as que vêm, ao que sentem e à sua própria atuação em um estádio, como uma manifestação de liberdade. Este sentimento é, assim, produto ideológico ' que lhe é imposto sem possibilidade de refutação. Essa situação, como produto ideológico, faz com que as relações reais de exploração' sejam mascaradas e que a massa de torcedores seja conduzida ao caminho da aceitação dessa exploração.

En los campos deportivos se prolonga la falta de libertad del trabajo alienado, que los dominados alcanzan a divisar tan pronto como su propia falta de libertad. Por eso la integracion del tiempo libre se logra tan sin fricciones: los hombres no advierten como carecer de libertad allí donde más libres se sienten, porque se les abs trae la regla de semejante carencia de libertad." (Adorno - Vinnai p. 60)

É assim que, da mesma forma como na esfera do processo de produção o indivíduo acha-se desvinculado dos meios de produção e do produto de seu trabalho, submetendo-se independentemente de sua vontade às leis da produção, assim também ocorre nas práticas esportivas. Tanto com os participantes, que se encontram programados para obedecer às exigências técnico-táticas e condicionados física e mentalmente para desenvolver suas funções como uma máquina, reagindo às muitas situações da disputa de acordo com as ordens e jogadas pré-estabelecidas e treinadas, quanto com o torcedor... Sua atuação é mais passiva, no que diz respeito a realização'

imediate da disputa, mas nem por isso é menos importante. Ele, que em sua atividade de trabalho submete-se passivamente ao processo de produção, submete-se também passivamente à assistência de uma atividade esportiva, no sentido de não perceber que ali estão sendo expostas e reproduzidas as normas básicas de sua atividade profissional.

La razón social, que maneja igualmente la economía y el deporte, es de índole parciel: es una razón técnica capitalista. Tanto en la economía como en el deporte, los sujetos humanos se reducen, ao servicio de una maximización del rendimiento limitadamente racional, a la encarnación de magnitudes cuantitativas" (VINNAI, p.26)

Dessa forma o esporte transforma-se em instrumento auxiliar na manutenção do sistema como um todo. Tanto em sua tarefa de reproduzir e restaurar mais eficientemente a força de trabalho, que é o elemento básico da manutenção de qualquer modo de produção, como na de reafirmar sua ideologia e, assim, mais uma vez, oferecer justificativas e oportunidades de submissão e enquadramento do indivíduo às relações de trabalho e produção próprias da formação social em que ele se encontra.

Isso quer dizer que, em termos genéricos e como tese, ele poderia desempenhar essa função em qualquer tipo de sociedade, formação social ou modo de produção. Radcliff-Brown, aliás, desenvolve análises desse tipo com relação aos jogos e disputas nas sociedades simples. Abordaremos mais detidamente este aspecto da questão noutro capítulo deste trabalho. Aqui, o que importa é observar que enquanto prática desenvolvida numa sociedade capitalista, ele serve aos objetivos de manutenção e reprodução dessa so-

cidade. Caminhemos um pouco mais e aprofundemos mais um pouco a análise nos pontos através dos quais esses objetivos são atingidos.

Ora, se o esporte contribui para a manutenção das relações de trabalho através da restauração e reprodução da força de trabalho, fazendo com que, ao possibilitar a sobrevivência do trabalhador, este se submetê às exigências do capital e, assim, garantê a manutenção do capitalismo, então ele próprio está comprometido com o capital e com seu ethos. Já foi visto que os esportes contemporâneos, enquanto atividade de divertimento e, portanto, no que diz respeito aos espectadores, têm sua atuação nos momentos liberados pelo trabalho, o que faz com que, além de perder seu aspecto lúdico, ele submeta-se ao seu controle. Mais do que isso, viu-se também que a rigidez das regras adotadas a partir do final do século XIX e a crescente complexidade técnica e tática advindas a partir daí, aliadas a uma imprescindível submissão a elas e a um extremo condicionamento físico de seus praticantes e a transformação dos clubes em grandes organizações empresariais, privou-os do desinteresse característico dos jogos e injetou-lhes o interesse na busca de satisfações que estão fora de seu universo imediato. Surgiu também o profissionalismo que transformou os praticantes em funcionários do esporte e, portanto, em indivíduos que se entregam a ele na procura da obtenção de lucros materiais e, ainda, na tentativa de ascensão social. Isso tudo fez com que o esporte incorporasse em si, nas formações capitalistas, as características próprias desse modo de produção, contribuindo, como já foi dito, na sua reprodução tanto material quanto ideológica.

Surgidos na época em que a maquinaria e a racionalização da produção passavam por seu momento decisivo, os esportes, quando desenvolveram-se plenamente, atingindo as massas e

arrebatando as multidões, transformaram-se num organismo da indústria "que sirve para ejercitar y cimentar el principio imperante de realidade, y que de esa manera mantiene uncidas a las victimas' del aparato industrial alienado". (Vinnai, p.22).

... solo en el último estadio de la civilización industrial, en que el crecimiento de la producción amenaza sobrepasar los límites fijados por la dominación opressora, la técnica del manejo de las masas ha desarrollado una industria del entretenimiento que mantiene el tiempo libre directamente bajo control (cf. citado' por VINNAI p. 22).

Essa manipulação das massas a qual Marcuse se refere é conseguida através de dois caminhos. Um, que é o mais diretamente ligado às características básicas e fundamentais do capitalismo, caracterizado pela submissão dos praticantes às regras, táticas, técnicas e condicionamentos físicos, à transformação dos praticantes em profissionais e a transformação das equipes em empresas que, por sua vez transformam as disputas em espetáculos que são vendidos e os praticantes em artigos negociáveis, transformando ambos em mercadorias e, o segundo, através das diversas formas de dominação e controle dos assistentes, que já foram demonstradas aqui, mas às quais devem ser somados os aspectos mais diretamente ligados aos torcedores como compradores da mercadoria esporte e a reificação ou mimetização aos ídolos, sejam eles atletas ou clubes. Analisaremos cada um deles.

Vinnai afirma que:

La racionalidad del aparato de producción capitalista, arraigado en el principio del intercambio, que impone la abstracción cuantifican-

te de todo lo particular, possibilitando com ella a la funcionalizacion universal, no sólo organiza y control a los hombres y a las cosas en la esfera laboral si no también durante su tiempo libre, vale decir también en el deporte. En el capitalismo la mercancía se convierte en la categoría universal del ser social total! La racionalidad del movimiento de mercanciar penetra todas las manifestaciones vitales de la sociedad y del individuo. (p.25)

Começemos a deixar, a partir daqui, o esporte como categoria de análise e de referência e centremo-nos, gradativa e progressivamente, no futebol. A pesquisa de campo que deu origem a este trabalho foi realizada em São Paulo durante os anos de 1977 a 1978. Os dados empíricos colhidos mais o material histórico pesquisado com referência ao futebol no Brasil e a convivência com os Gaviões da Fiel, são suficientemente ricos para testar os argumentos levantados acima.

CAPÍTULO I - ITEM II

Fragmentadas, sem ponto de união e nem uma identificação comum; enquanto voluntárias e desorganizadas, as torcidas de futebol, ou os torcedores em geral, tornam-se presas fáceis de controle do Estado ou de seus aparelhos ideológicos. O trabalhador, alienado em seu trabalho, aliena-se também nos estádios. Não percebe^a manipulação a que é submetido ou, se a percebe, não tem como antepor-se à ela. Enquanto torcedor individual e voluntário só lhe resta submeter-se à dominação e à manipulação através da submissão de sua própria vontade e ação. Já vimos que o próprio tempo que lhe era reservado às atividades outrora de lazer agora é um tempo de recuperação. Neste tempo de recuperação, por sua vez, todas suas atividades são controladas pelos aparelhos ideológicos do sistema. É através da imprensa que ele se informa e forma sua opinião a respeito das equipes e dos jogadores, muito mais do que de sua própria percepção e de sua própria observação. É comum observarmos nos estádios o torcedor atento à partida, mas tendo ao ouvido o radinho de pilha que lhe transmite a opinião de um comentarista esportivo e que lhe dá a orientação sobre o "jogo" e os lances do mesmo. A imagem do ídolo é elemento marcante. Seja um jogador, seja o técnico, seja, na maioria das vezes, um clube em especial. O torcedor refere-se à ele como o "meu" ou como o "nosso" time, numa tentativa de se apropriar de algo que, evidentemente, está fora e longe de seu controle. Ele se identifica com a mercadoria que lhe é vendida - o espetáculo futebolístico, o jogador ou o técnico, o time - da mesma forma como se identifica com os objetos de consumo que lhe são impingidos pela sociedade maior. A ele, enquanto indivíduo, não lhe é dada a oportunidade de escolher e

optar. Ele pode, assim como na sociedade maior e em suas atividades de consumo ou trabalho, escolher seu time, assim como escolhe seu patrão ou a marca de dentifrício que usa. Tudo, naturalmente sob o controle do grande capital.

Os torcedores hostilizam-se e demonstram sua insatisfação e frustrações num estádio. Quanto a isso não resta qualquer dúvida. Basta que se assista uma competição para que se perceba isso. Esta hostilidade, decorrente da oposição inicial e fundamental entre as equipes que se enfrentam, estende-se e aguça-se às vezes muito mais aos torcedores do que aos próprios praticantes. Vai ao ponto de, nas ocasiões onde uma torcida é muito maior do que a outra, a hostilidade transferir-se da torcida contrária para um segmento socialmente diferenciado da mesma torcida. Num estádio de futebol, por exemplo, (com suas arquibancadas, gerais, cadeiras numeradas, etc., todos com população diferenciadas umas das outras por critérios de renda, já que os ingressos são de preços diferentes), é comum que setores das gerais hostilizem setores das arquibancadas e vice-versa. Mais comum, no entanto, quando se trata de futebol e após a emergência das torcidas organizadas, é a existência de uma forte rivalidade, que se manifesta dentro e fora dos estádios, não apenas entre torcidas contrárias mas entre torcidas organizadas de um mesmo clube. Tal como ocorre nas sociedades "simples", não é na oposição aparente e institucionalizada entre "metades" estruturalmente idênticas que se estabelecem, de fato, os conflitos que podem levar à cisão. Os conflitos entre "metades", nas sociedades simples, representadas por competições e disputas de clãs, linhagens, etc., estruturalmente idênticos e, entre torcidas adversárias de clubes distintos, nas sociedades complexas, mas igualmente idênticas, do ponto de vista estrutural, não levam à oposição real. Ou melhor, através da oposição que se estabelece nas disputas, reforça-se a

estrutura social global, aumentando os laços de solidariedade do conjunto. São as análises do próprio Radcliffe-Brown que nos levam a estas conclusões. É ele próprio, também, quem sugere que são as disputas e oposições que se estabelecem no meio desses grupos que podem levar ao conflito real, ou seja, aqueles que podem alterar o equilíbrio interno e levar à mudanças. Estes conflitos, diz ele, por se estabelecerem entre indivíduos e categorias socialmente distintos e diferenciados podem, eles sim, levar à cisões e transformações. Aprofundemos um pouco mais a análise.

Mesmo numa observação superficial de uma partida de futebol o que nos salta à vista de imediato é a presença de dois times em disputa e, conseqüentemente, de duas torcidas em oposição. Uma observação um pouco mais demorada nos indicará que os dois times têm, cada um deles, uma área no campo de disputa que pode ser considerada como de seu domínio. Olhando-se do campo para o local da assistência será fácil perceber que os torcedores dividem-se em áreas específicas do estádio, unindo-se, primeiramente, aos torcedores do mesmo time e, conseqüentemente, separando-se dos adversários. Dividem-se, ainda, entre si, em diferentes locais como arquibancadas, cadeiras numeradas, gerais, etc., mas, mesmo nestes locais, conservam ainda a separação inicial e imediata que é a determinada pela identificação com um ou outro time. Constata-se, assim, a presença de dois pares de oposição formados em virtude da disputa futebolística: um time contra outro, uma torcida contra outra. Perceber-se-á, então, com um mínimo de reflexão, que estamos diante de uma população dividida, que se opõe e se segrega abertamente, tanto em sua distribuição espacial quanto em suas preferências. Temos, no entanto, uma identidade que permeia e regula toda a oposição: ambos os times e

torcidas buscam o mesmo objetivo, a vitória. Há, assim, em meio ao conflito manifesto, um objetivo maior e comum, motor mesmo do conflito, que os une: que instaura, move e regula a oposição. Ou seja, a própria disputa leva a identidade das partes entre si. Elas buscam o mesmo objetivo. Por isso instaura-se o conflito, mas também por isso regula-se e controla-se o conflito. Há um objetivo comum que identifica a todos entre si independentemente de sua oposição. Isso leva, mais do que ao acirramento do conflito e de sua extensão até conseqüências maiores e últimas, a uma auto-regulação de sua própria ação. Formam-se, não há dúvidas, pares de oposição mas que não obstante se oponham, completam-se e complementam-se.

Pode parecer para alguns, por demais evidente e, portanto, desnecessária, a afirmação de que os grupos que se opõem se completam, já que sem opositor não há disputa. A própria sabedoria popular o confirma quando diz que "quando um não quer dois não brigam". Mas, por outro lado, e creio para muitos, a afirmação acima pode parecer absurda. A sua aparência de inconsistência, no entanto, advém do fato de não se ter dado conta ainda de que em toda disputa de iguais há uma reafirmação da solidariedade geral - tanto de cada grupo envolvido quanto, e principalmente, do grupo maior formado pela soma dos opositores - já que busca-se na disputa os mesmos objetivos que, assim, saem reforçados.

Radcliffe-Brown em seus artigos "O método comparativo em Antropologia Social" e em "Nota Adicional Sobre os Parentescos Por Brincadeira", faz referência explícita ao futebol contemporâneo, separando-o às práticas das sociedades duais. Mais do que isso, ele se utiliza dos exemplos do futebol quando está preocupado em demonstrar como as disputas entre metades

exógama de uma mesma sociedade têm a função de reforçar a solidariedade e a identidade grupal. Diz ele, sem no entanto se aprofundar na análise, que as disputas que são passíveis de levar a um conflito real e (acrescente) talvez até a um rompimento da estrutura, são as que se estabelecem no meio de cada clã, linhagem ou outro grupo de cada metade específica, pois é no interior desses grupos que os indivíduos realmente competem, já que ali eles se agregam em grupos diferenciados estruturalmente e já que é ali que se desenvolve a vida cotidiana de cada indivíduo, ou seja, as atividades de produção, as relações familiares, etc. Vejamos o que diz o próprio Radcliffe-Brown quanto ao que acabamos de afirmar:

Obviamente, o próximo passo num estudo comparativo é tentar descobrir as várias formas de oposição entre as metades de uma divisão dual tomam na vida real da sociedade. Há, na bibliografia, referências ocasionais a certa hostilidade entre as duas divisões descritas como existentes no momento, ou ditas como existentes no passado. Todas as provas disponíveis demonstram que não há hostilidade real no sentido próprio do termo, mas somente uma atitude convencional que se expressa em alguns modos costumeiros de comportamento. É certo que, na Austrália, embora nos casos em que há disputa seja possível observar os membros das duas metades formando "lados" separados, hostilidade real, do tipo que leva à ação violenta, existe não entre metades, mas entre grupos locais. (p.203 - O Método Comparativo em Antropologia Social".)

.....

A relação de oposição entre duas metades se exprime num outro costume significativo, no qual, como em algumas tribos da Austrália e da América do Norte, as metades fornecem os "dados" em jogos como o futebol. Jogos competitivos possibilitam ocasiões sociais para que duas pessoas ou dois grupos sejam oponentes. Dois grupos contínuos numa estrutura social podem manter-se relacionados como oponentes regulares. As duas universidades, Oxford e Cambridge, são um exemplo disso. (p. 204 - Op. Cit.)

.....

(...) A relação entre as duas divisões, para a que se usou o termo "oposição, vem a ser algo que separa e une ao mesmo tempo e que, portanto, leva a uma integração social de tipo bem especial, merecedor de estado sistemático. Mas o termo "oposição", que fui obrigado a usar por não ter encontrado outro melhor, não é totalmente apropriado porque dá ênfase a apenas um dos dados da relação - o da separação e diferença. Mais correto seria dizer que a estrutura com a qual estamos lidando é de união de opostos. (Op. Cit. p. 206)

No artigo "Nota Adicional Sobre Os Parentescos Por Brincadeira", às páginas 141, 142 e 143, Radcliffe-Brown acrescenta:

Um dos fatores da relação entre grupos é muito comumente certa quantidade e espécie de oposição, significando por esse termo antagonismo socialmente controlado e regulado. Os dois grupos podem regularmente disputar jogos competitivos como o futebol. (...) Relações sociais de rivalidade amistosa são de considerável importância teórica. As universidades de Oxford e Cambridge mantêm certo relacionamento por as competições regulares de remo, futebol, etc. A relação de brincadeira é assim exemplo de espécie mais ampla; porque trata-se da relação

de amizade na qual há aparência de antagonismo, controlada por normas convencionais.

Falando a respeito da "aliança" e da "troca de insultos" entre os dogons e os bozos, cita Griaule que diz que, segundo os próprios dogons, "a troca de insultos é "catártica" porque livra os fígados de ambas as partes das respectivas impurezas". Griaule acha que a função mais importante desse tipo de "aliança" é a purificação e, assim, propõe que ela seja chamada de "aliança catártica".

Diante do exposto, acredito que seja possível pensar o futebol também nestes termos e acrescentar que nos conflitos, antagonismos e competições entre duas ou mais torcidas de futebol, o que ocorre é uma "aparência de antagonismo", já que em ambas encontram-se elementos que ocupam as mesmas posições estruturais nas relações de produção, na sociedade global, etc. - não obstante as pequenas diferenças de constituição de torcidas. Os conflitos e as oposições reais são encontradas no seio das próprias torcidas em si, onde indivíduos (grupos) cujas posições estruturais são diferentes face à produção, se confrontam e se hostilizam. O que ocorre entre as torcidas é o que Radcliffe-Brown chama de "amizade", já que, não obstante sejam grupos cuja situação estrutural (enquanto grupos distintos) seja de separação e onde cada um tem seu "sistema próprio de relações internas entre seus membros", (voltados e orientados em decorrência da simpatia e/ou dedicação a um time determinado), o que ocorre realmente é que, na totalidade social, eles são grupos formados por indivíduos integrantes das mesmas posições estruturais face às relações de produção. Os grupos de torcedores de um mesmo time teriam, então, objetivos comuns que seriam os voltados e centralizados pelo futebol e seu clube. A "aparência de oposição" aos demais clubes e torcidas os levaria a uma união temporária, onde as oposições próprias ao seu grupo (de tor-

cedores) seriam berradas temporariamente - mas nunca eliminadas, a ponto de se manifestarem nos momentos de crise (crise entendida como um momento de desarranjo temporário) - e isso se manifestaria tanto ao nível das diversas torcidas de um mesmo time quanto e principalmente, no nível interno de cada torcida organizada, como veremos no capítulo precedente.

Radcliffe-Brown refere-se às relações de brincadeira como relações onde "há aparência de antagonismo, controlada por normas convencionais". No que se refere ao futebol e ao comportamento das torcidas, estas "normas convencionais" dizem respeito (em concordância com os argumentos expostos acima) à pertinência dos diversos indivíduos ligados às torcidas contrárias, às mesmas posições estruturais face à produção, com mínimas variações de concentração de indivíduos de posição estrutural diferente em cada torcida peculiar. As diferenças encontradas entre as torcidas são, de fato, a esse nível diferenças não significativas já que, não obstante a concepção comum de que existe uma identificação das torcidas com os times em termos de "massa" e de "elite", basicamente o que se observa, numa análise um pouco mais profunda é que as diferenças entre elas não são estruturais uma vez que não podemos afirmar que uma torcida seja constituída de operários e outra de proprietários, o que os colocaria em oposição real e direta.

A relação classe social/torcida não é, evidentemente, tão direta. Ela é mediada e obscurecida. A "aliança cártica" é uma evidência disso. A troca de insultos entre duas torcidas também. Elas fazem com que ocorra uma coesão grupal e uma solidariedade quanto ao que se refere à oposição à outra torcida que, no momento, aparece como o principal inimigo. Por outro lado, acredito, como Radcliffe-Brown, que no seio das grandes torcidas formam-se grupos diferenciados estruturalmente em rela-

ção aos demais. E isso se expressa de maneira mais evidente, quando centramos a análise no seio das próprias torcidas organizadas. São os sub-grupos que se formam em cada torcida que são estruturalmente diferentes entre si e, assim, colocam seus integrantes em situações de oposição real.

Em outros artigos, "A Teoria Sociológica do Totemismo", "Tabú" e "Religião e Sociedade", Radcliffe-Brown, analisando os grupos que se formam no interior das sociedades segmentadas, retoma o tema da solidariedade grupal e diz, com relação ao totemismo, que, mais do que Durkheim pode ver, o totem é para o membro do clã, não apenas um meio de expressar sua individualidade e unidade interna, mas também, e principalmente, que "o totemismo de fato exprime mais do que a unidade do clã; exprime também a unidade da sociedade totêmica como um todo nas relações dos clãs entre si dentro de uma unidade mais ampla". (p.161).

Ocorre o mesmo com o futebol. Nele as diversas torcidas são partes estruturalmente semelhantes de um mesmo todo. Assim, através do "jogo" e da disputa estabelecida por ele, ocorre uma "aliança catártica" onde os conflitos são manifestos e, conseqüentemente, purificados e resolvidos - ou pelo menos minimizados. Com isso, através do "conflito" e de sua resolução no plano supra-real do "jogo", a solidariedade do todo é preservada e reafirmada (note-se que estou utilizando a palavra jogo entre aspas, para diferenciá-la de jogo primitivo e lúdico). No entanto, como no seio destes grupos (torcidas) ocorre a formação de sub-grupos com constituição estruturalmente diferente, ocorre também uma divergência na ótica de cada grupo específico que pode conduzir a um conflito real e "disfuncional"-para utilizarmos a terminologia do autor - mesmo que não manifestado ou percebido concretamente pelos agentes.

Se entendermos, então, a situação de futebol

como uma situação ritual segundo a definição de Radcliffe-Brown que a caracteriza como uma situação de culto onde se exprime e se manifesta o valor social de objetos e ocasiões aos quais se atribuem importantes interesses comuns às pessoas que participam deles, isto nos leva, mais uma vez, a concluir que o rito leva à coesão grupal. O próprio Radcliffe-Brown é quem diz: "Podemos dizer que partilhar na execução dos ritos serve para cultivar no indivíduo sentimentos de cuja existência a própria ordem social depende" (P. 182 - Estrutura e Função...)

Na página 196:

(...) os ritos podem ser vistos como as expressões simbólicas moderadas de certos sentimentos. Podem mostrar, portanto, terem função social específica quando, e na medida em que, tenham por efeito refrear, manter e transmitir de uma geração a outra sentimentos dos quais a constituição da sociedade depende.

E, ainda, na página 197, citando os ensinamentos do Livro dos Ritos de Hsün Tzu, Radcliffe-Brown conclui que: "o que se julgava importante era a função social dos ritos, isto é, seus efeitos na prestação e manutenção de uma sociedade humana organizada". Transcrevendo uma frase de O Li Chi (Livro dos Ritos), Radcliffe-Brown endossa que "Cerimônias são os vínculos que unem as multidões, e se o vínculo for removido, as multidões entram em confusão". (p. 198). Assim, ligando-se o que se seguiu com o futebol, podemos dizer que ele levaria, através de conflito ritualizado, à integração das partes (torcidas) envolvidas.

No caso específico do futebol, o que cabe acrescentar é que se estabelece entre as torcidas, ou melhor, entre os torcedores e clubes, uma relação "totêmica", já que há

uma identificação com o clube e seus símbolos, o que os leva a portar um valor ritual para os adeptos. O próprio clube (time) ou a torcida organizada, sua bandeira, seu distintivo, as camisas dos jogadores, as cores, etc., passam a representar não só o time mas os próprios torcedores que se identificam com eles e que os tratam como sagrados - (Ocorre aqui, em termos das sociedades industriais e complexas, nas análises de ideologia, a alienação e a reificação do torcedor a que nos referimos páginas atrás). Porque, de fato, cada um e a totalidade desses símbolos (símbolo entendido como algo que possui significado - valor social - e ritual), tornam-se, para eles, sagrados. É através do clube e de seus símbolos, e só através disso, que eles se identificam entre si num objetivo comum.

Acredito ter podido demonstrar, com tudo isso, que o futebol, ou melhor, o conflito que se estabelece através do futebol, entre as torcidas opostas, é, na verdade, um conflito ritualizado e que leva ao reforçamento da solidariedade grupal e ao referendamento da estrutura social. No entanto, e principalmente, espero ter podido demonstrar que isso só ocorre porque os grupos que se opõem são básica e estruturalmente semelhantes. Por mais que a torcida corinthiana seja conhecida como "massa" em sua maioria e, por exemplo, a são-paulina seja atribuída uma constituição de "elite" em sua maioria, basicamente elas são compostas de indivíduos e grupos que ocupam as mesmas posições diferenciadas dentro da produção, o que lhes confere um caráter de similitude estrutural. No entanto, tal como ocorre entre os diversos clãs totêmicos, cada torcida organizada no interior de uma mesma torcida de um clube, conserva sua identidade própria (através de símbolos, de uma história própria, de nomes específicos) e sua especificidade através de uma relação especial que estabelece com o time. Mas aqui ocorre uma diferença em relação aos clãs totêmicos. Eles, nas sociedades

simples, se constituem a si próprios e são, todos, constituídos de indivíduos que mantêm relações e posicionamento semelhante face à estrutura global. Ocorre ali, talvez, o que Durkheim chama de "solidariedade orgânica", onde cada parte desempenha funções e atividades semelhantes. Na sociedade industrial e "complexa" isso não mais ocorre e o próprio Durkheim o percebe quando propõe o conceito de "solidariedade orgânica". Ele está, no entanto, preocupado também com a manutenção da estrutura e da solidariedade social e, por isso, e também por seu próprio método de análise e filiação teórica, não vê o conflito (real) que se estabelece entre as "partes" que compõem a "solidariedade orgânica". Ele vê apenas o aspecto de complementariedade destas "partes" mas não de oposição estrutural entre elas.

Assim, é através de outros instrumentos teóricos que poderemos encontrar algum esclarecimento para o fato de grupos diferenciados de torcedores manterem um relacionamento diferente com seu time comum e, inclusive, "verem" e "entenderem" o "jogo" de maneiras diferentes. Estes grupos diferenciados aparecem no interior das torcidas organizadas. Comparecem, portanto, juntos aos "jogos", torcem pelo mesmo time e, apesar de ao nível das diversas torcidas organizadas, se manifestarem, muitas vezes, de maneiras próprias e particulares, o "ritual" comum que as une é o "jogo". Há, portanto, um objetivo totalizante. Não obstante isso, elas continuam diferentes entre si e, inclusive, no nível interno de cada torcida organizada, chegam a opor-se aberta e violentamente. Esta divergência de visão e de comportamento é uma faceta de uma divergência muito maior que deve ser entendida como uma visão de mundo diferente. Ou seja, é uma retratuação, dentro de sua ótica, da ideologia, dos valores e da própria realidade vivenciada e apreendida. Esta divergência, ela sim, pode levar aos conflitos e às oposições reais.

Voltamos, assim, novamente, ao ponto inicial' deste capítulo. Em qualquer das duas análises, seja a da escola frankifurquiana de Marcuse e seus seguidores, seja a estrutural-funcionalista de Radcliffe-Brown, o ponto comum a que chegamos é e do reforçamento da estrutura maior e abrangente, com a solidificação do sistema como um todo. Para usarmos uma expressão identificada com uma corrente teórica, distinta destas duas mas que nos leva ao mesmo caminho, poderíamos afirmar, como Althusser que o esporte e, no caso, o futebol, é mais um "Aparelho Ideológico do Estado" e que, assim, também está a seu serviço na tarefa de perpetuar suas estruturas e de reproduzi-las. Restaria assim, muito pouco de realizável ao indivíduo, seja ele trabalhador, torcedor ou ambos, nas sociedades ditas complexas ou industriais. É, ironicamente, sobre a análise de Radcliffe-Brown que despontam algumas possibilidades de análise e compreensão do fenômeno por outro ângulo e que nos levariam a conclusões diversas das apresentadas aqui. Passemos, no entanto, agora, a considerarmos alguns dados históricos referentes ao futebol no Brasil - sua introdução e desenvolvimento - para depois centrarmos nossa atenção na atuação dos Gaviões da Fiel e, posteriormente, analisarmos sua atuação em confronto com as teorias apresentadas.

CAPÍTULO II

Em perfeita consonância com os argumentos levantados, no que diz respeito à intensificação do tempo de trabalho e com a conseqüente necessidade de melhor e mais eficientemente recuperar a força de trabalho, o futebol, juntamente com outros esportes modernos, surge, sintomaticamente, na Inglaterra, exatamente no final do século XIX. É no ano de 1863 que é fundada em Londres a "Football-Association", entidade que estabelece os princípios e as regras modernas do futebol atual, desenvolvidos a partir de um jogo popular da Idade Média e que se conservara vivo através dos torneios carnavalescos de então (cf. DEM, O - Citado por Vinnai, op. cit. p.20). Não é de se estranhar, portanto, que tanto na Inglaterra, como posteriormente ocorreria no Brasil, o futebol, que surgia como um esporte de elite, praticado nos limites das "public schools" e universidades pelos jovens pertencentes à burguesia e, portanto, livres dos trabalhos nas fábricas, rapidamente, como uma epidemia, se transforma-se no esporte das massas. As "Cambridge Rules", que foram criadas na universidade que lhes emprestou o nome, foram imediatamente divulgadas, possibilitando, assim, que as grandes massas tomassem conhecimento do novo esporte. Aliado a esses fatores, tal qual viria a ocorrer no Brasil no início do século XX, a própria constituição topográfica do país e a simplicidade dos equipamentos exigidos para a sua prática possibilitaram a imediata proliferação de campos onde ele pode ser praticado. Assim, conscientemente ou não, mas certamente numa coincidência curiosa, o futebol veio fornecer ao capitalismo uma grande contribuição na difícil tarefa de transformar em pouco tempo o trabalhador extenuado num trabalhador produtivo. Não se pretende demonstrar que o futebol tenha surgido em decorrência dessa necessidade. Mas as condições que cercaram seu aparecimento na Inglaterra e, posteriormente no Brasil, merecem ser consideradas quando se procura desvendar as

causas de sua popularidade. No caso específico do Brasil, a exemplo da Inglaterra, ele é praticado em seus primórdios apenas por uma pequena elite - notadamente inglesa ou de seus descendentes -, chegando mesmo a uma tentativa de proibição de sua prática por elementos das camadas baixas e, principalmente, por negros (Cf. Mário Rodrigues Filho, O negro no Futebol Brasileiro, R.J.). No entanto ele foi rapidamente arrebatado pelas massas, como prova o curto período em que permaneceu como esporte amador. Significativamente ele aparece no Brasil em 1894 em São Paulo e já na década de 1930 torna-se profissional; exatamente no período em que começa a surgir em São Paulo o primeiro parque industrial nacional e, conseqüentemente, os primeiros proletários. Assim, mesmo que ele não seja uma resposta consciente à necessidade capitalista de possibilitar ao trabalhador a reprodução de sua força de trabalho, e, mais do que isso, de possibilitar uma rápida recuperação física e mental com vistas à próxima jornada de trabalho, ele satisfaz essa necessidade ou, pelo menos, contribui para isso, sem o que o sistema como um todo, não poderia se reproduzir. Poder-se-ia dizer, então, que o futebol é um elemento, ou um mecanismo, não só de reprodução da força de trabalho mas também que, enquanto mecanismo que auxilia nessa reprodução da força de trabalho, através dela, auxilia na reprodução de toda a sociedade contemporânea, capitalista ou não, bastando que ela seja uma sociedade "complexa" e industrial.

Observemos o caso brasileiro. A penetração do futebol no Brasil deve-se a Charles Muller, um filho de imigrante inglês bem sucedido que, de volta de seus estudos na Inglaterra, traz em sua bagagem algumas bolas e chuteiras, além dos conhecimentos práticos e teóricos deste esporte. Chegando aqui em 1894, ele o difundiu entre seus patrícios e entre seus colegas integrantes da aristocracia do café e da burguesia nascente na São Paulo da época (prin-

principalmente filhos de fazendeiros, estudantes de Direito e Medicina).

Num primeiro momento o futebol se afirma, então, no Brasil, como um esporte de elite, restrito apenas aos mais altos círculos culturais e econômicos. Ele é apenas praticado nos melhores colégios e nos clubes mais requintados.

Já no ano de 1905, só em São Paulo, existiam cerca de 250 clubes de futebol (cf. LOBATO, 1959), todos integrados exclusivamente por indivíduos pertencentes às camadas altas. São por tanto, apenas jogadores amadores, que o disputam como uma forma de lazer. Não obstante a vulgarização que ele irá conhecer posteriormente, o futebol, neste momento, é um esporte caro. As bolas e chuteiras são todas importadas e os campos são localizados apenas nos clubes privados. Com o correr do tempo, no entanto, as camadas populares começam a praticá-lo. Olhando pelas frestas dos muros dos clubes "chiques", como relatavam os jornais da época, os "desocupados" foram aprendendo as regras e, improvisando bolas de meias e sapatões, começaram, nas várzeas e campos alagados que margeavam os rios Pinheiros e Tietê, a dedicar-se ao novo esporte. Em pouco tempo, a enorme massa que afluía a São Paulo a procura de novos empregos e melhores condições de vida, no primeiro surto de industrialização pelo qual passou o País, tal como ocorria em menor escala no Rio de Janeiro, apoderou-se do esporte. Praticavam o futebol com tal intensidade e com tal perfeição, já que os empregos eram poucos e, portanto, o tempo possível de dedicação e à prática do futebol muito grande, que começaram a despertar o interesse e a atenção das elites.

Os times populares, que se organizavam à margem das ligas oficiais e disputavam suas partidas e campeonatos nas várzeas cresceram numa proporção assombrosa e começaram a revelar jogadores tão bons a ponto de, não obstante as restrições e preconceitos dos clubes mais fechados, serem convidados e admitidos nas ligas ofi

ciais. Primeiramente, apenas os jogadores mais bem dotados, posteriormente, também alguns clubes populares foram incorporados, mas não sem antes terem sofrido grandes pressões. Os clubes mais elitistas, numa tentativa de impedir o acesso das camadas inferiores, impuseram restrições e exigências que, para a época, eram muito fortes. Só poderiam participar dos clubes pertencentes à liga oficial os jogadores que soubessem ler e escrever e, ainda, aqueles que estivessem empregados (a simples lembrança de que naquele momento ainda se vivia o início da industrialização de São Paulo e do Brasil, mais o dado da grande crise mundial de 1929) que se avizinhava, são suficientes para que se avalie a extensão das restrições contidas nas exigências acima expostas).

No entanto, são os próprios clubes integrantes das ligas oficiais que encontram meios de contornar aquelas exigências. São criadas, às expensas dos clubes, "escolinhas" onde os seguidores recebem instrução a ponto de lhes possibilitar assinar seus nomes nas súmulas dos jogos e, ainda, como são os próprios industriais e comerciantes bem sucedidos os diretores dos clubes das ligas, aqueles jogadores que lhes interessam, são oferecidos empregos, aos quais, muitas vezes, o jogador não precisa nem ao menos comparecer. Mantém-se, assim, um amadorismo artificial, na tentativa de dificultar a popularização do futebol.

Alguns clubes, entretanto, não se contentam com as restrições e, inconformados com os "jeitinhos", rompem com a liga tradicional e, retirando-se, fundam outra onde não admitem, de forma alguma, a intromissão de jogadores ou times populares. O líder dos clubes inconformados é o "Paulistano" que por duas vezes, pelos mesmos motivos, em 1913 e em 1925, provoca dissoluções nas ligas e acaba, não obstante possua uma ótima equipe, dissolvendo seu time.

Data de 1935 o surgimento do profissionalismo no futebol do Brasil. Junto com ele chega também o entendimento dentro das ligas, quanto aos assuntos que se refere à admissão de clubes e jogadores das camadas operárias e/ou negros. É que com o profissionalismo um dos maiores problemas advindos da admissão destes elementos é resolvido. Com o profissionalismo o jogador passa a ser um funcionário do clube e, com isso, passa a ter direitos e deveres bem definidos e controlados por um contrato de trabalho. Dessa forma, como empregado, ele perde o direito de freqüentar as reuniões sociais, festas, bailes, etc. e, mais ainda, perde a oportunidade de influir nas decisões administrativas, financeiras, etc.. Com isso, o elemento popular é incorporado, mas é mantido sob controle. A burguesia passa, então, de agente direto do espetáculo, a assumir apenas as funções de mando, de administração e de assistência do esporte que ela havia importado. As camadas populares, por sua vez, que tinham se esmerado e se aprimorado no bom desempenho da prática do esporte, passam a ter seu lugar assegurado na produção direta do espetáculo, sob a vigilância constante e eficiente da burguesia (veja-se, como exemplo a "lei do passe" e, mais recentemente a regulamentação da profissão de jogador de futebol, para se ter uma idéia mais nítida a respeito a dominação). De banidos e colocados numa posição de elementos espúrios, os elementos populares passam a ser valorizados e incorporados na prática do futebol, a ponto de, hoje, se considerar o futebol como um esporte nacional, perfeitamente integrado e identificado com a "índole do povo brasileiro", como não se cansam de afirmar os agentes do saber oficial e a grande imprensa.

É interessante notar que o Corinthians Paulista tem um papel muito importante neste processo todo, que talvez venha daí sua caracterização (não comprovado estatisticamente) co

no time popular, Este clube foi fundado no ano de 1910, no bairro do Bom Retiro, na época um bairro operário. Alguns empregados da companhia de gaz da cidade foram assistir a uma das partidas que o Corinthians Team, um clube inglês em excursão pelo País, fazia' contra uma equipe local. As equipes nacionais não eram adversárias à altura para o visitante que as vencia facilmente. Entusiasmados com o sucesso do clube inglês os operários resolveram batizar seu time com o nome daquele. Nascia, assim, num bairro pobre, o primeiro time que se atreveria a enfrentar os times da elite e, mais do que isso, tentar acesso à uma liga oficial. O primeiro jogo oficial do Corinthians Paulista foi frente ao União Lapa, jogo no qual foi derrotado por um tento a zero. No segundo jogo enfrentaram a Associação Atlética Lapa, equipe formada em sua maioria por ingleses, e a venceu por cinco tentos a zero. Em 1913, já com uma equipe forte e respeitada, o Corinthians Paulista resolveu desconhecer as exigências impostas pela liga oficial e requereu sua inclusão na mesma. Sem meios legais de impedir seu acesso, os dirigentes impuseram um torneio com outros dois times da várzea. Quem vencesse seria admitido na Liga. O Corinthians venceu, então, ao Minas Gerais por um gol a zero e ao São Paulo por quatro gols' a zero. A admissão do Corinthians, um time constituído exclusivamente de operários levou a cisão da Liga. Em 1915, com a existência de duas Ligas oficiais mas distintas, resolveu-se da realização de um torneio que envolvesse os campeões de cada uma delas. O ano anterior tinha sido o do centenário de São Paulo e o Corinthians tinha-se sagrado campeão invicto de sua liga. Colocados à frente os dois campeões, o Corinthians saiu novamente vencedor e recebeu título, ostentado até hoje e integrado ao seu hino de "Campeão dos Campeões".

A partir daí, e com a profissionalização do futebol na década de 1930 tornou-se impossível a exclusão das cama -

das populares dos times e das ligas. Tornava-se, imperativo, então, contratã-las e isso foi feito. Cabe ao Corinthians Paulista, no entanto, o mērito, enquanto equipe, de ter aberto o caminho aos demais clubes populares. Aí, talvez, origine-se sua marca como time popular.

No início, as torcidas, acompanhando os praticantes, eram formadas pelos integrantes das elites da época. (LOBATO). Com o surgimento dos times da várzea, ainda acompanhando a formação de clubes dos praticantes, era ela formada pelo proletariado em formação e, ainda e principalmente, pela massa de desempregados que se formava à margem da industrialização emergente. Com a admissão nas ligas dos times populares e dos jogadores advindos do proletariado ou dos desempregados, progressivamente, as torcidas também foram se mesclando a ponto de hoje nada nos garantir que exista uma divisão rígida ou pelo menos marcada entre times populares e times de elite, não obstante a insistência da grande imprensa em afirmar essas divergências. Segundo dados do Instituto Gallup de Pesquisa, de São Paulo, a "Relação entre a 'Classe Social' e as torcidas de São Paulo", podem, em percentagem, ser descrita assim:

Clube	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D
Corinthians	51	49	56	57
Palmeiras	24	25	17	9
São Paulo	20	14	17	23
Outros	5	12	10	11

Estes dados, no entanto, apesar de serem os melhores de que dispomos, não evidenciam nada, com relação à maior concentração de torcedores das camadas baixas nas torcidas do Corinthians, por exemplo, ou com relação à maior concentração dos torcedores das camadas altas nas torcidas de São Paulo, como vulgarmente se afirma. O máximo que estes dados demonstram é que, sem dúvida -

da, o Corinthians possuía a maior torcida e o São Paulo a menor dentre os constantes do quadro. No entanto, em qualquer dos três clubes a distribuição é equitativa em termos de "Classe Social".

Historicamente, entretanto, segundo Anatol Rosenfeld, a divisão era bem marcada. Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. No Rio, não obstante o Bangú ter nascido na Fábrica de Tecidos Bangú, o time mais popular era o Vasco da Gama que, inclusive, foi o primeiro no país a admitir negros entre seus jogadores. Ele era o time dos portugueses locais, migrados há muito e envolvidos na proletarização do trabalho. O Bangú, mesmo formado por alguns operários, era mantido pela direção da fábrica que era de propriedade de ingleses. O Fluminense, por seu turno, foi, desde o início, o time da elite. Seus fundadores, como os torcedores tradicionais gostam de afirmar, "foram quase todos educados na Suíça e na Inglaterra". Quanto ao Botafogo, ele surge como um desmembramento do próprio Fluminense. E é o Flamengo que, já naquela época, era identificado como um clube "tipicamente brasileiro", inclusive com uma torcida que hostilizava violentamente a do Vasco. Em São Paulo as diferenças "étnicas" eram mais marcadas - já que ali se concentrou maior número de imigrantes, atraídos por sua industrialização mais rápida e eficientemente que a carioca. O Corinthians Paulista se firma, logo de início, como o time do proletariado e do sub-proletariado urbano (inclusive uma grande maioria de negros), mas está longe de ser o time de maior torcida. Esta fica por conta do Palestra Itália (atual Palmeiras) que, como é óbvio, concentra os torcedores da colônia italiana, fornecedora da mão-de-obra especializada e/ou semi-especializada. Desde aí estabelece-se uma rivalidade muito grande entre estas duas torcidas, explicadas por Ana

tol Rosenfeld como uma oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão que disputam entre si um mercado de trabalho ainda reduzido. As camadas das elites se concentram em suas simpatias pelo São Paulo e pelos demais clubes tradicionais. Há, ainda, a Portuguesa de Desportos concentrando os portugueses.

São, no entanto, todas, "torcidas voluntárias", que se formam e se reúnem em decorrência dos jogos, exclusivamente. Em termos esportivos não há nada que os una a não ser a simpatia, ou a paixão, em alguns casos, por este ou aquele clube. Findo o "jogo", finda também a solidariedade e a identidade, para se manifestar novamente, apenas nas rodas de conversas e nas brincadeiras entre amigos. Por mais que se possa ver ali (nesse momento) qualquer metaforização de conflitos maiores (e isso ocorre realmente) não há ainda qualquer organização, mesmo incipiente, que os congregue. As energias do futebol se dispersam com a dispersão dos torcedores, no final de cada "jogo", para só serem aproveitadas e reacesas novamente pela imprensa. O máximo que existe, em termos de organização dos torcedores, é a existência eventual de "chefes de torcida", ou seja, líderes dos torcedores no estádio, normalmente um grupo de amigos ou de frequentadores habituais dos mesmos locais durante as partidas, que comanda os incentivos, xingamentos ou aplausos ao time, ao juiz, etc.. As torcidas organizadas vão surgir no final do ano de 1968 no Rio de Janeiro e no início do de 1969 em São Paulo.

CAPÍTULO III

O futebol foi abocanhado e transformado pela sociedade industrial e assumiu suas características. Não é mais um momento à parte. Nada é modificado ali. Toda a estrutura está presente, de forma direta e acintosa. A realidade é despejada com toda sua crueza e força sobre os participantes, sejam assistentes ou agentes diretos. E, além de tudo, ela é reforçada. Os participantes, diferente do que dizem Marcuse ou Vinnai, sabem disso. (As situações vividas por Nivaldo e muitas outras apresentadas no relato provam isso). Falta-lhe, isso sim, como bem salientam, nesse aspecto, Marcuse, Adorno e Vinnai, um ponto de referência para que eles percebam sua total falta de liberdade. Eles sabem que aquilo tudo faz parte do mundo real e cotidiano. Sabem que tudo aquilo é usado como desrecale, como descompressão, mas sabem também que têm que usar esses momentos para poderem "aguentar a barra" do cotidiano - Veja-só, por exemplo, as explicações e argumentações de Luiz Carlos durante a reunião dos sócios novos.

Eles tem aquilo a que Lucien Goldman (1971) chama de "consciência possível". Ou seja, o máximo de consciência real, empírica que um grupo pode possuir sem com isso perder suas características originais; sem-se transformar num grupo de outra natureza. Se eles possuírem a "Consciência real" de sua situação, da exploração e manipulação à que são submetidos, eles deixariam de se constituir, enquanto grupo, numa torcida organizada de futebol para transformarem-se noutro organismo, com atuação também distinta.

Eles usam seus uniformes, empanham suas bandeiras, gritam, brigam, cantam seus hinos. Tudo isso os une numa identidade de marginalizados. O uso do uniforme, o despir-se das identidades do cotidiano, e o assumir a identidade de Gavião, é apenas um passo na identidade da imensa massa dos alijados. Sejam alijados do convívio e das decisões da elite dirigente, em termos do clube Corinthians, sejam alijados de qualquer outro mecanismo de participação social dentro da Grande São Paulo, por exemplo.

Os Gaviões são em sua grande maioria jovens, representantes de uma 2a. ou 3a. geração de imigrados do interior ou de outros Estados para São Paulo, moradores de bairros pobres, da periferia ou do centro em decomposição da cidade. São pequenos auxiliares de escritórios, vendedores, boys, datilógrafos, balconistas, cobradores, situam-se pois, na área de serviços. Poucos possuem profissão. Estes, os advogados, os pequenos proprietários de escritórios de serviços ou despachantes, quando têm participação ativa, formam a diretoria. Outros são estudantes, sendo que os universitários ou pertencem à diretoria ou atuam conjuntamente com ela. 24% são mulheres, jovens, solteiras até 30 ou 35 anos, normalmente comerciárias ou auxiliares de escritório, sem namorados fixos. Do grupo de participantes mais ativos e constantes não tive notícia de nenhum operário. Estes só unem^{se} aos Gaviões nos jogos e nunca vão às excursões, só participando raramente das promoções da sede, no bloco ou nos ensaios. É, portanto, a grande maioria dos Gaviões ativos, formada por trabalhadores eventuais que fazem atividades do Grêmio suas principais e mais sérias atividades. Estes, os Gaviões ativos, dividem-se em dois grandes grupos: os maloqueiros, normalmente desempregados ou biscateiros que realizam os trabalhos práticos dos Gaviões, como conservar as bandeiras e instrumentos, conservar a sede, organizar os ensaios, participar das procissões, dos desfiles, das pressões nos treinos do Corinthians, etc.. E os diretores ou assemelhados que desempenham as atividades administrativas e de divulgação junto à imprensa e aos órgãos oficiais. Formam a "elite" dos Gaviões, desde suas atividades profissionais (pequenos proprietários, advogados, estudantes) e seus rendimentos quanto às suas atribuições junto à torcida. São os diretores, os participantes do Core, da Atoesp, dos contatos com a Paulistur, são eles que elaboram o jornal e que

cuidam da disciplina interna, etc..

Os Gaviões, no entanto, como um todo, são marginais*, marginalizados e marginalizadores do sistema. Isto é, ao mesmo tempo em que são marginalizados e explorados pelo sistema, por sua própria postura e atitudes, marginalizam e exploram este mesmo sistema.

Fazem parte sim, da marginália, dos desprovidos, dos alijados, dos desafortunados e explorados. Mas descobrem, sempre, um meio de assistir e de inverter esta exploração ao nível pessoal.

Não alteram estrutura nem questionam. Reforçam-na ao nível mais geral, mas beneficiam-se, no plano individual e do grupo, das próprias contradições expostas por esta mesma estrutura.

Quando um Gavião chega cantando num estádio "Ô,Ô,Ô , Gavião chegô", ou quando ele grita de raiva quase num grito de Guerra "Corintia", ele está afirmando sua identidade e impondo sua presença e sentimento e vontade, além de expressar toda sua insatisfação ; mesmo que ao nível formal isto não esteja inteiramente reconhecido ou expresso (veja caso de Mercedes verde, veja caso de atrito com os santistas, ali o inimigo maior era a polícia e não a torcida contrária). Os inimigos maiores são os ricos, a polícia do Estado, (os Bam-bis, etc.).

* Toma-se aqui a concepção de marginais adotada por Eunice Durham e Ruth Cardoso - "Elaboração Cultural e Participação Social nas Populações de Baixa Renda" In Ciência e Cultura, v. 29, nº 2, Fev.1977, pp. 171 a 177 onde as autoras o emprega para qualificar os indivíduos que, nos processos de desenvolvimento, estão alijados das possibilidades de acesso aos bens e serviços criados por este mesmo processo.

Quando os Gaviões insistem na necessidade da participação à reunião dos sócios novos para que só após a ela seja possível a aquisição da camisa-uniforme, isso não é apenas uma exigência formal, nem fica apenas nas explicações ligadas ao simbolismo. Muito mais do que isso, há, também, toda a preocupação em começar a criar uma identidade gaviã no novo sócio. É, assim, mas apenas nesse sentido, um ritual de passagem, onde o iniciante começa a penetrar nos segredos de um mundo novo. É onde começa a se estabelecer os novos laços e os novos pactos que farão dele, juntamente com todo o aprendizado que recebe mais sua prática e militância na torcida, um autêntico Gavião. É evidente que o discurso ali é idealizado e que a imagem que é oferecida da torcida e sua história, assim como as preleções sobre o comportamento esperado de cada Gavião não distorcem os fatos. Ali colocam-se as questões e as situações no plano ideal. O real se manifestará nos estádios, nos ônibus, nas brigas. Na história que se construirá em conjunto. Quanto a este aspecto são significativas as passagens da minha participação na briga após o jogo contra o Santos' F. C. - quando fui finalmente aceito como Gavião - e, antes disso, meu isolamento aos sábados antes da reunião dos sócios novos.

A torcida organizada desempenha, então, o mesmo papel identificado por Eunice Durham e Ruth Cardoso, nos grupos primários de socialização. Ou seja, segundo estas autoras, estes grupos cumprem o papel de fornecer aos marginalizados os mecanismos de participação social que a sociedade institucional lhes nega. É evidente que uma torcida organizada não pode ser tomada como um grupo primário posto que é formalizada e institucionalizada mas seu desempenho é semelhante e seu papel anômalo mesmo por que ela própria não se apresenta como um organismo oficial. O morador (toma-se aqui o conceito de morador desenvolvido por Cardoso,

e Kowarik (1973) onde ele é considerado como ocupante de segunda ordem da cidade, marginalizado e sem poder de interferência e participação. (veja-se também Ferreira, C.P. e outros - São Paulo Crescimento e Pobreza) que é, muitas vezes recém-chegado da Zona Rural, encontra no que as autoras chamam de "grupos primários", suporte material e fontes de informações que lhes são importantes como fundamento do processo de interpretação do universo social ao qual pertencem. Dizem elas:

Numa sociedade de massa, as pessoas têm acesso a uma multiplicidade de informações fragmentadas e desconexas, principalmente através do rádio e da televisão. Mas as informações precisam ser compreendidas e integradas numa interpretação relativamente coerente do mundo em que vivem. A integração da informação é feita através de um processo de elaboração coletiva. São as conversas que permitem formular ou validar julgamentos acerca do certo ou errado, bom ou mau, bonito ou feio, construindo simultaneamente um esquema de referência dentro do qual se possa orientar a conduta. Há falta de escola, de participação política, de ação sindical, é apenas através da sociabilidade direta que as pessoas obtêm e ordenam os fragmentos de informação com o qual devem constituir a interpretação de seu universo. Este modo de participação na sociedade e de reflexão sobre o mundo pode parecer ser inadequado, mas é praticamente o único disponível para este tipo de população. Como decorrência deste problema e deste modo de vida, encontramos uma relativa riqueza da vida associa -

tiva que transcorre dentro de grupos primários e que constitui uma das características culturais' dessa população. Em relação a esta questão, duas observações se fazem necessárias. Em primeiro lugar, é necessário notar que intensidade e riqueza de vida associativa não significa harmonia nas relações interpessoais. Pelo contrário, o próprio fato de haver uma dependência interpessoal muito grande gera necessariamente tensões e conflitos que se manifestam em ataques verbais, maledicência e mesmo agressão física. Relações pessoais envolvem sempre elementos de hostilidade e oposição tanto quanto cooperação e afeto. Em segundo lugar, convém chamar a atenção para o fato de que a importância que assumem as relações pessoais neste modo de vida não podem ser explicitadas como simples resultante da preservação de valores e atitudes tradicionais ou próprias de um universo rural. Pelo contrário, é suscitada e gerada pelas características próprias do universo urbano de uma sociedade em desenvolvimento econômico que não oferece, às populações de baixa renda, mecanismos adequados de orientação para utilização de suas instituições. Correspondem a novos ajustamentos em face a uma sociedade em transformação e não podem ser explicadas com conservação e reprodução de padrões tradicionais, herdados do passado.

Mais além, afirmam as autoras que em decorrência do modo de vida destas populações emerge uma subcultura que lhe é própria.

Como essas pessoas possuem problemas e recursos diferentes de outras camadas da população, desenvolvem comportamentos e idéias que também são característicos. Quando dizemos que esta população possui características culturais próprias, não estamos querendo afirmar que está presa a padrões de comportamento rigidamente estabelecidos, nem que elaborou uma interpretação coerente e integrada do seu universo. A realidade cultural caracteriza-se justamente pelo seu estado fluído, em constante transformação, face às transformações que ocorrem na sociedade em conjunto.

No caso dos torcedores organizados, os Gaviões, eles, enquanto moradores e enquanto marginalizados, procuram, nas atividades das torcidas, conquistar, pelos meios que lhes estão próximos, os instrumentos de atuação que lhes são possíveis.

Estes indivíduos estão unidos assim, num primeiro momento, em dois níveis: o da comunidade dos oprimidos e marginalizados que os une e os identifica não apenas como Gaviões mas como integrantes de torcidas de massa - Santos, Flamingo, Atlético, Internacional, Vasco - que é uma identidade a todo momento requisitada e apresentada, mesmo que ao nível real isso não se mostre convincente já que, como frisamos, pesquisas recentes demonstram que não há qualquer relação entre classe social e torcida de futebol, e, num segundo nível, os une enquanto Corinthians e Gaviões. Deve-se, no entanto, somar-se a estes níveis o da sociedade exclusiva. Com relação à ela estas identidades e as atuações decorrentes de sua pertinência lhes garante, na medida do real, a possibilidade de sentirem-se integrados e participantes no universo maior. Nas relações internas surgem, entretanto, divergências, contradições e oposições. Teríamos, então, num primeiro nível e

mais abrangente, a identidade corinthianos/oprimidos - torcidas de massa, oprimidos e marginalizados. Dentro destas os Gaviões que se uniriam preliminarmente com as demais torcidas organizadas do clube, mas que, na verdade, em determinados momentos se opõem à elas; e, mesmo dentro dos Gaviões, as oposições entre os direntes grupos e sub-grupos que a compõem. Teríamos, então, de um lado, as oposições formadas por grupos estruturalmente semelhantes onde, na verdade, o que ocorre nos termos propostos mesmo por Radcliffe-Brown, é a coesão e a integração grupal. As torcidas contrárias, de clubes diferentes são, elas próprias, semelhantes entre si tanto em termos do objetivo que as colocam como opositoras e que portanto as une num mesmo objetivo final, quanto e principalmente, quanto à sua composição social. As pesquisas estatísticas têm demonstrado, como já salientamos, que não há um critério de classe ou mesmo nível de renda que diferencie socialmente seus integrantes. Assim, o que os faz diferentes entre si é apenas o aspecto da identificação, com este ou com aquele clube. Os critérios para a eleição deste ou daquele clube como o preferido, no entanto, são subjetivos e extrapolam os objetivos deste trabalho. Devem ficar mais ao nível da psicologia do que da sociologia, da história ou da antropologia apesar destas disciplinas poderem contribuir para o esclarecimento da questão.

Teríamos aí considerações muito mais afetivas do que sociais, mesmo que os aspectos sociais e culturais tenham peso significativo no estabelecimento destes laços afetivos. A história de vida dos torcedores, seus amigos, o ambiente social em que vivem, a divulgação, publicidade, a boa ou má "fase" pela qual passa o clube em determinado período da vida do torcedor, tudo isso deve contribuir para a opção. Isso tudo, no entanto, apenas colocam como identificados através de um símbolo muito vago e difuso de união e reconhecimento. Simpatiza-se por um clube, assiste-se aos seus jogos ou acompanha-se suas partidas pelo rádio, pela televisão ou pelos jornais, discute-se os resultados dos jogos, faz-se apostas, mas tudo isso como atividades secundárias e pouco relevantes da vida cotidiana do indivíduo. Enquanto o torcedor voluntário identificado com um clube qualquer, o torcedor, mesmo assíduo, se torna, e aí quanto mais assíduo e dedicado ou atento às atividades do clube, mais vulnerável às manipulações e ao controle ideológico. É só enquanto torcedor de uma torcida organizada específica, onde os laços de solidariedade e de identidade estendem-se para fora dos limites dos estádios e das atividades esportivas, que há alguma capacidade e possibilidade de inversão da manipulação. Ou seja, enquanto torcida organizada, com seus símbolos, ritos e identidades próprias é que é possível um ganho por parte dos torcedores. É certo, e várias passagens do relato comprovam, que mesmo o torcedor individual e voluntário, diferente da teoria geral apresentada por Vinnai, não se submete total e passivamente ao controle e à manipulação. Ela se faz, entretanto, com muito maior intensidade e constância, sobre eles, do que sobre os torcedores organizados. A organização, numa torcida, possibilita a atuação conjunta e coordenada, com objetivos previamente estabelecidos, o que a transforma, muitas vezes, num instrumento efetivo de pressão, tanto ao nível

do clube quanto ao nível da sociedade mais geral.

A oposição entre torcidas vai aparecer também entre as torcidas organizadas de um mesmo clube. A hostilidade entre Gaviões da Fiel e Camisa 12 é evidente. Esta, no entanto, têm causas históricas. A Camisa 12 foi criada com o objetivo quase declarado por parte da diretoria do Corinthians Paulista de acabar ou, pelos menos, de contrapor aos Gaviões. No capítulo seguinte nos ocuparemos dessa questão. Por ora, no entanto, é necessário que consideremos a oposição e a hostilidade que se estabelecem entre as demais torcidas organizadas entre si e de um mesmo time. Na reunião dos sócios novos Luis Carlos não se cansava de afirmar que os Gaviões, não tirando nunca, ao nível manifeste, o mérito das demais torcidas, são os torcedores autênticos do Corinthians. O mesmo afirmava Cláudio em diversas oportunidades, principalmente no jogo contra o Santos, quando ele tentava incentivar sua torcida a "empurrar o time à vitória". Ele dizia que as outras torcidas não eram de "Corinthians mesmo"; que só queriam "aparecer" que "na hora de incentivar o time, quando ele precisa, ficam quietos", etc. Cada uma delas, a julgar pelos Gaviões, reivindica a si própria a característica de mais autêntica e mais apaixonada. Isso as coloca no mesmo nível das torcidas contrárias, quanto aos objetivos finais. A oposição presta-se apenas para reforçar o objetivo último. No caso, a "glória do time", razão da existência da torcida organizada, como salientava Luis Carlos na referida reunião.

É ao nível interno, então, das torcidas organizadas, que a oposição real, ou melhor, o conflito, vai se manifestar.

É aí que se torna possível, por constituírem grupos estruturalmente diferenciados, a emergência de atritos e disputas que podem levar ao conflito e à ruptura. Há uma tensão estabelecida e constante entre os "maloqueiros" e os diretores e semelhantes. É evidente que existe um objetivo maior e final, em termos de futebol, que os une e os mantém juntos : a dedicação ao Corinthians. Ao nível interno, no entanto, da coesão e da atuação dos Gaviões enquanto conjunto, eles são diferenciados. Quanto se opõem à outras torcidas, sejam também Corinthianas ou sejam, principalmente de outros times, agem em conjunto, já que o "inimigo" é comum e, assim, reforçam sua identidade e coesão. No entanto, quando encontram-se apenas entre Gaviões, as cisões e divergências vêm à tona. Os "maloqueiros", segundo os diretores, devem ser mantidos sob controle porque eles podem comprometer toda a torcida, através de sua atuação e comportamento. São eles, normalmente, os punidos, os suspensos e os colocados sob observação. Nunca, num ônibus de "maloqueiros" viajam só "maloqueiros". Há sempre um elemento da diretoria por perto, controlando sua ação. Os "maloqueiros" são a grande massa assídua dos Gaviões, mas eles nunca atuam ou representam os Gaviões sozinhos, há sempre um diretor pelas proximidades, moderando seus impulsos, conversando com a polícia ou a imprensa. Isso traz, evidentemente, vantagens e desvantagens para todos. Para os "maloqueiros", para os diretores e para o sistema. Para os "maloqueiros" há a desvantagem de terem sua ação e atuação controlada mas há, por outro lado, as vantagens da proteção e do acobertamento oferecido pela diretoria ou pela torcida como um todo. A torcida e a diretoria, se têm que oferecer esta proteção e este acobertamento, que pode parecer nocivo e prejudicial, há

o ganho da força de pressão conseguida através da própria atuação dos "maloqueiros" e que confere, enquanto torcida organizada, possibilidade de interferência nos assuntos administrativos do Clube. Ao sistema, como um todo, há a vantagem advinda do próprio questionamento ordenado. Mesmo tendo que ceder, como muitas vezes ocorre e como nós veremos no capítulo seguinte, ele cede sob controle e até limites definidos.

No entanto, apesar do controle, das vantagens, etc. é este o conflito que pode levar à cisão. Os fatos relatados nos itens. "Aqui tem Nêgo que é mais Gavião que Corinthiano. São todos Uns Frescos" e "Eu sou o Presidente..." demonstram claramente o exposto e comprovam o argumento. Ali aparece nitidamente o conflito entre "maloqueiros" e diretores e mostra também, ao lado que numa visão de mundo e de uma postura diferenciada dos integrantes dos dois grupos, que são estrutural, social e culturalmente diferenciados, os motivos que podem levá-los, enquanto grupo, a se desvincularem do grupo maior. O caso da cisão entre os Gaviões e que levam ao aparecimento da Camisa 12 é um exemplo relevante, mesmo considerando-se os interesses políticos da questão. Quem saiu dos Gaviões para formar a Camisa 12 foram exatamente os "maloqueiros" da época. Os torcedores mais fanáticos, mas, ao mesmo tempo, os de menor nível cultural e intelectual, além de pertencerem à camadas de rendas inferiores dos fundadores da Gaviões. É principalmente o núcleo de estudantes, que havia fundado o Grêmio dos Gaviões como grupo de pressão e de oposição à diretoria da época é que se mantém fiel à esse objetivo, não cedendo nem cooptando com a nova diretoria eleita, e que, inicialmente, recebia seu apoio. Isso não ocorre com o grupo mais numeroso dos mais incultos e de menor renda que dá origem à Camisa 12 e passa, à troca de ingressos,

condução, instrumentos, uniformes, lanches, etc., tudo grátis, a apoiam incontinenti à diretoria, Corintiana.

Esses conflitos, entretanto, como já foi dito mas é necessário que seja reforçado, só eclodem no seio da própria torcida, apenas quando elas não estão em oposição ou confronto com outra torcida ou elementos estranhos aos Gaviões. Nesta ocasião, eles agem como um todo e como um bloco coeso, na defesa e no enaltecimento de seus símbolos e identidade. Eles se reconhecem diferentes dos demais e reivindicam essa diferença. Seja nos símbolos e na sua defesa extremada, seja no seu próprio comportamento. Veja-se o caso da bandeira supostamente queimada, a delimitação de espaços próprios nos estádios, os hábitos de serem sempre os últimos e se retirarem dos estádios, a expressão tão utilizada e dita como orgulho : "Gavião é Gavião".

Se ficássemos apenas nos dois grandes níveis :

1) Oprimidos e marginalizados. 2) Torcidas organizadas X Torcidas organizadas, além da oposição fundamental inicial entre Corinthianos, (que dá origem a toda oposição aparente como salienta Radcliffe Brown) buscaríamos as respostas dos porquês destas oposições e consequentes identificações apenas na teoria da identidade étnica ou social. Há, no entanto, o aspecto da oposição e da identidade interna aos próprios Gaviões. Aqui as respostas não podem ficar apenas ao nível super-estrutural das identificações culturais, mas devem ser buscadas nas causas mais profundas das diferenciações não apenas formais, mas estruturais, fundadas nas relações sociais e de classe. Maloqueiros e diretores ou assemelhados formam grupos sociais de origens distintas e que, portanto, apesar de compartilharem as mesmas pressões enquanto conjunto e na sociedade como

um todo, a absorvem e a vivenciam de maneira diferente e diferenciada no plano individual. Veja-se relato de Trombadinha e do comportamento diante do delegado. Foi só quando chegou Flávio, advogado, que todos foram soltos. Veja-se hostilidade dentro do Ônibus. Ao mesmo tempo que se reafirmava identidade Gaviã contra o suposto santista, reafirmava-se o tempo todo a diferença entre os maloqueiros e os diretores e assemelhados. Com isso cria-se uma história comum, mas reafirma-se sua especificidade e particularidade. "Tem Nêgo aqui que é mais Gavião que Corinthiano". Isso implicou em reafirmar que existem ali indivíduos que antes se identificarem como marginalizados, reivindicam uma postura e um comportamento que os colocam como elementos à parte, mesmo que sejam diretores da torcida.

Hã, ainda, a questão do torcedor voluntário. Este sim, só se assume enquanto marginalizado e explorado e só se identifica com os demais, enquanto tal. Sonha em ser Gavião, assim como sonha em "subir na vida", ser alguém". Enquanto não pode, conforma-se em agir voluntariamente, sem organização, anárquica e violentamente, mas numa violência individual e individualizada, sem qualquer eficácia, e, sobretudo, facilmente controlável e dissolvível. Veja caso do rojão no Ônibus, e da atuação da polícia. Dã-se o jeitinho, mas é um jeitinho tímido e ineficaz. Submete-se mais fácil e docilmente. As explosões de inconformidade, de insatisfação e de medo são mais claras. Vai-se mais facilmente dos extremos da agressão, enquanto massa desorganizada, com ações individualizadas, mas é também mais facilmente controlável e contida. Basta uma ameaça, uma reação. Enquanto indivíduo o torcedor espontâneo tem maior margem de ação, extravasando-se mais, mas em termos de eficiência até destrutiva de sua ação, ela é muito mais débil e efêmera.

Um Gavião submete-se muito mais às regras, restrições e proibições do que um torcedor autônomo. Ganha, no entanto, maior eficiência e objetividade em sua atuação. É reconhecido enquanto grupo, e enquanto força, a ponto de chegar a constituir um bloco de pressão junto à diretoria - participação no Corê - junto à imprensa, que os ouve e lhes dá espaço e junto à própria polícia que os recebe para discutir até mesmo os esquemas de segurança nos estádios.

São manipulados, usados, não resta dúvida, o caso da procissão é um exemplo. Mas ao mesmo tempo, e o próprio caso da procissão é um bom exemplo, manipulam e obtêm vantagens dessa mesma manipulação e uso. Com a procissão veio a possibilidade de aparecer na televisão. Fato que, ao lado de satisfazer os maloqueiros, no plano individual e que são, assim, eles próprios utilizados pela diretoria, possibilita uma maior divulgação da torcida, com o conseqüente aumento de seus adeptos, o que lhes dá maior força de atuação a pressão junto ao clube e à sociedade mais geral.

São manipulados e usados, sim, não resta dúvida, mas utilizam e manipulam e se reforçam através disso. A presença do Governador Paulo Egydio ao estádio e assim como a reação aos torcedores à sua presença e ainda a reação quanto ao propósito de um Vereador de decretar feriado, mais a ameaça de atirar pedras e as vaias aos transeuntes, tudo isso mostra os dois lados. O governador talvez tenha ganho mais popularidade indo ao estádio, mas com certeza não ganhou votos. Primeiro porque ele não é mesmo eleito, nem havia sido, depois porque, enquanto aplaudiam, eles mesmo o xingavam e expressavam seus descontentamento e desaprovação. É fundamental percebermos que ali, quem buscava

representatividade e o referendo popular era o governador. Ele sim necessitava de reconhecimento popular, não o corinthians ou sua torcida. Estes não necessitavam de sua presença para nada. Nem mesmo para legitimar sua conquista, fossem pontepretanos, fossem corinthianos. Quem buscava legitimidade era o governador. Não resta dúvida no entanto que o governador tem uma autoridade investida que o próprio cargo lhe dá. Fica claro, assim, que a "autoridade" foi ali buscar legitimidade e não emprestar representatividade ou dar legitimidade ao fato. Sua presença, pelo fato unido dele ser o governador e portanto enpu-nhar autoridade, empresta seriedade e peso ao acontecimento, mas, acredito, sobretudo, reafirma a legitimidade e o peso da importância social do acontecimento. É o governador quem vai se embébedar da legitimidade nata e presente ali, antes de, ele próprio, acrescentar algo.

Resta, então, agora, vermos como ocorre, de fato, a reapropriação e a retradução de toda essa manipulação em elementos formadores de uma identidade gaviã-popular e qual a importância teórica e social disso tudo.

Deixando-se de lado, portanto, os conflitos internos dos Gaviões é interessante pensá-los enquanto um grupo social e culturalmente identificado. Isso nos abre o caminho para entendê-los frente à sociedade maior e para situá-los no contexto de São Paulo e do Brasil, nos seus aspectos sociais e políticos.

Há no trabalhador, no morador da cidade, no torcedor em geral, uma grande vontade e um grande anseio de participação e de atuação. Totalmente alienado em suas atividades de trabalho, sem meios para atuar social e politicamente, por sua

simples condição de trabalhador numa sociedade "complexa" e industrial, o cidadão vê-se castrado em sua vontade e em sua ação. Acredito que os capítulos iniciais deste trabalho tenham sido suficientemente claros e convincentes a este respeito. À to da aquela argumentação inicial devemos acrescentar as condições concretas da existência e da vida do cidadão comum na região da grande São Paulo, ou nos grandes centros urbanos em geral, para que possamos entender a atuação do torcedor e dos porquês da emergência das torcidas organizadas e, assim, entendermos sua lógica e dinâmica e, ainda, como elas se inserem no quadro social e político mais global da sociedade brasileira da época. É preciso também, aqui, que não nos esqueçamos do momento político no qual apareceram as torcidas organizadas e, também, no qual esta pesquisa foi realizada. São com estes dados em mente, mas que, infelizmente, não poderemos, por questões de espaço e de interesse específico do trabalho, nos estendermos muito, é que será possível uma real avaliação e entendimento dos Gaviões da Fiel e dos torcedores em geral.

CAPÍTULO IV

O Estado Brasileiro pode ser caracterizado como Capitalista, Autoritário e Dependente. O processo histórico da formação, da implantação, da difusão e da institucionalização do capitalismo no Brasil apresenta particularidades que forçaram o Estado a assumir como suas as tarefas de "modernização" da economia e da implantação e consolidação do capitalismo no País. Otávio Guilherme Velho em seu livro "Capitalismo Autoritário e Campesinato", mostra-nos como isso se deu. Já que não tínhamos uma burguesia nacional suficientemente forte para proceder a instalação das relações capitalistas e tendo que conviver numa situação de mercado internacional capitalista, foi o Estado quem assumiu para si a tarefa de introduzir e de dar sustentáculo ao capitalismo no País. A ele cabe, então, as obras de infra-estrutura e, mais do que isso, a necessidade de, enquanto Estado que controla e determina a economia, através de seu aparato político, se aparelhar para controlar esta mesma economia. O Estado se transforma, assim, de agente político, a agente econômico, congregando em si, além das atividades políticas, também as econômicas. É o nível político, no entanto, já que o Estado é um organismo e uma instância política, o que vai determinar a esfera econômica. Há, assim, uma inversão de modelo clássico, onde é o econômico o determinante em última instância. Nas formações sociais onde o Estado, como no Brasil assumem as tarefas político-econômicas de agentes de modernização da economia, é, o nível político, o que controla toda a estrutura social. O Estado tem, assim, que se aparelhar de instrumentos que lhe garanta essa atuação. Transforma-se, assim, num Estado autoritário já que tem que deter em suas mãos os instrumentos e os mecanismos de intervenção não só nas atividades e esferas políticas e institucionais, mas, também nas esferas econômicas. Com isso ele acaba intervindo em todas as demais esferas de

atividades nessas sociedades.

O caso brasileiro é típico. Esse processo autoritário, que tem o Estado como frente e como agente, vai assumir suas características mais nítidas e marcantes a partir da revolução de 1930 e do processo de industrialização instalado desde aí. Durante o Governo Vargas, ao lado de uma política econômica que se volta para a base da economia e da industrialização, com a instalação do CSN, da Petrobrás, de uma política alfandegária e tributária que beneficia a indústria nacional, e do crescimento urbano, há, também, para que tudo isso seja possível, uma ampliação da ação e da atuação do Estado. Este passa a tutelar não só as atividades econômicas e políticas mas também outras esferas da vida da nação. É um período ditatorial e, com isso, instala-se a censura aos meios de comunicação e artísticos, centraliza-se o poder político e administrativo, além de, através do Estado, submeter-se toda a sociedade civil ao controle deste mesmo Estado. Estabelece-se uma política social e assistencial (ou assistencialista) sob o controle do Estado. Criam-se partidos políticos de fachada popular mas sob o controle também do Estado. Formam-se sindicatos controlados por este mesmo Estado e, como seria inevitável, coloca-se toda atividade cultural e até mesmo esportiva, sob a tutela e o controle ainda do Estado. Por baixo do manto populista e carismático do Presidente e dos seus apadrinhados e subordinados diretos estabelece-se toda uma vasta rede de controle e uma política paternalística e autoritária.

É nesse período que ao mesmo tempo em que são fundados os sindicatos mas se os amarram ao Estado e os submetem a uma legislação fundada nos princípios fascistas da Carta del Lavoro Italiana; é também neste período que se funda um partido trabalhista (o PTB - Partido Trabalhista Brasileiro) teoricamente a

serviço dos trabalhadores mas sob a presidência e inspiração do próprio presidente da república deste mesmo Estado autoritário e servil aos patrões e ao capitalismo; é, assim, dentro deste quadro político-institucional e histórico que também as atividades esportivas são controladas e regulamentadas pelo Estado. Um Estado forte, centralizador e autoritário não poderia deixar fora de sua tutela atividades tão expressivas e significativas ao nível de participação popular e massivas quanto o esporte. Assim, em 1941, é fundada, por decreto, a CND* logo após a profissionalização do futebol - o que se dá em 1935 - e que coloca sob o controle e o disciplinamento do Estado, todas as atividades esportivas oficiais do País, regulando e disciplinando as antigas Ligas esportivas, congregando-as em Federações e Confederações.

* Confederação Nacional de Desportos

PRESENÇA DE PÚBLICOS NOS ESTÁDIOS DE 1940 a 1980

ANO	Nº JOGOS	PÚBL. PAGANTE	PÚBLICO MÉDIO	OBSERVAÇÕES
1940	110	512.300	4.567	_____ Pop. de São Paulo
1941	110	560.978	5.100	1.000.000 de hab.
1942	110	808.128	7.347	
1943	110	1.120.806	10.189	
1944	110	1.151.063	10.464	
1945	110	1.018.251	9.257	_____ de 1945 a 1963 fas
1946	110	1.084.077	9.857	do "populismo"
1947	110	1.108.438	10.077	
1948	110	1.159.304	10.539	
1949	132	1.028.840	7.794	
1950	156	1.012.980	6.493	_____ Admissão de times
1951	182	1.461.550	8.120	do interior (mas sã
1952	210	1.563.705	7.446	poucos, num nº não
1953	182	1.770.131	9.726	suficiente para ex
1954	182	1.536.633	8.443	plicar a violenta
1955	210	1.300.027	6.191	queda de público).
1956	91	796.692	8.755	
1957	90	725.112	8.057	
1958	380	1.853.307	4.877	_____ Ano da conquista
1959	383	2.133.635	5.571	da copa do Mundo
1960	306	1.844.543	6.028	
1961	240	1.542.837	6.428	
1962	240	1.422.782	5.928	_____ Ano da conquista
1963	240	1.789.294	7.455	do Bi-Campeonato
1964	240	1.881.383	7.839	Mundial
1965	240	1.522.649	6.344	_____ Golpe-Militar-"Re
1966	210	1.238.212	5.896	volução de 31 de
1967	183	1.357.938	7.420	Março" "Endurecime
				to" progressivo de
				regime.

PRESENÇA DE PÚBLICO NOS ESTÁDIOS DE 1940 a 1980 (continuação)

ANO	Nº DE JOGOS	PÚBL. PAGANTE	PÚBLICO MÉDIO	OBSERVAÇÕES
1968	182	986.830	5.428	_____promulgação do
1969	188	1.381.073	7.346	AI-5 em dezem-
1970	90	1.003.380	11.148	bro.
1971	131	1.681.043	12.832	
1972	132	1.671.672	12.659	
1973	133	1.525.873	11.472	
1974	184	1.929.624	10.487	_____É interessante
1975	278	2.485.532	8.940	notar que é ne
1976	219	1.987.932	9.077	sa época que s
1977	378	5.372.971	14.214	inicia a crise
1978	444	7.066.947	15.916	do "milagre".
1979	416	4.326.502	10.400	
1980	394	4.086.798	10.312	

Dados obtidos na Federação Paulista de Futebol

Se as camadas populares não têm a percepção da força potencial de sua identidade e identificação recíproca conseguida através do futebol, os instrumentos do poder já a percebem. É em pleno Estado Novo que são organizadas e hierarquizadas as ligas, as federações e confederações de futebol. Através do decreto-lei nº 31199 de 14 de abril de 1941, em seu capítulo I é criado o Conselho Nacional de Desportos (CND), numa ação governamental que se antecipa, como de resto concorda com outras iniciativas da época de Vargas, às iniciativas populares que por ventura pudessem ocorrer. Assim como se organizam sindicatos e os colocam sob a tutela do Estado, como se oferece uma legislação trabalhista como forma de minimização e de controle de tensões, também se dá ao futebol uma organização imposta de cima para baixo, antes que ela brote em sentido contrário. Mais recentemente, no ano de 1978 é criada a (CBF) (Confederação Brasileira de Futebol) e o controle se amplia, em concordância com as características do governo autoritário e centralizador vigente.

No entanto, o domínio do Estado se dá apenas ao nível organizacional dos clubes e não das torcidas. Estas continuam fora de controle salvo as investidas policiais repressivas extensivas e estendidas à toda a população na época e manifestada na censura dos jornais, às músicas e às artes em geral, assim como às manifestações marcadamente populares como o samba^e o carnaval, identificados como práticas de desocupados e "malandros", plenamente identificados com as torcidas de futebol.

Ocorre, entretanto, um fenômeno relevante neste período. É exatamente nesta época que, em termos proporcionais, temos a maior afluência de torcedores aos estádios. Significativamente é somente nos anos 70 que se ultrapassa os níveis de comparecimento verificados nos anos 40. Significativamente nos anos 70

quando encontramos-nos, novamente, numa situação político-institucional semelhante, quanto aos aspectos de centralização administrativa e política, aos anos 40. (Veja, com referência ao comparecimento dos torcedores aos estádios, a estatística anexa, fornecida pela F.P.F.).

Aliado a isto, e de forma mais contundente, temos uma situação que se aproxima, em muitos aspectos, das vividas durante o Estado Novo. Os sindicatos, que naquele momento foram organizados e controlados pelo Estado, hoje, quando não estão fechados e sob intervenção deste Estado, encontram-se sob o domínio e o controle direto deste mesmo Estado. E, ainda, mais do que no Estado Novo, foi retirado do sindicato a única atribuição representativa que lhe permitiam. O sindicato perdeu hoje - apesar de alguns mais representativos e atuantes estarem lutando para reconquistá-lo - o seu poder de barganha e, com isso, o seu aspecto reivindicativo, transformando-se em mero instrumento de previdência e de convívio social. Tal qual os sindicatos e da mesma forma que no Estado Novo - mas sem a violência ostensiva de então -, hoje, as manifestações populares espontâneas (espontâneas no sentido de não serem atividades motivadas pela ação direta do Estado). São reprimidas pelo Estado que, por seu lado, incentiva e apóia as manifestações ditas populares mas que são na verdade elitista e que se desenvolvem sob sua tutela, como a Funarte e outras instituições governamentais do mesmo gênero. Dessa forma, sem opções de lazer, com o lazer controlado e determinado, sem o direito de reivindicar e, sobretudo, sem alternativas que lhes possibilitem uma organização autônoma e voluntária, com partidos políticos não representativos de seus interesses e, ainda, cooptados com o governo e, sentindo, por outro lado, um apelo crescente (desde o final da década de 60 e início de 70) formulado por todos os veículos ofi -

10

ciais e oficiosos de comunicação que empurrava no sentido de transformar ou de reivindicar o futebol como o esporte nacional, só lhes restava, como alternativa, mesmo inconsciente, a adoção desta atividade como símbolo e como canalizadora de preocupações, como uma das únicas formas ou canais possíveis de expressão de sua vontade e possibilitadores de alguma via de participação na sociedade.

É neste contexto que surgem as torcidas organizadas, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. Coincidentemente, no momento em que todas as alternativas de organização e de expressão populares estão fechadas. Nunca é demais relembrar que o Ato Institucional nº 5 foi promulgado na noite do dia 13 de dezembro de 1968 e que foi com ele que as últimas possibilidades de ações populares e espontâneas foram reprimidas. É significativa, então, a menção do ano do aparecimento da primeira torcida organizada de São Paulo, os "Gaviões da Fiel", que se organizam no ano de 1969. No Rio de Janeiro as primeiras torcidas se organizam algum tempo antes, mas numa data muito próxima.

C Concentremo-nos em São Paulo. Alguns indivíduos que se encontravam habitualmente nos estádios, durante os jogos do Corinthians, estudantes em sua maioria, jovens de 16, 18 e 20 anos, reuniram-se para, a exemplo do que já existia no Rio, organizar um grupo de pressão, segundo eles próprios, como o objetivo de fazer oposição à atual diretoria do clube que, em sua opinião, era responsável pelos seguidos e prolongados fracassos do time. Seria uma força independente em prol do Corinthians, que é ainda hoje, o slogan dos "Gaviões". Unidos, ou melhor, atuando em conjunto com o movimento conhecido como "Revolução Corinthiana", que congregava outros setores de oposição, conseguiram derrubar a diretoria. O pequeno grupo em pouco tempo cresceu a ponto de se tornar incomodo à diretoria recém-eleita e saída dos antigos integrantes da "revolução". A nova

diretoria, já que não conseguiu transformar os Gaviões em torcida oficial do clube, como pretendia, concentrou esforços no sentido de extingui-los. Esta pressão culminou com a criação, incentivada e financiada pela diretoria, de uma nova torcida organizada, a Camisa 12, que funcionaria como um grupo capaz de fornecer a base popular de apoio aos diretores. A partir daí as torcidas se multiplicaram. Só o Corinthians tem, hoje, mais de 40 torcidas organizadas. Mas o que começou em São Paulo, com o Corinthians, não se tornou privilégio seu. Os demais clubes, inclusive alguns do interior e mesmo integrantes de divisões inferiores, possuem suas torcidas organizadas e, significativamente, muitas delas, organizadas pelas próprias diretorias.

O que era, então, autônomo, popular e contestatório passou gradativamente, a ser controlado pelas elites que dominam os clubes de futebol. Ao Estado, assim, não foi necessária a intervenção direta uma vez que, ao lado do controle exercido pelos próprios clubes, o próprio crescimento das torcidas organizadas leva-as a uma crescente burocratização e auto-disciplinamento de sua atuação. O organograma anexo e que se encontra afixado na sede dos Gaviões, dá uma boa medida desta complexidade e burocratização internas dos Gaviões. Isso, no entanto, ao mesmo tempo que leva à auto-disciplina possibilita também uma maior eficiência na atuação das torcidas. A existência da ATOESP e a participação de 11 elementos dos Gaviões no CORE é um exemplo da força de pressão que hoje eles possuem. É evidente que o controle existe e que ele se expressa de forma bastante eficiente, tanto ao nível das torcidas quanto ao nível dos torcedores integrantes destas torcidas. Com a maior burocratização os aspectos de transposição dos valores do mundo do trabalho e da reprodução do capital (levantados no capítulo 1) são muito maiores sobre os trabalhadores/tor

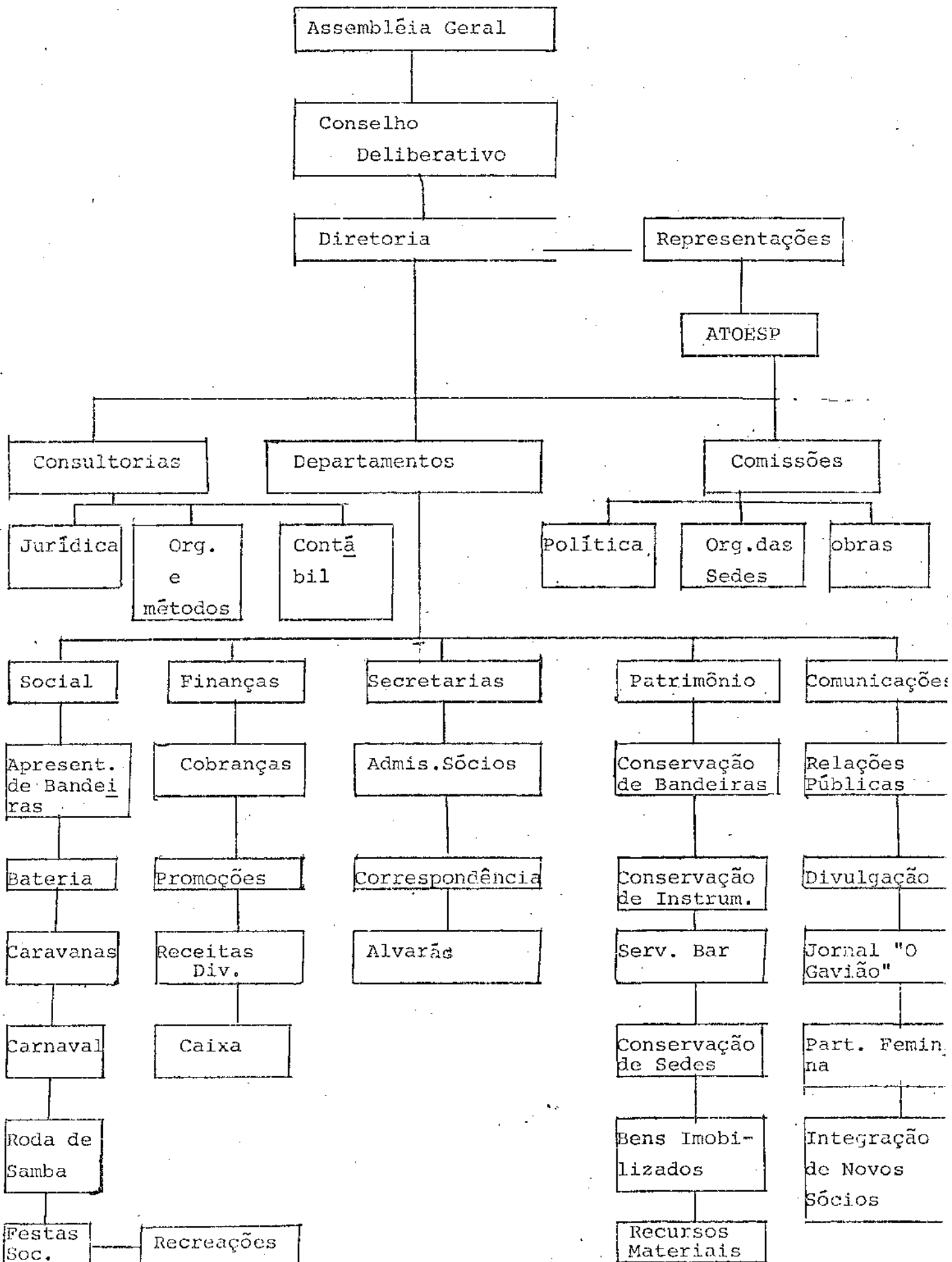
cedores durante o seu tempo livre que se transforma, assim, de forma mais contundente, num tempo de recuperação. Ocorre, no entanto, também o inverso. Se nos detivermos, então, no plano mais específico e restrito da torcida organizada em si e no torcedor, poderemos perceber que este controle não é tão extensivo e ostensivo assim. Há sempre uma margem de manobra e de ganho por parte de indivíduo, que escapa do controle e à manipulação estabelecida ao nível institucional.

É interessante refletirmos um pouco sobre algumas considerações de Gramsci. Ele diz que:

A filosofia* é uma ordem intelectual, o que nem a religião nem o senso comum podem ser. Deve-se ver como, na realidade, também não coincidem religião e senso-comum; entretanto, a religião é um elemento comum desagregado. Ademais, "senso comum" é um nome coletivo, como "religião": não existe um único senso comum, pois também ele é um produto e um devenir histórico. A filosofia é a crítica e a superação da religião e do senso comum e, neste sentido, coincide com o "bom senso" que se contrapõe ao senso comum. (p.14)

*"Tudo é político, inclusive a filosofia ou as filosofias, e a única "Filosofia" é a História em Ato, ou seja, a própria vida". Gramsci 1978, p. 44.

ORGANOGRAMA DA ADMINISTRAÇÃO DOS "GAVIÕES DA FIEL"



Na realidade, não existe filosofia em geral: existem diversas filosofias ou concepções do mundo, e sempre se faz uma escolha entre elas. Como ocorre esta escolha? É esta escolha um fato puramente intelectual, ou é um fato mais complexo? E não ocorre frequentemente que entre o fato intelectual e a norma de conduta exista uma contradição? Qual será, então, a verdadeira concepção do mundo; a que é logicamente afirmada como fato intelectual, ou a que resulta da atividade real de cada um, que está implícita na sua ação? E, já que a ação é sempre uma ação política, não se pode dizer que a verdadeira filosofia de cada um se acha inteiramente contida na sua política? Este contraste entre o pensar e o agir, isto é, a coexistência de duas concepções do mundo, uma afirmada por palavras e a outra manifestando-se na ação efetiva, nem sempre se deve à má-fé. A má-fé pode ser uma explicação satisfatória para alguns indivíduos considerados isoladamente, ou até mesmo para grupos mais ou menos numerosos, mas não é satisfatória quando o contraste se verificar nas manifestações vitais de grandes massas: neste caso, ele não pode deixar de ser a expressão de contrastes mais profundos de natureza histórico-social. Isto significa que um grupo social, que tem uma concepção própria do mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, descontínua e ocasionalmente - isto é, quanto tal grupo se movimenta como um conjunto orgânico - toma emprestada a outro grupo social, por razões de submissão intelectual, uma concepção que lhe é estranha; e aquele (o primeiro) grupo afirma por palavras esta concepção, e também acredita segui-la, já que a segue em "épocas normais", ou seja, quando a conduta não é independente e autônoma, mas sim submissa e subordinada. É por isso, portanto, que não se pode destacar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção do

mundo são, também elas, fatos políticos. (GRAMSCI, A. - 1976, p.147
15).

Dessa forma, o controle absoluto exercido pelo Estado, pelo sistema e por seus aparelhos ideológicos, tão reafirmados por Marcuse, Adorno ou Althusser, chocam-se com a visão gramsciniana dos diversos sentidos comuns e das diversas filosofias. É ainda em Gramsci que devemos buscar novos conceitos que nos auxiliarão numa melhor compreensão dos Gaviões e dos torcedores em geral. Vejamos o que ele diz nos primeiros parágrafos de sua Introdução ao Estudo da Filosofia e do Materialismo Histórico:

Deve-se destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. Deve-se, portanto, demonstrar, preliminarmente, que "todos os homens são filósofos", definindo os limites e as características desta "filosofia espontânea" peculiar a "todo mundo", isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que se conhece geralmente por "folclore".

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a esse modo, inconscientemente (porque, inclusive na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na "linguagem",

está contida uma determinada concepção do mundo), passemos ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência, ou seja: ao seguinte problema: é preferível "pensar" sem disto ter uma consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, "participar" de uma concepção do mundo "imposta" mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos vários grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (...) ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (Op.Cit. pp.11/12)

Na Nota 1 ele adiciona:

Pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos (...) quando a concepção do mundo não é crítica e coerente mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra. (...) O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um "conhece-te a ti mesmo", como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício do inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário. (Op.Cit. p.12)

Dentro deste raciocínio é que poderemos encontrar e avaliar as brechas de resistência que certamente existem e que são demonstradas no comportamento e na concepção de mundo dos Gaviões, dos integrantes da Vai-Vai ou nos depoimentos de Valdo no tópico "É povo na cabeça". Estar vivo e impor sua cultura (ou visão do mundo) é já uma forma de resistência e de não submissão. O caso da briga contra a torcida santista, mas principalmente o momento da interferência da política que, em última análise, representa o Estado que, por sua vez, representa a exploração e o controle e, também a reação contra os ocupantes do Mercedes esporte, são exemplos marcantes de uma concepção de mundo diferente da imposta pelo poder, embora seja ela difusa e/ou até instintiva, não totalmente percebida pelos próprios indivíduos que as expressam. Elas não têm, ainda, aquele princípio de elaboração crítica, indispensável ao "conhece-te a ti mesmo". São, ainda, homens-massa, que têm a consciência empírica e possível que podem ter naquele momento.

Há sempre um ganho por parte do torcedor. Um ganho que se traduz numa possibilidade, restrita é claro, mas real, de atuação e de participação sociais. Que mais resta ao trabalhador, àquele a quem foi retirada toda possibilidade de atuação junto à sua classe, ao seu bairro, à determinação de sua vida e dos seus, à escolha entre marcas e engenhocas (lembrada por Marcuse) do que a ilusão de atuação dentro de um estádio, xingando o adversário, agredindo o juiz, indispondo-se com outros torcedores, mas, sobretudo, identificando-se enquanto indivíduo, enquanto gente, quando se une numa torcida, principalmente organizada e, ali, juntamente com outros iguais, pode estravasas toda sua frustração e sua impotência?

Os símbolos comuns, a história de sua atuação conjunta, a identificação e a identidade criadas em torno de um clube, de uma torcida, de valores e normas que lhes são próprias, une-os

numa vontade comum e popular que, mesmo manipulada no plano mais geral e institucional, permite ao homem-massa sentir-se e atuar num nível mais crítico que o aproxima do filósofo gramsciano. Há uma situação conjunta, possibilitada pelo futebol e pela existência da torcida, que cria uma sub-cultura popular que se manifesta nos estádios, nas rodas de samba e nos ensaios e, sobretudo, que se afirma, na vivência conjunta e na valorização dos símbolos, dos ritos, e, mais do que isso, nos valores e na história por eles construída.

Formam uma comunidade de marginalizados, mas que possuem uma história e todo um universo de valores que lhes são próprios e que os identifica enquanto iguais. Isso lhes dá força e, se ao nível institucional não possibilita qualquer alteração ou transformação, pelo menos os coloca juntos, frente aos mesmos problemas, sob uma visão de conjunto. Há, assim, dentro de uma visão gramsciniana, uma dimensão política em sua atuação, enquanto sistematização de mundo que congrega e conjuga a concepção teórica deste mesmo mundo e a ação prática frente a este mundo. Há, portanto, uma concepção gavião do mundo à qual corresponde também uma vivência e uma prática gavião frente a este mesmo mundo.

Mesmo a existência de fissuras e cisões internas não invalidam a constatação e os argumentos acima, uma vez que a possível constituição de outra torcida organizada levará aos mesmos caminhos e a se percorrer os mesmos rumos das torcidas anteriores. Mesmo sob o controle e a manipulação, seja do Estado, no nível mais abrangente, seja do clube e de sua diretoria, num nível mais restrito, ou ainda, da própria "elite" dirigente da torcida organizada, estes indivíduos enquanto nova torcida organizada construirão nova história comum, novos laços de interação e ação, novos valores e novos símbolos que os unirá enquanto grupo organizado e reconhecido e, mesmo ao nível interno, quando novas divisões e fissões aparecerem, os laços'

de identificação e identidade construir-se-ão dentro dos mesmos padrões observados nas torcidas atuais.

Isso tudo dá-lhes a possibilidade de uma percepção mais apurada da realidade. Falta-lhe, isso sim, que brote deles o intelectual orgânico, aquele que vai dar sentido e direção à sua ação e à sua concepção de mundo expressando seus reais interesses e convicções. Não cabe ao homem-massa essa tarefa. Ela é dever do intelectual que nasce em seu seio e que, por seu papel de intelectual, deve saber fazer a ponte entre o senso-comum e a filosofia (ou a percepção crítica e política do mundo).

Vejamos o que o próprio Gramsci diz a respeito:

O homem ativo da massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação, que, não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma. Pode ocorrer, inclusive, que a sua consciência teórica esteja historicamente em contradição com o seu agir. É quase possível dizer que ele tem duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória): uma, implícita em sua ação, e que realmente une a todos os seus colaboradores na transformação prática da realidade; e outra, superficialmente explícita ou verbal, que ele herdou do passado e acolheu sem críticas. Todavia, esta concepção "verbal" não é inconsciente: ela liga a um grupo social determinado, influi sobre a conduta moral, sobre a direção da vontade, de uma maneira mais ou menos intensa, que pode, inclusive, atingir um ponto no qual a contraditoriedade da consciência não permita nenhuma ação, nenhuma escolha e produza um estado de passividade

moral e política. A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de "hegemonias" políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual a teoria e prática finalmente se unificam. Portanto, também a unidade de teoria e prática não é um fato mecânico, mas um devenir histórico, que tem a sua fase elementar e primitiva no senso de "distinção", de "separação", de independência apenas instintiva, e progride até a posse real e completa de uma concepção do mundo coerente e unitária.

(...) Autoconsciência crítica significa, histórica e politicamente, criação de uma elite de intelectuais: uma massa humana não se "distingue" e não se torna independente "por si", sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico de ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas "especializadas" na elaboração conceitual e filosófica. (Op. Cit. pp.20/21)

A torcida organizada, enquanto grupo que congrega aqueles que se encontram marginalizados das possibilidades de par

ticipação e, por sua prática, lhes oferece esta possibilidade, mesmo que de forma e num campo restrito e débil, face a estrutura total, é uma força potencialmente transformadora na medida que dá ao homem-massa a possibilidade de adquirir uma nova visão do mundo. Quando o coloca como integrante de um grupo institucionalizado e possuidor de uma história, de valores, normas, regras e símbolos rituais próprios e que, assim, constroem a possibilidade da emergência de uma nova cultura através da identificação e da auto-identificação de seus membros e valores. Isso lhes dá uma nova visão da realidade. E esta visão é sempre crítica pois representa a visão própria daquele grupo face à realidade maior.

Toda a prática gaviã é, na verdade, constituída de elementos e mecanismos que atuam em dois sentidos. Num, o primeiro, de reforçamento das instituições, normas e valores da ordem estabelecida e vigente que, ao final, saem reforçados pelo revesamento no desempenho de suas pressões, mas que, num segundo momento e sentido também diverso, atuam como elementos de união e de identidade entre seus membros, ao nível interno, o que possibilita, pela prática política, no sentido gramsciano, a viabilidade da superação destas mesmas instituições e estruturas.

Ocorre, portanto, um reforçamento da possibilidade de do devenir Gramsciano quando esses mesmos elementos atuam conjuntamente, unindo os desprovidos e dando-lhes, na prática diária, uma opção de atuação e de visão de mundo. Aí sim, enquanto cotidiano e não enquanto colocar-se à parte do mundo, eles atuam como possibilidade de transformação, quando dão os elementos imprescindíveis para a auto-identificação, o auto-conhecimento e, assim, a percepção crítica do homem-massa que adquire, então, a possibilidade de transformar-se num filósofo, num homem político, que conjuga sua visão do mundo com sua ação prática. É a própria praxis do mo-

vimento, então, que lhe dá sua dimensão e sua potencialidade política.

O controle à que o torcedor é submetido é evidente. Fica claro não apenas nos aspectos mais gerais mas também nos casos específicos e particulares. O caso de Batata e seu relacionamento com os Gaviões é significativo. Ele é uma espécie de torcedor símbolo. É fanático. Tem uma grande paixão pelo clube. Por isso mesmo não mede as consequências de seus atos. Assim, em termos da eficiência e das conveniências da torcida organizada, ele é um estorvo. Ele não se submete à uma ação e uma atuação disciplinada. É "maloqueiro" demais para os Gaviões. Estes, mesmo quando agem como "maloqueiros", agem como grupo e até um certo limite que não os comprometa enquanto grupo e, assim, não impossibilite ou não inviabilize sua atuação pública - junto à imprensa e, principalmente, junto à diretoria do Corinthians. É fundamental aos Gaviões, enquanto torcida organizada, serem reconhecidos e respeitados pela opinião pública para que possam pressionar e se fazer ouvir pela diretoria do Clube. Por isso eles preocupam-se tanto, ao nível formal, com o comportamento padrão de um Gavião. Por isso a proibição (também formal) aos tóxicos, às brigas, aos "maus comportamentos", enfim, enquanto se está vestido com a camisa-uniforme ou em situações em que poderão ser identificados como Gaviões.

Se é verdade que a dominação e o controle se apresentam nesse nível, não é menos verdade que tudo isso, como já foi sugerido no parágrafo acima, contribui também para a maior eficiência da atuação enquanto grupo e, assim, possibilita o que se poderia chamar de manipulação inversa do controle e da dominação. Na verdade, no plano real, mesmo os diretores, a "elite" Gaviã, não se opõe frontal e sistematicamente às brigas e outros comportamentos tidos, no nível formal, como repreensíveis e não aconselháveis à um gavião enquanto gavião. O caso da briga contra a torcida san-

tista é um bom exemplo. Ali, antes da briga, muitos diretores a incentivaram e, durante ela, Luiz Carlos, um diretor, participou ativamente. Não houve, inclusive, já que não houve qualquer desdobramento ao nível da imprensa ou da opinião pública, qualquer repreensão aos briguentos. Ao contrário, foram, durante a semana, frequentes os comentários entusiasmados a respeito dos acontecimentos. É só com esse controle, mesmo que apenas de fachada, que é possível conseguir o respeito da diretoria do clube e também o reconhecimento por parte do poder público e institucionalizado. Sem essa atuação tida como confiável, os gaviões nunca conseguiriam manter representantes no CORE, nem a ATOESP conseguiria dialogar com a Secretaria de Segurança Pública e, assim, possibilitar uma segurança maior ao torcedor. (Como dizia Flávio La Selva, presidente da ATOESP, "a polícia tem que entender que o torcedor tem que ser respeitado. Ele é um trabalhador e merece respeito. Ele não é um marginal".):

Se há, entretanto, um controle ou uma moderação do comportamento do torcedor organizado isso se faz em benefício de uma maior penetração de sua atuação ao nível institucional, criando uma prática e uma tática de contornar e de ajeitar a situação em seu próprio benefício, ou melhor, em benefício daquilo que eles consideram melhor para a "glória do time" e, conseqüentemente, para sua própria glória enquanto torcida organizada e enquanto torcedores integrantes desta torcida.

O torcedor, assim, com todos esses contornos e manobras, possibilitados pela atuação numa torcida organizada, consegue, ao mesmo tempo que é manipulado, manipular; ao mesmo tempo que é controlado, controlar; ao mesmo tempo que é cooptado pelo sistema, se apoderar dele, quando se apoderá, mesmo ao nível simbólico, mas não só a esse nível mas também na atuação prática e real, como grupo de pressão, interferindo na administração do clube e,

até, no policiamento. O seu poder se manifesta assim, atuando nos interstícios do sistema e possibilitando, mesmo que debilmente, uma participação e uma atuação daqueles que se encontram alijados do poder maior. Isso lhes dá, então, uma possibilidade de interferência num universo muito mais amplo do que conseguiriam como simples moradores e como integrantes das parcelas marginalizadas da população.

É assim que os Gaviões e, por extensão, os integrantes da Vai-Vai, ou de qualquer torcida organizada, ou grupos populares que possuam sua cultura própria, pela simples razão de existirem, constituem uma forma de resistência e uma possibilidade de transformação. A visão derrotista e pessimista da escola Frankfurquiana ou da contra-cultura norte-americana encontra, assim, em Gramsci, sua contrapartida, quando este expõe as potencialidades dos movimentos e da cultura popular. O popular, por ser popular e, portanto, por apresentar uma nova opção de reordenamento do mundo, oferece as possibilidades de superação das antigas estruturas, apontando os caminhos que, se seguidos, explorados e ordenados pelos seus intelectuais orgânicos, podem conduzir a transformações reais na concepção de mundo e na própria ordenação social. Dentro da concepção de bloco histórico de Gramsci, as transformações, já que a própria estrutura não é estática nem rigidamente determinada pelo nível econômico, seriam possíveis de ocorrer também e inclusive pelas pressões aos demais níveis, através de sua conjugação.

A atuação da torcida organizada dá-lhes, assim, uma nova ótica e um novo enfoque através do qual podem ver o mundo que os cerca. Constitue-se, mesmo, numa religião no sentido Gramsciano ou numa ideologia ou, ainda, numa filosofia que lhes é própria e que orienta sua atuação política. A fé do homem-massa a

sua concepção de mundo, faz-se através de sua identificação com o grupo a qual pertence e com os valores desse grupo. -É uma identificação emotiva e vaga mas que dá ao indivíduo a certeza de pertencer a um grupo com o qual compartilha interesses e compreensões. O senso-comum desse grupo constitui-se nos parâmetros de seu bom-senso, ou seja, na filosofia, mesmo vulgar, que orientará sua vida e ação.

É assim que podemos falar numa filosofia ou numa cultura popular gaviã, constituída de símbolos, normas, regras, valores e identidades que lhes dão características próprias e, através da vivência comum e cotidiana, possibilita à seus membros constituir e construir uma história própria que lhes dá uma característica peculiar e única, com suas especificidades e particularidades. Isso tudo, se não os livra da dominação, do controle e da manipulação da estrutura como um todo, dá-lhes, pelo menos, orientação para a ação e para uma auto-identificação que os coloca como diferentes dos demais, possibilitando-lhes um espaço de atuação um pouco maior e menos subordinado às determinações da grande estrutura e de todo seu aparato de poder e de dominação e manipulação. Enquanto grupo que se auto-identifica e que constroí, dentro de certos e precisos limites, sua própria história e universo e parâmetros para sua inserção no mundo, a torcida organizada possibilita um posicionamento crítico face à realidade, quando fornece ao homem-massa uma possibilidade de pensar a si mesmo, frente a si mesmo, e frente ao mundo. É, assim, um canal de conscientização, quando oferece essas possibilidades. Um canal débil, mas um canal, talvez um dos únicos possíveis numa sociedade autoritária e, no caso brasileiro, ditatorial. Aqui a dominação e o controle sobre as instituições e os indivíduos fazem-se muito maiores e violentas do que nas nações plenamente desenvolvidas e demo

cráticas. Lá, a introjeção e a mimetização de que nos fala Marcuse talvez tenham atingido níveis mais eficientes e sofisticados do que os daqui. Numa formação social autôritária, dependente e ditatorial, no entanto, como a nossa, a sofisticação do domínio é substituída pela violência e pela força; pela intervenção direta. Ou melhor, há uma conjugação dos dois critérios com uma super-atuação do segundo. Assim, até fisicamente controlado, pouco resta ao homem brasileiro que lhe possibilite atuar voluntariamente (independente da ação e do controle do Estado e de seus aparelhos). Cresce, então, de importância, as organizações do tipo da dos Gaviões que, congregando indivíduos marginalizados dão-lhes um mínimo de possibilidade de participação que o sistema e o Estado lhes roubam. São, significativas, as observações feitas por Chico de Oliveira em seu artigo "Acumulação Capitalista, Estado e Urbanização: A Nova Qualidade do Conflito de Classe" (1976) quando ele demonstra que, nos anos recentes, o conflito de classes no Brasil deslocou-se da oposição tradicional entre burgueses e proletários para concentrar-se na oposição camadas populares/Estado. Estado este que, indubitavelmente, representa os interesses burgueses mas que assume ele próprio, a tarefa não só de defender e impor a vontade e os interesses do capital, mas também a de vestir-se, ele próprio das características e dos trajes desta mesma burguesia. Assim a oposição e o conflito são centralizados contra o Estado e não contra o capital e/ou contra a burguesia e, ainda, não são apenas os proletários que se colocam nessa posição mas amplas camadas subalternas, ditas populares da Nação.

Assim, mais uma vez, cresce de importância, enquanto canal de participação e de atuação, as formas organizadas autonomamente de atuação popular. Só dentro dessa ótica é que é possível vê-las e entendê-las sem cairmos no negativismo crítico que as coloca como alienantes e alienadas e, por outro lado, sem cairmos'

na visão populista e popularesca do ufanismo popular que lhes confere legitimidade apenas e simplesmente pelo fato de serem populares. O popular muitas vezes, ou quase sempre, é controlado e manipulado, representando não a visão e os interesses do próprio povo, mas as intenções e a vontade daqueles que os controlam, através do controle da produção, dos meios de comunicação, dos aparelhos de estado e das ideologias. O período recente do Governo Médici, com toda ênfase emprestada ao esporte e ao futebol em especial é um exemplo marcante. Pode-se, no entanto, afirmar, face a tudo que foi relatado, que o tiro saiu pela culatra. Todo o aparato publicitário e ideológico montado sobre a conquista do tricampeonato mundial de futebol, não foram suficientes para retirar das massas aquilo que por tradição e conquista já lhes pertencia: o caráter autenticamente popular de sua prática e identificação. Ainda mais do que isso, ao restringir e impossibilitar por quantos meios e atitudes e canais que lhes eram possíveis, a organização e a expressão popular, ao incentivar e tentar, numa prática espúria, incorporar e cooptar o futebol segundo seus interesses, quando teve que reforçá-lo por ver nele um canal e uma brecha por onde a insatisfação latente poderia ser expressa mas poderia, por seu lado, ser eficientemente controlada, o próprio poder forneceu o caminho e o canal para a auto-identificação popular. Nós, os intelectuais, é que demoramos para perceber isso. O povo, bem, o povo, mesmo não conscientemente, mas na prática efetiva e real, sem teorizações, nunca deixou que seus valores lhes fossem roubados. É evidente que ele teve que ceder e que cedeu muito. Mas cedeu apenas nos aspectos administrativos. O controle foi instituído e se mostrou eficiente ao nível institucional e formal, mas nunca foi conseguido ao nível da identificação e do auto-reconhecimento. Neste nível, quem ganhou, e parece que ganha sempre, é o próprio povo no longo processo de construção de sua cultura e de sua história.

ADENDO

Natal, 7 de junho de 1978

Mãe,

Aí, na hora em que a coisa tava indo, tava indo... chega a Copa do Mundo e leva tudo pra lá. É sempre assim: não conseguimos fazer duas coisas ao mesmo tempo, não conseguimos asso -
biar e fazer xixi ao mesmo tempo, não conseguimos chutar bola e
fazer democracia ao mesmo tempo.

Mas sabe o que me dá raiva? Vez por outra vêm me perguntar se eu vou torcer pelo Brasil! Só porque a gente tá na oposição, eles acham que tamos contra a seleção também? Tão pensando que a seleção é prolongamento da Arena, pô? Sim, porque entre os méritos do último governo, além do milagre econômico (isôla!), sempre acrescentavam: o governo do Tri! Só pra gente ficar com ódio do Tri. E a gente era besta, a gente era bobão, não sabia das coisas e acabou deixando que o Tri fosse gol do governo. Gol deles uma pinóia!

Vou torcer pela seleção, vou rezar baixim na hora' do sufoco em cima do Edinho, vou cruzar despacho pra gente ganhar' só de 10 a zero!

Ora, afinal! quem é que tá pagando as despesas da seleção? A Arena? O dr. Governo? Umás tichas! Sou eu, somos nós! Como é que nunca percebemos isto? Que a seleção é feita por nós, aqui do bolso ô, com nossos impostos? Não é nenhum presente de governo' porqueira nenhuma!

Tã na rê? Desta vez ninguém vai me fazer ficar con

tra a seleção pensando que tô contra o AI-5, não. A seleção é do povo, assim como a greve é do trabalhador! E se a gente for campeão (putisgrila!!!), não me venha não sei quem falar que "esta é mais uma realização desta administração" não, porque a gente vai perder a compostura pra gritar: Aqui ô! Aqui ô!.

Não, não bebi não, mãe.

A benção do seu filho,

Henfil

(Henfil - in Isto É, nº 76, 7 de junho de 1978, p.82. Reeditado in Henfil - Cartas da Mãe, Rio de Janeiro, Codecri, 1980, pp.81/82.)

Bibliografia

- ADORNO, T.W. - "A Indústria Cultural" in Comunicação e Indústria Cultural, COHN, G. (Org.), São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1971.
- ALTHUSSER, Louis - Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado, Lisboa, Editorial Presença, 1974.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquin - "Os Gênios da Pelota" - Um Estudo do Futebol como Profissão, UFRJ, Museu Nacional, PPGAS, Rio de Janeiro, 1980.
- ÂNGELI - "Sai da Frente Fariseus" in Livrão de Quadrinhos Versus, Versus, 1977.
- BARTH, Fredrik - Los Grupos Étnicos y Sus Fronteras: La Organización Social de Las Diferencias Culturales, Fondo de Cultura Económica, 1976.
- BEAUD, M.; BELLON, B. e FRANÇOIS, P. - Ler o Capitalismo, Lisboa, ~~TEORÉMA~~, 1977.
- BERLINK, M. Tosta - Marginalidade Social e Relações de Classe em São Paulo, Petrópolis, Vozes, 1975.
- BICK, Diana - "Umbanda e Classes Sociais" in Religião e Sociedade, Nº 1, Maio de 1977, São Paulo, Ed. Hucitec, pp.31/42
- CAMARGO, Cândido P.F. de (E Outros) - São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza, São Paulo, Edições Loyola, 4a. Ed. 1975.
- CARDOSO, F.H.; CAMARGO, C.P.F. e KOWARIK, L. - Considerações Sobre o Desenvolvimento de São Paulo: Cultura e Participação, Cadernos do CEBRAP, S.P., 1973.
- CARDOSO, F.H. - Autoritarismo e Democratização, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- COHN, Gabriel - Comunicação e Indústria Cultural, Leituras dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de

- Massa Nessa Sociedade, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1971.
- DURHAM, Eunice e CARDOSO, Ruth - "Elaboração Cultural E Participação Social Nas Populações de Baixa Renda" in Ciência e Cultura, Vº 29, Nº 2, Fev. 1977, pp. 171/177.
- DURKHEIM, Émile - Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- FREIRE, Paulo - Educação Como Prática De Liberdade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo - Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- GAIARSA, José Ângelo - Futebol 2001, São Paulo, Summus, 1979.
- GLUCKMAN, Max - Custom and Conflict in Africa, Oxford, B. Blackell, 1963.
- GLUCKMAN, Max - "O Material Etnográfico na Antropologia Social Inglesa", in Desvendando Máscaras Sociais, Guimarães, Alba Z. (Org.), Rio de Janeiro, F. Alves, 1975, pp. 63/75.
- GODIN, Nailson - Corinthians Paixão do Povo, São Paulo, Global Ed., 1976.
- GOLDMANN, Lucien - "Consciência Possível e Comunicação" in Comunicação e Indústria Cultural, COHN, G. (Org.), São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1971.
- GOLDMANN, Lucien - Ciências Humanas e Filosofia - Que é a Sociologia? Rio de Janeiro, Difel, 1978.
- GOLDWASSER, M.J. - O Palácio do Samba: Estudo Antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1975.
- GRAMSCI, Antônio - Concepção Dialética da História, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- GRAMSCI, Antônio - Os Intelectuais e a Organização da Cultura, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

- GRAMSCI, Antonio - Literatura e Vida Nacional, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GUEDES, Simoni L. - "O Futebol Brasileiro - Instituição Zero", Dissertação de Mestrado PPGAS Museu Nacional da UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.
- GUIMARÃES, Alba Zaluar - Desvendando Máscaras Sociais, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- GRUPPI, Luciano - Conceito de Hegemonia em Gramsci, Rio de Janeiro, Graal, 1975.
- HENFIL - Cartas da Mãe, Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1980.
- HERNECKER, Marta - Los Conceptos Elementales del Materialismo Histórico, México, DF, Siglo Vientiuno, 3a. Ed., 1970.
- HUIZINGA, A. - Homo Ludens, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.
- IANNI, Octávio - O Colapso do Populismo no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- IANNI, Octávio - "O Estado e a Organização da Cultura" in Encontros com a Civilização Brasileira, Ano I, Nº 1, 1978 pp. 216/241.
- KOWARIK, Lúcio - Capitalismo e Marginalidade na América Latina, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2a. Ed., 1977.
- LEACH, E.R. - Repensando a Antropologia, São Paulo, Ed. Perspectiva S.A., 1974.
- LEVI-STRAUSS, Claude - Antropologia Cultural, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976.
- LUCKÁCS, Gyorgy - História y Consciencia de Classe: Estudios de Dialética Marxista, México, Grijalbo, 1969.
- LOBATO, Monteiro - "Futebol" in Literatura de Minarete, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1959, pp. 179/186.
- MALINOWSKI, B. - Argonautas do Pacífico Ocidental, São Paulo, Abril Cultural, 1978.

- MARCUSE, Herbert - A Ideologia da Sociedade Industrial, Rio de Janeiro, Zahar, Ed., 1969.
- MARX, Karl. - Economia Política e Filosofia, Rio de Janeiro, Editora Melso S/A, 1963.
- MARX, Karl - O Capital, Livro I, Volume I, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1975.
- MARX, Karl - Introdução (À Crítica da Economia Política), in Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1978, pp.104/125
- MARX, Karl e ENGELS, F. - Ideologia Alemã, Lisboa, Ed. Presença, 1974.
- MATTA, Roberto da - "O Ofício do Etnólogo, ou Como Ter Anthropological Blues", in Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Nova Série, Antropologia, Nº 27, Maio de 1975.
- MATTA, Roberto da - "CARNAVAIS, PARADAS E PROLISSÕES: REFLEXÕES SOBRE ORNAMENTOS" in Religião e Sociedade Nº 1, Maio de 1977, São Paulo, Ed. Hucitec, 1977, pp. 3/30.
- MATTA, Roberto da - Um Mundo Dividido, Petrópolis, Vozes, 1976.
- MATTA, Roberto da - Carnavais, Malandros e Heróis, Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- MYRA Y LOPEZ, E. e SILVA, Athayde R. da - Futebol e Psicologia, São Paulo, 1964.
- MOISÉS, José Álvaro (E Outros) - Contradições Urbanas e Movimentos Sociais, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- OLIVEIRA, Francisco de - "A Acumulação Capitalista, Estado e Urbanização: A Nova Qualidade do Conflito de Classe" in MOISÉS, J.A. (Org.), Contradições Urbanas e Movimentos Sociais, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- ORTIZ, Renato - "Cultura Popular: Organização e Ideologia" in Cadernos de Opinião nº 12, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra S/A, pp. 65/69.

- RADCLIFFE-BROWN, A.R. - Estrutura e Função na Sociedade Primitiva
Petrópolis, Vozes, 1973.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. - "A Posição Atual dos Estudos Antropológicos" in Guimarães, A.Z. (Org.) Desvendando Máscaras Sociais,
F. Alves, 1975, pp. 177/194.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. - "O Método Comparativo em Antropologia Social" in Guimarães, A.Z. (Org.), Desvendando Máscaras Sociais,
F. Alves, 1975, pp.195/210.
- RODRIGUES FILHO, Mário - O Negro e o Futebol no Brasil, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1947.
- ROSENFELD, Anatol - "O Futebol no Brasil" in Argumento nº 2, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- SALDANHA, João - Os Subterrâneos do Futebol, Rio de Janeiro
- VINNAI, Gerhard - El Fútbol como Ideología, Argentina, Siglo XXI, Ed. S/A., 1975.
- VELHO, Octávio Guilherme - Capitalismo Autoritário e Campesinato, um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento, São Paulo, Difel, 1976.
- GALLUP - Instituto de Pesquisa: "Futebol e Classes Sociais em São Paulo", São Paulo, 1976.
- FOLHA DE SÃO PAULO - Arquivos de Jornais - Período de 1968/1978.
- GAZETA ESPORTIVA - Arquivos de Jornais - Período de 1968/1978.
- Coleção de Jornais "O GAVIÃO" do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida Unida.
- Arquivos da Federação Paulista de Futebol
- Arquivos do S.C. Corinthians Paulista
- Arquivos do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida Unida.